

Diário de Lisboa

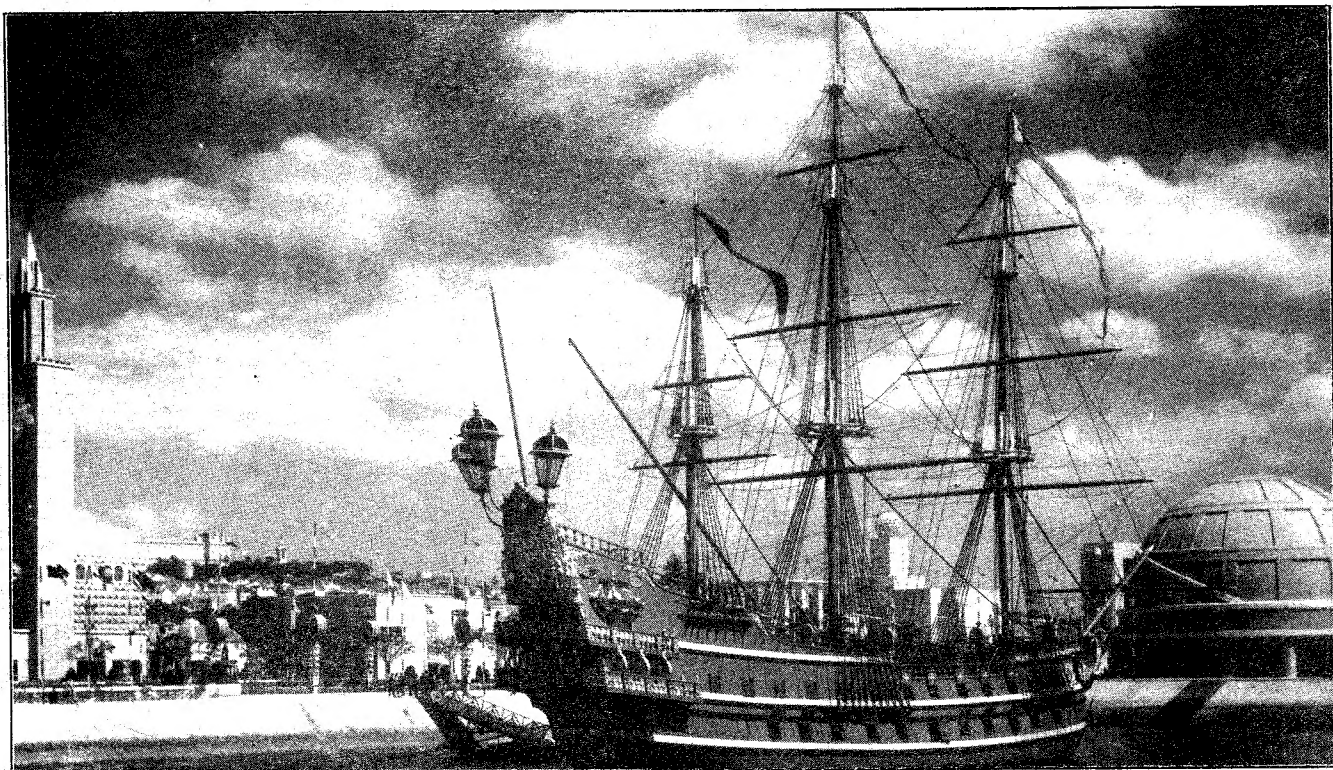
FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23264

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUARTA-FEIRA 20 JUNHO 90 70\$00

VI Conferência mundial em S. Francisco

Sida: a epidemia do medo



Doentes contaminados têm, pela primeira vez, oportunidade de participar nos debates desta reunião científica internacional

CEE vai a tribunal por ter recusado admitir um seropositivo de nacionalidade portuguesa

Págs. 2 e 3

Há 50 anos

Um falso conto de fadas

No sábado, dia 23 de Junho, faz 50 anos que foi inaugurada a Exposição do Mundo Português. A iniciativa cultural transformou-se no cartão de visita do Governo de Salazar em tempo de guerra e mostrou um regime desejoso de, temporariamente, conquistar a *inteligência* portuguesa fosse qual fosse o seu credo político. Polémica, propagandista, a Exposição constituiu, sem dúvida, um importante capítulo da história de Lisboa. O DL procura as memórias da época e os vestígios que perduraram através de um suplemento coordenado por Marina Tavares Dias, com a colaboração de Dina Soares, José Augusto-França, Luísa Alexandra Botinas, Paulo David, Paula Sá e Rodrigues da Silva e com os depoimentos de António Lopes Ribeiro, Elina Guimarães, Fernanda de Castro, Maria Keil, Mário Neves e Piteira Santos.

Suplemento de 8 páginas incluído nesta edição

Cinquentenário da Exposição do Mundo Português



Macau: «baixa» em perspectiva na Administração

Segundo fontes próximas da Administração de Macau, Magalhães e Silva, secretário-adjunto para os Assuntos de Justiça, apresentou a sua demissão ao Governador Carlos Melancia, tendo-lhe este solicitado que ponderasse novamente a decisão. Magalhães e Silva, advogado, assumiu funções em Julho de 88, quando o território se encontrava sob a emoção do caso TDM/Emaudio, que originou a prisão de dois administradores da Teledifusão de Macau. Magalhães e Silva deslocara-se ao território a fim de estudar o processo, acabando por ser convidado para substituir José António Barreiros, que apresentara a sua demissão. Dois anos depois, quase dia por dia - os rumores da demissão de Barreiros começaram a correr depois do 10 de Junho de 88 - é a vez de Magalhães e Silva querer sair por sua vez. Por coincidência, quando volta a agitar-se em Macau o nome da Emaudio, desta vez ligado ao caso de um eventual suborno relativo ao aeroporto de Macau. Na base do pedido de demissão apresentado por Magalhães e Silva estariam, segundo as nossas fontes, divergências em aspectos políticos, jurídicos e estatutários, que o Secretário-Adjunto consideraria inultrapassáveis. Esta nova «baixa» na equipa Melancia surge numa altura em que se multiplicam - quer da parte do Governador, quer do Presidente da República, quer do elemento do Governo destacado para as comemorações do 10 de Junho em Macau - referências à necessidade de estabilidade político-administrativa no território.

Crise em Israel sem solução à vista

Do nosso enviado especial, Duarte Calvão

O grande influxo de judeus soviéticos à «Terra Prometida» (alvo de forte contestação dos vizinhos árabes), que contribui para o agravamento do conflito nos territórios ocupados, parece tornar insolúvel

a crise israelita. Por outro lado, parece que Washington vai reduzir o apoio a Telavive. Mas Israel, todos o reconhecem, está para ficar.

Pág. 9



José Magalhães continua na bancada do PCP

Pág. 4

Polémica na escolha das frequências das rádios regionais

Pág. 13

Heliporto: o primeiro em Portugal

Pág. 14

Tavira: entrevista com o presidente da Câmara Municipal

Págs. 16 e 17

«Paciência»: crónica de Jorge Listopad sobre a derrota da Checoslováquia

Pág. 26



FORTE PAGO

O aumento galopante dos casos de Sida a nível mundial está a preocupar os cientistas. Em S. Francisco, na VI conferência internacional sobre a epidemia, está a fazer-se o ponto da situação. Para já, os resultados não são animadores

GRANDE ANGULAR

Os factores do medo



Hospital Curry Cabral: a exaustão e o incompreensível

Médicos do Curry Cabral não aguentam mais

O hospitais de Santa Maria, Egas Moniz, D. Estefânia e Curry Cabral são os quatro estabelecimentos, em Lisboa, que acolhem e acompanham as vítimas da Sida. Porém, este último, onde se recebem mais pacientes é o que está mais ligado a esta doença. O Pavilhão F (serviço de doenças infecto-contagiosas) já é bem conhecido.

O dr. Abílio Morgado, desta unidade, desabafou ao DL: «temos cada vez mais doentes internados com Sida, o pessoal médico e paramédico está sobrecarregado física e psicologicamente. Já não aguentamos! Assiste-se a um doente com o HIV equivale a assistir dez doentes com outras complicações. Já apelamos ao Ministério da Saúde para resolver a situação que, quanto a nós, passa pelo melhoramento das infra-estruturas e pela descentralização».

Segundo este médico, «os hospitais regionais têm condições para receber doentes com Sida. O pessoal tem obrigação de estar informado. Se não está, informe-se, mas não use a sua ignorância para transferir os doentes para os hospitais centrais. É preciso descentralizar».

G.O.

Especialistas de vários países estão reunidos, desde hoje, nos Estados Unidos, para participarem na VI Conferência Internacional sobre Sida. Esta doença que atingiu já 700 mil pessoas em todo o mundo, é considerada, de facto, a epidemia do século XX.

Durante os próximos cinco dias, o Moscone Center irá abarcar cerca de 15 mil participantes «de toda a parte do mundo».

Segundo declarações prestadas ao DL por Andrew Small, do gabinete de imprensa da VI conferência, «este encontro, com o tema geral "Do conhecimento científico à definição de novas políticas sociais", não terá, propriamente, conclusões, uma vez que o objectivo é debater as informações até agora existentes».

A Comunicação Social está cá toda, incluindo a China, e permanecerá até ao encerramento, que será no próximo domingo, às 12 horas e 30 (hora local).

Apesar de em todo o mundo se terem feito apelos para que a população não entre em pânico, este sentimento parece querer instalar-se. A organização norte-americana deste congresso começou por colocar restrições à entrada de infectados pelo vírus, o que originou a decisão tomada por dezenas de grupos, inicialmente dispostos a participar no encontro, de aderirem a um boicote contra as restrições.

Mas o receio dos EUA não fica por aqui: este país não hesitou em ressuscitar uma lei que impede a entrada de homossexuais, mesmo para uma simples visita, nos Estados Unidos. Esta situação poderia alterar-se com a referida conferência, mas segundo uma fonte dos Serviços de Imigração e Naturalização norte-americanos, em declarações ao DL, «ainda não se verificou nenhum caso concreto de homossexuais que tivessem desembarcado nos Estados Unidos, assumindo-se como tal, o que pode acontecer a todo o momento. Nós não tomamos qualquer iniciativa, mas se alguém se denunciar, teremos de aplicar a lei».

Perante esta atitude, pode constatar-se que os efeitos decorrentes do receio da epidemia estão a revestir formas e a tomar proporções assustadoras. O fenómeno é tanto mais grave quanto são conhecidas as formas de contágio e propagação da doença, sabendo-se portanto que os homossexuais não constituem o único grupo de alto risco.

Assustada está também a Organização Mundial de Saúde que faz balanço sombrio sobre a Sida nesta conferência internacional. A OMS afirma que a descoberta de uma vacina eficaz e barata não será descoberta tão depressa e que neste momento o número real de casos, em todo o Mundo, ascende a 700 mil, apesar de estarem oficialmente declarados apenas 260 mil.

Esta organização declara que existem de 6 a 8 milhões de pessoas infectadas pelo vírus HIV. Destas pessoas, dois terços são do sexo masculino e um terço do feminino.

No ano 2000 o número de pessoas infectadas poderá ser entre 15 a 20 milhões.

A OMS estima que a maioria das pessoas infectadas desenvolvam a doença ao fim de dez anos.

A transmissão heterossexual da infecção do HIV desenvolve-se «lenta e regularmente», nos países industrializados, em particular nas zonas urbanas, segundo a OMS.

Actualmente, cerca de 60 por cento das pessoas infectadas pelo HIV, a nível mundial, foi contagiada através de relações heterossexuais. Mas, até ao ano 2000, esta percentagem deverá chegar aos 75 ou 80 por cento.

Desde que a Sida foi identificada, em 1981, morreram já, nos Estados Unidos, mais de 50 mil pessoas vítimas da doença. Só em São Francisco registaram-se, até agora, 5.500 vítimas mortais, a maioria homossexuais, devido à Sida.

A situação em Portugal

Por cá os últimos dados datam de 31

de Março do corrente ano, tendo sido notificados 410 casos de Sida, dos quais 47 causados pelo HIV-2. Deste total registaram-se 210 mortes.

Em 1989 foi notificado um total de 149 casos, enquanto no primeiro trimestre deste ano registaram-se já 62.

Quanto ao sexo e à idade, os homens mantêm a maioria e o período etário de maior incidência situa-se entre os 35 e 39 anos.

Os homo e bissexuais continuam a ser os mais afectados, seguidos pelos heterossexuais.

Segundo a bióloga Odete Ferreira, «Portugal é um país pouco promíscuo e não tem grande prevalência de droga, o que implica que tenha o índice mais baixo de casos de Sida, em relação a outros países. Não se pode dizer, por isso, que a situação em Portugal seja alarmante. É um caso grave, mas não devemos entrar em pânico nem aterrorizar as pessoas».

Como solução, Odete Ferreira insistiu na educação e informação. «As pessoas necessitam de ser informadas mas, mais do que isso, têm de ser educadas. Há que falar de sexo naturalmente às crianças. Não pode haver tabus por parte dos pais ou dos professores. É preciso também uma boa campanha de informação. E aí cabe à Comunicação Social ter um papel primordial, sem ser sensacionalista».

Quanto à descoberta de uma vacina, a bióloga não demonstrou grandes esperanças. De facto, segundo Odete Ferreira «existem várias questões relacionadas com a vacina. Mesmo que já tivesse sido descoberta, como poderia ser testada? A quem iríamos aplicá-la? Estas e outras questões distanciam-nos cada vez mais dessa possibilidade. Como tal, acho que antes do ano 2000 não haverá qualquer evolução nesse sentido. O mesmo já não digo em relação a um medicamento que possibilite a cura, sem prejudicar o organismo. Tenho esperanças que entretanto surja algumas coisas».

Gisela Oliveira

Já morreu há 24 horas!

Por vezes contam-se histórias rocambolescas de cuja veracidade se duvida. Mas esta foi confirmada pelo DL e os factos que aqui relatamos passaram-se recentemente.

Um indivíduo do sexo masculino, vítima de sida, tinha sido internado de urgência no hospital Curry Cabral. Na segunda-feira, 11 de Junho, um seu amigo, após a hora da visita, deixou à enfermeira de serviço todos os contactos telefónicos possíveis, para no caso de acontecer algo de grave, telefonar de imediato para os familiares do paciente. «Esteja descansado. Aliás, nem era necessário deixar o telefone de casa, porque já o temos», disse a dita enfermeira.

No dia seguinte, terça-feira, o mesmo amigo, telefonou para o Curry Cabral, às 17 horas e 30, tentando saber informações do doente. «Esse senhor já morreu há 24 horas!», disse-lhe o enfermeiro de serviço do Pavilhão F.

Primeiro não quis acreditar, pois estava, nesse momento, com a família do internado e esta não sabia de nada. Depois foi o desespero e a angústia total. Ele que tinha deixado todos os contactos!

Mas a história não acaba aqui. Estava-se em vésperas de dois feriados consecutivos e o enfermeiro de serviço no hospital apressou-se a informar que o corpo só poderia sair na sexta-

feira, dia 15. Cada vez mais estupefacto com o sucedido, o amigo da vítima decidiu telefonar de novo para o hospital no dia seguinte de manhã, pensando que estaria de serviço outro enfermeiro e, consequentemente, lhe fosse confirmado ou desmentido a afirmação que lhe fora feita anteriormente.

«O meu colega disse-lhe isso? Não é verdade. Quando estes casos coincidem com feriados são remetidos, de imediato, para as urgências e o corpo pode ser levantado», afirmou então a enfermeira contactada nessa quarta-feira.

Papéis tratados, o funeral seguiu para o Algarve na quinta-feira, feriado nacional. A vítima, à qual não foi feita autópsia porque «as pessoas que morrem por sida não são autopsiadas», segundo um médico do hospital Curry Cabral, teve de ir numa urna de chumbo, devido às circunstâncias.

Este é um caso, entre muitos outros, perante o qual as pessoas envolvidas sentem-se impotentes. Muitos serviços essenciais páram em Portugal no tempo da praia, nos feriados e nos fins-de-semana. Não há ninguém, com frequência, para resolver seja o que for. Mas para quê tanta admiração? Afinal só morreu mais uma pessoa...

G.O.



A OMS afirma existirem, actualmente, 700 mil casos de Sida a nível mundial

Caso controverso no tribunal da CEE

«Inaptidão» física reprova candidato

Do nosso correspondente em Bruxelas

A Comissão europeia considera haver um nítido «aproveitamento» do impacto público da doença no caso do português, candidato a funcionário e reprovado por «inaptidão» física. O português em questão apresentou queixa no Tribunal de Justiça da CEE, no Luxemburgo, alegando ter sido alvo de discriminação por ser doente da Sida.

Contrariamente ao que alguns jornais noticiaram, não se trata de um funcionário, mas de uma pessoa contratada temporariamente e que pretendeu candidatar-se a um lugar nas Comunidades. O referido indivíduo, segundo uma fonte altamente colocada na Comissão europeia e que solicitou o anonimato, foi quem deu a conhecer a doença de que é portador. E isto porque a comunicação oriunda dos Serviços Clínicos para a Secção de Recrutamento de Pessoal refere apenas «inaptidão» física. Como é normal, o recrutamento limita-se a tomar conhecimento de que determinado candidato não preenche as condições físicas para ser admitido ao serviço.

Nenhum candidato é sujeito ao teste da Sida sem que o permita. Aliás, a Comissão considerou que, neste caso, o médico tomou a iniciativa de chamar o candidato e comunicar-lhe a existência da doença em estado avançado. Esta informação inscreveu-se numa atitude que o médico entendeu ser da sua competência profissional e dela não deu conhecimento aos Serviços de Recrutamento.

A partir do momento em que o caso extravasou para o domínio público, responsabilidade que a Comissão rejeita pelo facto de ele não ter, até então, conhecimento, houve informações que indicaram um comportamento «eventualmente premeditado» do indivíduo. O seu estado de debilidade era disfarçado com algum esforço, durante o tempo em que trabalhou como tarefeiro. Por outro lado, há a sensação, por parte da Comissão, de que o interesse reside numa indemnização de 40 mil contos.

No entanto, há outro dado que suscita dúvidas. O teste ao Sida não é obrigatório e só é feito com autorização expressa do candidato. Tudo indica que o estado de saúde do indivíduo indicava a existência de uma doença grave. Correria ele o risco de autorizar o teste nestas circunstâncias? Ou a doença foi detectada com base no sangue colhido para outros ex-

ames? E, nestas circunstâncias, com que autoridade agiu o médico que prescindiu da autorização do candidato? Ou na sua qualidade de clínico, entendeu este que o estado de saúde do doente justificava a imediata detecção do mal de que padecia? Ou ainda, poderia o médico pretender identificar uma doença que não fosse, por exemplo, a Sida? São tudo interrogações a que o Tribunal vai responder se, efectivamente, o queixoso for por diante com a queixa.

Segundo uma informação colhida pelo «DL», o processo estaria ainda em fase de poder ser suspenso, no caso do queixoso ser aconselhado nesse sentido.

O informador da Comissão disse haver uma outra queixa similar da parte de um cidadão de nacionalidade alemã. No entanto, não conseguimos apurar se esta já dera entrada no Tribunal de Justiça da CEE, no Lux-

emburgo.

A Comissão europeia, segundo um responsável altamente colocado, tem assumido a defesa dos doentes de Sida e tem-se manifestado contra a sua marginalização. O responsável recordou que ainda recentemente, conforme foi noticiado pelo «DL», a Comissão recusara fazer-se representar oficialmente numa conferência, nos Estados Unidos, onde não seria permitida a entrada de indivíduos portadores de Sida. Nesse caso, a Comissão fez-se representar a nível técnico, atitude condenada por alguns estados-membros, que entenderam não lhe competir uma atitude de protesto.

Um drama

O mesmo informador levantou outra questão inerente aos tarefeiros. Pelo facto de serem admitidos temporariamente, não são submetidos a nenhum exame médico. Tem acontecido, nalgumas situações, funcionários depararem com indivíduos doentes que trabalham a seu lado mas que não beneficiam de nenhuma prerrogativa em termos de assistência médica.

O problema suscita questões humanas que, eventualmente, não se colocariam se os tarefeiros fossem submetidos a exames médicos, à semelhança do que acontece com qualquer funcionário. Aliás, a Comissão considera extremamente rigorosos os exames a que são submetidos os candidatos. Posteriormente, já como funcionários têm de efectuar um rastreio anual.

José Rui Cunha

COMENTÁRIO

A peste de quatro letras

Há um ano o País dividia-se entre espanto e receio. Cláudio Barroso, um miúdo hemofílico e portador do vírus da sida, deixava a escola primária de Vale de Maceira, no Alto Alentejo. Uma aldeia com pouco mais de 300 habitantes mobilizava-se contra ele, por receio de contágio. De nada serviram as «sessões de esclarecimento», feitas por Laura Ayres, nem a recepção estilo festa que a Comissão Parlamentar de Saúde da Assembleia da República organizou, quando ele e o irmão mais novo, também seropositivo, visitaram S. Bento. Segregadas, as crianças deixaram a sua terra, mudaram-se com os pais para outra vila alentejana, sem haver uma escola que abrisse as portas. Entretanto o Ministério da Educação imitava Pôncio Pilatos, anunciando a nomeação de um professor para dar aulas a Cláudio - em casa.

Em Março muita gente se indignou quando um médico do Funchal divulgou a identidade de uma «grávida seropositiva» que afinal nada tinha. Uma mulher cujo parto foi filmado sem consentimento, a quem disseram que tinha a doença e que o filho podia ser igualmente portador do vírus HIV. Uma habitante de um meio pequeno onde, apesar dos desmentidos posteriores, ainda haverá quem acredite não haver fumo sem fogo.

Agora é a vez de todos nos espantarmos com o que se passa no Hospital Curry Cabral: um seropositivo morre, entre dois feriados. A família não é avisada a tempo de se despedir do doente, não há autópsia, o caixão é despachado como se de lixo se tratasse e, fazendo letra morta das mais elementares regras sanitárias e humanas, uma enfermeira só aceita vestir o defunto depois de paga. Sabendo-se que basta colocar um par de luvas esterilizadas para evitar qualquer perigo de contágio, a atitude desta técnica de saúde revolta até dizer chega: mais não fez do que ganhar dinheiro com a dor dos outros. Mas o procedimento do hospital, um dos três que, em Lisboa, faz acompanhamento de doentes de sida, também não tem classificação. Nem mesmo em semana de «pontes» se aceita que haja serviços de saúde tão negligentes que não cuidem de avisar familiares de um moribundo, e médicos que fazem tábua rasa da obrigação legal de autopsiar quem morre num hospital, seja seropositivo ou não. Depois de tal omissão, qual terá sido a causa da morte referida na certidão de óbito? Paragem cardíaca? E, de entre as muitas doenças provocadas pela imunodeficiência resultante do vírus HIV, qual será a escolhida, quando os técnicos do Curry tiverem de fornecer dados ao Grupo de Trabalho Sida? Resta saber se, conhecendo tais omissões, é possível continuar a acreditar no valor das publicações que o grupo faz, embora sejam a única fonte oficial de dados para quem se quiser informar sobre a doença.

Pedir rigor científico no que se refere à sida não é coisa de sobremesa. Foi por não saber que as duas crianças de Vale de Maceira, embora seropositivas, nenhum perigo de contágio oferecem, que a aldeia lhes fechou a escola, num desconhecimento aliás idêntico ao da população de Machico e, em geral, à maioria dos habitantes deste País. Há nove anos que Luc Montagnier e Robert Gallo identificaram o vírus e o primeiro caso mortal, reconhecido, no nosso País ocorreu em 1985. Entretanto as campanhas de informação das autoridades portuguesas não conseguiram criar uma opinião pública consciente e prevenida. Com a cabeça enterrada na areia continuamos a pensar que a sida é uma espécie de peste - que só acontece aos outros.



Maria Gulomar Lima

POLÍTICA

B R E V E S

Cooperação jurídica entre Portugal e Moçambique

O ministro moçambicano da Justiça, Ussemame Dauto, que desde ontem se encontra em Portugal a convite do seu homólogo, Laborinho Lúcio vai assinar um acordo de cooperação jurídica entre os dois países. O protocolo, que será assinado no dia 26 de junho, situa-se nas áreas da identificação civil e criminal, do processo civil e do direito criminal.

Cavaco Silva compreende razões de Beleza

Cavaco Silva afirmou ontem compreender as razões invocadas por Leonor Beleza ao pedir a demissão de vice-presidente do PSD, mas recusou dizer se tenciona substituí-la no cargo. «Ainda não pensei se o farei», disse o líder do PSD. Entretanto, Leonor Beleza manteve-se ontem no seu lugar de deputada na bancada social-democrata.

Municípios de Beja querem meios financeiros

A Associação de Municípios do Distrito de Beja, AMDB, alertou as populações para as consequências da «asfixia financeira» das autarquias e reclamou ao Governo meios para o desenvolvimento local e regional. De acordo com a AMDB, as dificuldades que as câmaras vivem derivam da «deficiente aplicação da primeira lei das Finanças Locais», entre outros factores.

Correia de Jesus visita a RFA

O secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Correia de Jesus chega hoje a Bona para uma visita de três dias à Alemanha Federal. Durante a viagem, o responsável do Governo português encontra-se com representantes alemães dos sectores do Emprego, e Segurança Social.

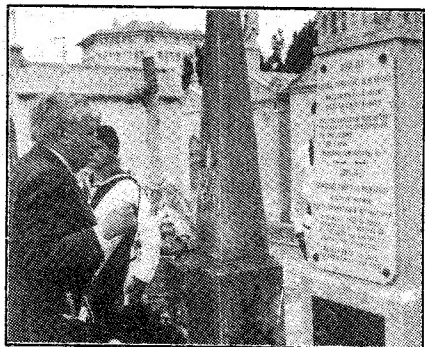
PCP debate acordo ortográfico

O Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português promove hoje à noite um colóquio sobre «A língua portuguesa e o acordo de unificação ortográfica». No encontro participam os professores Maria Helena Mira Mateus, Oscar Lopes e Manuel Ferreira. Além deste debate os comunistas organizam um colóquio na quinta-feira sobre a «Lei de Bases da Saúde e Perspectivas da Política de Saúde». Intervêm Isabel Sanches, Orlando Leitão, Rui Pinhão, Souto Teixeira e o deputado João Camilo.

Governo ausente de homenagem

A ausência de qualquer membro ou representante do Governo na homenagem ao comandante Henrique Lopes de Mendonça, autor da letra de «A Portuguesa», promovida pela Estado Maior da Armada, e que foi presidida por Mário Soares, causou profundo mal estar no seio da Marinha. Houve quem considerasse o facto como uma «afronta» e atribuiu essa

ausência à colaboração que a Câmara Municipal de Lisboa deu à iniciativa, classificando a atitude do Governo como de «falta de sentido de Estado».



Secretariado do PS: pelouros só na sexta

O Secretariado Nacional do Partido Socialista reúne-se na próxima sexta-feira, para distribuir pelouros entre os seus elementos. A decisão está nas mãos de Jorge Sampaio e dos militantes que ele convidou e aceitaram integrar este órgão. Isso não impediu o líder socialista de, durante o dia de ontem - em princípio consagrado às reuniões semanais do Secretariado - ter consultado os seus camaradas de Direcção do partido.

Oficiais adiam encontro de Tomar

Firmino Miguel ordena averiguações

O chefe do Estado-Maior do Exército ordenou a abertura de um processo de averiguações junto dos oficiais oriundos da Academia Militar que vieram a público contestar o Estatuto da Carreira Militar, mas ainda não há quaisquer resultados da iniciativa, apurou o DL em meios castrenses. Esta «manobra intimidatória», como alguns consideram a decisão do general Firmino Miguel, não desmotivou os oficiais do Quadro Permanente envolvidos nem os levou a mudar a estratégia, apesar da reunião geral prevista para sexta-feira, em Tomar, ter sido adiada, em julho - soube também o DL.

Os oficiais superiores do Exército que há dias solicitaram ao chefe do Estado-Maior a suspensão do Estatuto da Carreira Militar que na prática lhes veda o acesso ao generalato e deverá também impedi-los de passar à reserva no posto de coronel, têm vindo a reunir-se um pouco por todo o país. Na área de Lisboa essa reflexão, contudo, tem-se processado com mais dificuldades, sobretudo por «afazeres dos interessados». É esta a razão por que a reunião geral de sexta-feira foi

adiada para meados de julho, não estando ainda escolhido o local.

Parece que a hipótese de ter lugar em Tomar já não se coloca, apenas por motivos geográficos, «porque ninguém nos pode proibir de almoçar ou jantar juntos, de confraternizar», disse um dos elementos desse «grupo de reflexão» que há cerca de três semanas entregou ao chefe do Estado-Maior do Exército e ao ministro da Defesa um documento que o «DL» publicou, na íntegra.

Os militares do Quadro Permanente continuam a sua «reflexão», aguardando uma reacção do Governo. Não está nos horizontes desses oficiais o lançamento de qualquer associação, idêntica à dos sargentos, e só em último recurso mobilizarão o poder político.

Fonte ligada ao grupo admitiu ao DL que o ministro Fernando Nogueira estará sensibilizado para o problema, razão por que todas as suas diligências se resumem, neste momento, a encontros de avaliação da situação, alargando ao mesmo tempo a sua influência a outros oficiais até aos generais, boa parte dos quais apoia esta tomada de posição



Firmino Miguel

ética e profissional.

A alteração do estatuto de carreiras militares levou o ministro da Defesa a solicitar estudos aos chefes de estado-maior, não sendo dispendioso admitir que algumas «reivindicações» venham a ser atendidas. Em particular, o «entupimento» que prejudica os oficiais intermédios (capitães, maiores e tenentes-coroneis), situação que se agravou depois do alargamento do tempo de passagem à reserva dos coroneis

e generais que permitiu a Soares Carneiro candidatar-se a chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Há quem receie a criação de «quadros de adidos», isto é, de uma situação transitória entre a efectividade de serviço e a reserva.

Uma reflexão estratégica

O ministro da Defesa Nacional reuniu-se esta manhã com o Núcleo de Reflexão Estratégica para preparação do debate público sobre defesa nacional. Para este encontro foram convidados Franco Nogueira, João Salgueiro, Virgílio de Carvalho, Alvaro Vasconcelos, José Luís Jesus, Maria Carrilho e Bernardino Gomes.

O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Soares Carneiro, e os directores do Instituto de Defesa Nacional e do Departamento Estratégico do EMGFA, general Gonçalves Ribeiro, fazem igualmente parte deste grupo. Foram também convidados Jaime Gama (que por estar ausente nos EUA não participou na reunião de hoje), João Amaral, Marques Júnior, Adriano Moreira e Ângelo Correia.

Júlio Rodrigues

Fontes parlamentares garantem ao DL

José Magalhães não sai da bancada comunista

José Magalhães e a Direcção do PCP chegaram a uma «solução satisfatória» para a continuidade do prestigiado deputado na Assembleia da República, apurou ontem o «Diário de Lisboa» junto de fontes parlamentares comunistas.

Segundo as mesmas fontes, que pediram para não serem identificadas, o líder da bancada comunista em S. Bento vai comunicar tais decisões ao seu Grupo Parlamentar, em reunião marcada para amanhã de manhã. A «solução satisfatória» passa pela aceitação, por parte de José Magalhães, das regras básicas de funcionamento definidas para o conjunto da bancada e, quanto à Direcção do Partido Comunista, pelo reconhecimento de «alguma autonomia de acção e singularidade de percurso dos deputados».

Esta fórmula de compromisso abrange igualmente o deputado José Manuel Mendes que, embora integrando uma sensibilidade diferente no interior do partido, também marcara as suas distâncias da Direcção do PCP na sequência do Congresso recentemente realizado.

Um e outro deputado recusaram-se a confirmar as informações recolhidas pelo

«DL», tendo José Magalhães, apenas, admitido que se reserva o direito de comentar posteriormente as decisões que amanhã mesmo serão tornadas públicas. Pedimos também ao líder da bancada comunista para nos confirmar se a solução acordada era «efectivamente satisfatória para as duas partes». Carlos Brito disse que «a resposta pode ser genericamente afirmativa»; mas advertiu que o seu grupo parlamentar «tem uma palavra a dizer sobre o assunto».

Tal como foi oportunamente informado, José Magalhães colocara o seu lugar de deputado à disposição da Direcção do Partido Comunista por reconhecer que as posições políticas assumidas no âmbito partidário saíram derrotadas no Congresso Extraordinário de Loures.

Sendo um dado público que Magalhães é elemento essencial para o funcionamento da bancada comunista - pelo menos para ela manter o nível e a capacidade de intervenção conhecidos ao longo da V Legislatura - o seu líder, Carlos Brito, tentou evitar o corte funcionando como elemento apaziguador entre o deputado e as cúpulas partidárias. Terá, inclusive, negociado as

condições apresentadas por José Magalhães para continuar na Assembleia da República, nomeadamente a de saber qual o grau de autonomia de que poderá dispor no futuro para o exercício do cargo, caso o PCP não o quisesse substituir.

O resultado destas negociações será amanhã comunicado ao Grupo Parlamentar. Magalhães já foi, entretanto, informado uma vez que parte hoje mesmo para Macau onde desenvolverá, durante duas semanas e a convite do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, actividades relacionadas com a sua especialidade de Direito Constitucional, de que é docente na Faculdade de Direito de Lisboa.

Uma das fontes parlamentares consultadas pelo DL disse que as decisões a divulgar amanhã «provam que, efectivamente, alguma coisa mudou no Partido Comunista, depois do Congresso Extraordinário». Acrescentou que «sinais positivos dessa mudança» foram dados nas mais recentes intervenções públicas de Carlos Carvalhas, o primeiro secretário-geral adjunto eleito no Partido Comunista,

Daniel Reis

POLÍTICA

Jorge Sampaio queixa-se

Governo não paga dívidas

Cinco meses bastaram para que uma comissão nomeada pela equipa camarária de Lisboa com o objectivo de elaborar o relatório das dívidas do Governo ao município cumprisse a tarefa. De acordo com os cálculos dos técnicos chefiados pelo vereador centrista Carlos Pardal, a Administração Central deve à autarquia dezenas de milhões de contos.

Ontem, em conferência de Imprensa, o presidente da edilidade da capital, Jorge Sampaio anunciou já ter enviado a Cavaco Silva o referido relatório bem como a proposta de constituição de uma comissão de arbitragem, com três membros, um designado pelo Governo, outro pela Câmara e um terceiro que presidiria, escolhido de comum acordo para resolver o contencioso que em alguns casos específicos se arrasta há vários anos.

A questão das dívidas do Estado para com a Câmara Municipal de Lisboa já não é nova. Os terrenos do aeroporto, hoje pertença da ANA, Aeroportos e Navegação Aérea, é apenas um dos exemplos da lista do contencioso que diversas empresas

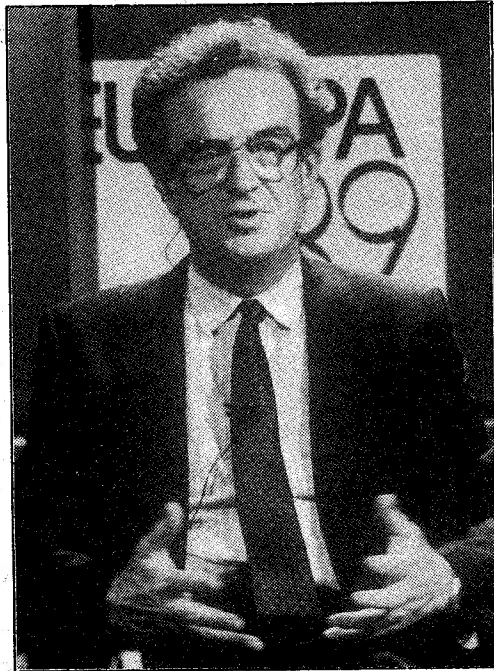
públicas, tuteladas pelo Governo mantêm com a Câmara de Lisboa. «Não é nada positivo quando se arquivam os problemas sem se lhes dar soluções», considerou Jorge Sampaio. Na opinião do autarca, a edilidade necessita de ser «compensada».

Não se sabe quando a Administração Central pagará o que deve pois, para já, o documento deverá ser apreciado pelo primeiro-ministro.

Para Jorge Sampaio, «esta proposta permitirá com celeridade e realismo, levar a bom termo um processo que se vem arrastando em prejuízo da cidade e, certamente, em prejuízo da imagem de eficácia dos poderes local e central».

Além da questão das dívidas, o presidente do município lisboeta divulgou o balanço dos cinco meses de mandato que agora se perfazem.

A opção de ilustrar o pon-



Jorge Sampaio fez o balanço dos cinco meses de mandato

to da situação com uma lista das medidas adoptadas entre 22 de Janeiro e 19 de Junho, não foi totalmente feliz uma vez que se misturou no rol a inauguração do Mercado do Bairro Alto com o plano de salvaguarda da Avenida da Liberdade ou com o pagamento das dívidas do

Chiado.

O balanço destes cinco meses saiu de uma reunião em que participaram os 11 vereadores com pelouros atribuídos, que teve lugar na segunda-feira.

Durante a reunião foi ainda definida a coordenação das medidas a tomar até ao fim de 1990, no âmbito do Plano de Actividades aprovado para este ano, foi estabelecida a data para a revisão do Orçamento de 1990, a data para a elaboração do Orçamento e Plano para 1991 e foi estudado o processo de elaboração do Plano a Médio Prazo entre 1991-1993.

No encontro com os jornalistas, Sampaio informou que será agendada para a próxima reunião extraordinária do executivo camarário, no dia 25, a aprovação do Plano de Pormenor do Chiado.

L.A.B.

Um património a salvar na letra de Lei Quadro

A salvaguarda do património é o objectivo que o Partido Socialista pretende atingir com a apresentação de um texto destinado a vigorar como Lei Quadro sobre o assunto, na Assembleia da República.

Logo no preâmbulo, os socialistas salientam «o facto de este projecto de lei se não restringir ao património localizado em território nacional, impondo à administração Central a obrigação de colaborar nas intervenções efectuadas fora desse território em património arquitectónico de origem portuguesa disperso pelos quatro cantos do Mundo».

Reportando-se a uma recomendação datada de Janeiro deste ano, os socialistas portugueses continuam a desejar que o estado ratifique três convenções internacionais sobre salvaguarda do património, versando as áreas arqueológica e arquitectónica (aprovadas em 6 de Maio de 1969 e 3 de Outubro de 1985) e sobre as infracções que atinjam bens culturais (23 de Junho de 1985).

«Como se pode constatar, a primeira daquelas Convenções tem já a bonita idade de 21 anos. Portugal encontra-se no Conselho da Europa há 14 anos. Não obstante, não teve ainda tempo para ratificar a dita Convenção», acusa o Partido Socialista, talvez em estilo autocrítico.

Restauração de pedras

A UNESCO decidiu enviar a Portugal o prof. Marc Milliam, perito em patologia e conservação dos materiais e presidente do Comité Internacional da Pedra, um perito que colaborou activamente no restauro do Arco do Triunfo. A vinda ao nosso País deste técnico foi solicitada pelo secretário de Estado da Cultura, Santana Lopes, à citada organização internacional. Até ao dia 26 deste mês, Marc Milliam averiguará a que estado chegaram os Jerónimos, a Torre de Belém e a Batalha. Estão também programadas deslocações deste especialista à Sé de Évora, ao Convento de Cristo, em Tomar, ao Mosteiro de Alcobaça, ao Palácio da Pena e ao Convento de Mafra.

Redacção «DL»

«Promoção pessoal»

Eurodeputados PSD também atacam Gomes

A acusação de promoção pessoal voltou ontem a ser feita ao presidente da Câmara do Porto por altos responsáveis social-democratas, desta feita o grupo de eurodeputados, a propósito da questão da ligação à cidade da rede de comboios de alta velocidade (TGV).

A tomada de posição do grupo parlamentar do PSD, divulgada em Bruxelas, segue-se à «ameaça» de Luís Filipe Menezes de retirar, em futuro diploma, o mandato autárquico a Gomes, criando um novo episódio neste já longo «folhetim». Em causa está a aprovação de uma nova ligação do TGV, directamente do Porto para a Europa, conforme divulgou o «DL» na edição de ontem.

Os social-democratas consideram que a emenda Fernando Gomes/Coimbra Martins, que apontava para a criação de uma rede atlântica em paralelo à mediterrânica da ferrovia de alta velocidade, era «economicamente inviável», além de ter prejudicado uma outra alteração, que não chegou a ser votada no PE.

Esta emenda - asseguram os eurodeputados do PSD - merecia o apoio de membros de diversas forças políticas, desde Rui Amaral (PSD) a Barros Moura (PCP), passando pelo centrista Luís Beiroco e pelo líder do grupo socialista português, João Cravinho. Defendia a adopção da linha estreita europeia na linha férrea Porto-Vilar Formoso.

Como referiu o «DL», a Comissão aceitou apenas dar parecer positivo ao TGV mediterrânico (Lisboa-Sevilha-Madrid-Barcelona-Lyon).

Permanece de pé, no entanto, a possibilidade de o Porto vir a ser associado ao projecto, via Lisboa, conforme admitiu ontem o comissário Bruce Millan, na capital.

Lage responde a Menezes

Entretanto, as declarações de Luís Filipe

Menezes sobre o mandato de Fernando Gomes na edilidade portuense mereceram, ontem mesmo, resposta da parte do seu homólogo socialista, o líder da Federação Distrital.

«Não há lei que o justifique, dado a perda de mandato resultar de uma decisão judicial», disse Carlos Lage, para quem a ameaça é «indecorosa» e «paranóica», perfigurando, ademais, uma atitude «anti-ética», na medida em que não é tomada pelos vereadores sociais-democratas na Câmara do Porto.

O nome de Fernando Gomes voltou ontem, no entanto, a ser referido por um membro do PSD, Valente de Oliveira. Durante a conferência de Imprensa de apresentação do PRODEP (Plano para o Desenvolvimento da Educação), o ministro do Planeamento deu a entender que o autarca-eurodeputado esteve à beira de inviabilizar o programa operacional para o Porto, ao defender a transferência de verbas já afectadas ao hospital de Matosinhos para obras municipais.

«Foi uma intervenção a destempero», afirmou, salientando que poderia agravar o défice público, já que sobrecarregaria - caso «passasse» - o Orçamento de Estado. Valente de Oliveira assegurou, porém, que a alteração não foi contemplada, porque o Governo comunicou a Bruxelas que a considerava inaceitável.

Assim - admitiu o comissário Bruce Millan na ocasião - o programa, que ascende a cerca de 27 milhões de contos, deverá ser aprovado pela Comissão Europeia ainda antes do final de Julho.

O conflito entre o PSD e Fernando Gomes promete continuar. Segundo a Lusa, os deputados sociais-democratas preparam-se para criticar uma vez mais a sua posição, este tarde na Assembleia da República.

Redacção «DL»



UNIVERSIDADE LUSÍADA

LICENCIATURAS OFICIAIS

Lisboa e Porto:

ARQUITECTURA
DIREITO
ECONOMIA
GESTÃO
HISTÓRIA
MATEMÁTICAS APLICADAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Vila Nova de Famalicão:

ARQUITECTURA E DESIGN INDUSTRIAL
CONTABILIDADE SUPERIOR DE GESTÃO
ENGENHARIA ELECTRÓNICA E INFORMÁTICA
ENGENHARIA E GESTÃO INDUSTRIAL
ENGENHARIA TÊXTIL E DE VESTUÁRIO

INSCRIÇÃO PARA O CONCURSO DE ACESSO A U.L.:

De 18 de Junho a 18 de Julho

PROVAS ESPECÍFICAS — 25 e 26 de Julho

CURSOS INTENSIVOS DE PREPARAÇÃO PARA INGRESSO:

Inscrição: Até 30 de Junho

Duração do Curso: De 2 a 20 de Julho

Informações nas Secretarias da Universidade Lusíada

Lisboa:

Rua da Junqueira, n.º 190 - 198 - 1300 Lisboa
Telefs.: 363 99 44 - 363 80 48 - 64 80 10 - 64 81 45 - 64 78 79
Telex: 61306 LUSIAD P / Telefax: 363 83 07

Porto:

Rua Conde de Vilas Boas, n.º 126 / 4200 Porto
Telefs.: 82 21 49 - 82 59 49 — Telefax: 82 01 53

Vila Nova de Famalicão:

Edifício Lapa - Largo Tinoco de Sousa / 4760 Vila Nova de Famalicão
Telef.: 72 429 / Telefax: 76 363

Integração europeia

Governo abre coutada à oposição

O primeiro-ministro convidou os líderes da Oposição parlamentar a participarem numa reunião restrita, na próxima sexta-feira, para tratar com eles a questão da União Política Europeia, finalmente considerada, assim por Cavaco Silva, como suficientemente «relevante e de interesse nacional» para a ela associar a Oposição.

O convite para esta reunião prévia ao Conselho Europeu de Dublin, dos próximos dias 25 e 26, é o resultado prático mais palpável do debate de ontem na Assembleia da República sobre a integração europeia.

Com ele, Cavaco Silva secundarizou os efeitos da proposta de um pacto de regime entre as principais forças políticas e sociais, apresentada por António Guterres e segundo a qual o Partido Socialista aceitaria pagar a sua parte dos custos políticos da integração, na condição de ela ser acelerada com a imediata adesão à União Monetária.

O debate parlamentar fora agendado pelo PSD, foi participado a fundo pelo Governo -com Cavaco Silva à cabeça de uma corte de ministros- e nele a Oposição e a Maioria convergiram quanto às linhas principais, nomeadamente sobre a necessidade de preservar o essencial da soberania nacional, posto em

causa pela força centrípeta da integração comunitária.

Cavaco Silva disse pretender recolher da oposição parlamentar, «contribuições adicionais para a defesa dos interesses de Portugal e dos

portugueses» o que foi considerado como sinal de abertura dado que o Governo, segundo disse expressamente o líder comunista, Carlos Brito, «tem tratado a integração europeia como uma

coutada sua».

Aliás, um facto interessante apurado nas seis horas de debate parlamentar foi a convergência objectiva de posições de fundo entre o Governo e a bancada

comunista a ponto de Carlos Brito afirmar, como balanço do debate, que «muitas das conclusões apresentadas pelo Governo são coincidentes com algumas das posições que o PCP tem defendido nesta

matéria». Os «barões» da Maioria, impedidos de aplaudir o líder comunista, pelas conveniências da praxe parlamentar, anuíam com respeitáveis acenos de cabeça, ao conteúdo da declaração de Carlos Brito.

A convergência notou-se, por exemplo, quanto às cautelas a usar no processo de adesão à União Monetária. Ou seja: aderir sim, mas devagar, depois de convenientemente adaptados os mecanismos da economia portuguesa, nomeadamente depois de a inflação ser posta sob controle.

Para o Partido Socialista, a adesão à União Económica e Monetária deve ser imediata e o que o Governo e a Maioria disseram ontem sobre tal matéria, «foi o mesmo que têm dito sobre a regionalização». Ou seja, na expressão do líder socialista António Guterres, «integração europeia e regionalização, tudo bem, desde que não se façam».

Far-se-ão, talvez, lá para os fins do próximo ano, segundo Guterres. «Até lá, o objectivo não é recuperar a inflação e o défice orçamental, mas usá-los a benefício da propaganda, na perspectiva das eleições legislativas», concluiu o presidente do Grupo Parlamentar do Partido Socialista.

Daniel Reis



Miguel Beleza acolheu o seu discurso técnico à sombra protectora das reservas políticas de Cavaco Silva quanto à «falsa pressa» na adesão à União Monetária

As 50 assinaturas de deputados já foram recolhidas

O novo inquérito parlamentar passa a televisão a pente fino

O novo inquérito parlamentar à RTP, que as oposições vão hoje impor na Assembleia da República, pretende passar a televisão a pente muito mais fino do que o primitivamente desejado pelo PRD e que esteve à vista de contar com o beneplácito do PSD maioritário.

É mesmo caso para dizer que a empresa pública de radiotelevisão vai ser observada à lupa, em particular a gestão do actual Conselho de Gerência, presidido pelo dr. Coelho Ribeiro, e as situações na área da Informação que muitos deputados consideram irregulares e imputam ao director do primeiro canal, José Eduardo Moniz.

As 50 assinaturas necessárias para impor a realização do inquérito, independentemente da vontade da Maioria parlamentar constituída pelo PSD, já foram ontem todas recolhidas. A deputada Isabel Espada, dinamizadora da iniciativa, conta entregá-las hoje na Mesa da Assembleia, junto com o texto delimitador do objectivo do inquérito e que é muito mais objectivo e vai muito mais fundo na devassa das irregularidades de que a RTP vem sendo acusada no Parlamento.

O inquérito assenta em «denúncias graves» sobre «irregularidades geradoras de dependência perante o poder político e

económico» e parte do pressuposto de que têm «graves implicações» nessa dependência «as condições de precaridade e instabilidade em que se encontram muitos trabalhadores da RTP, nomeadamente jornalistas». Foi assinado à cabeça pelos líderes parlamentares de todos os grupos da Oposição e conta com o suporte de 24 deputados do PS, 16 do PCP, 6 do PRD, 2 do CDS e 1 dos Verdes e da ID.

Note-se que os partidos subscritores reservaram um cartucho suficiente de assinaturas para a eventualidade de ser necessário acionar ainda outro inquérito vinculativo durante a presente sessão legislativa.

35 itens precisos para averiguar

Não está ainda determinado quem vai presidir à Comissão de Inquérito cuja composição proposta - única formalidade submetida a votos no plenário - aponta para 14 representantes do PSD, 6 do PS, 2 do PCP e 1 dos Verdes, PRD e CDS. Mas o critério da rotatividade parece atribuir ao PSD a presidência da próxima Comissão a constituir e que seria exactamente esta do inquérito à RTP.

São cometidos à Comissão de Inquérito os

objectivos de averiguar questões genéricas como a política de pessoal e gestão de recursos humanos, programação e Informação, situação económica e financeira da empresa e «todas as novas situações irregulares de que a Comissão for tomando conhecimento ao longo do processo de apuramento dos factos». No concreto, estes objectivos são desdobrados em 35 itens precisos a que a Comissão vai tentar dar resposta.

Incluem-se nesses 35 itens, nomeadamente, as condições de trabalho e remunerações dos jornalistas e outros trabalhadores contratados à tarefa; o subaproveitamento de outros jornalistas e profissionais da empresa; os critérios de contratações, nomeações e promoções; as suspensões de funções na empresa para vender posteriormente à RTP serviços propiciadores de ganhos e remuneração mais avultados; o afastamento voluntário ou compulsivo de um certo número de jornalistas; as actividades exercidas por gestores, directores e chefes da RTP «potencialmente violadoras de normas ético-deontológicas do estatuto dos profissionais da Comunicação Social», bem como as situações «potencialmente geradoras do tráfico de influências».

Também está para ser apurada matéria

mais melindrosa e que o texto delimitador dos objectivos do inquérito aponta:

-relação entre funcionários administrativos e empresas de prestação de trabalho temporário;

-relações comerciais estabelecidas fora da empresa pelas chefias entre si e com os jornalistas profissionais da RTP;

-a carta-relatório enviada por Veiga de Macedo ao primeiro-ministro Cavaco Silva;

-as relações entre o Governo, o Conselho de Gerência e a Direcção do 1º canal;

-as acumulações de meios e poderes por parte do director do 1º canal;

-a existência de publicidade oculta, nomeadamente relacionada com a empresa Publislão e os meios automobilísticos em geral.

Finalmente e depois de circunscrever o inquérito «ao período que decorreu desde a tomada de posse da actual Conselho de Gerência da RTP», a Comissão Parlamentar vai avaliar «a razoabilidade económica das despesas com a cobertura do Mundial de Itália».

Isto sem deixar de perguntar, e esta é uma questão que está subjacente a todo o inquérito, «que critérios levaram o Governo à recondução do actual Conselho de Gerência da RTP».

D.R.

FORUM

O Poder Popular Revisitado (conclusão)

O CERCO DAS LEGITIMIDADES

Por Artur Castro Neves

Nos artigos anteriores anunciámos o propósito de *revisitar* o Poder Popular, procurando esclarecer as condições da sua irrupção e da maneira como a sua acção instituinte influenciou o curso dos acontecimentos, que culminaram com as eleições para a Assembleia Constituinte, criando uma inesperada situação de cerco com uma dupla legitimidade actuante.

Perante o poder «revolucionário» dos militares, surgiu uma segunda legitimidade democrática e parlamentar. Nesse momento, tomou-se consciência de que uma grande parte das massas populares tinha confiança preferencial no Partido Socialista para delinear o quadro institucional da futura democracia portuguesa.

Para quem não pensar, como Lenine, que as massas são incapazes de pensar politicamente, este comportamento só poderá ser interpretado como a procura de um quadro pluralista favorecendo a acção das massas e impedindo que os militares e/ou os comunistas sejam os únicos beneficiários de uma revolução antiburguesa. O comportamento das massas tinha três objectivos: aliança com os militares no que respeita às ocupações, à agitação social e às reivindicações económicas; aliança com o PCP para a mobilização nas empresas contra o patronato; enfim, aliança com os socialistas para a organização política de conjunto e a autogestão. Quanto às perspectivas de organizações autónomas, as massas serviam-se dos diversos grupúsculos esquerdistas, de preferência os menos ideologizados e os menos burocratizados (como a LUAR).

Assim, pode compreender-se a sua desobediência permanente às palavras de ordem, quando estas não lhes convinham. Votaram, em vez da abstenção pedida pelo MFA, isolaram o PS nas fábricas, isolaram o PCP na Constituinte, desrespeitaram as leis autoritárias dos governos provisórios tripartidos: lei antigreve, censura à Imprensa, etc.

Dados os resultados eleitorais, o conflito entre o PCP e o PS tinha de se desenvolver e endurecer. O papel de árbitro do MFA dependia da sua capacidade de conquistar a confiança das massas e de estabelecer com estes laços institucionais. Como este projecto fracassou, a situação não se estabilizou e o PS aproveitou-se inteligentemente daquela incapacidade para lançar uma campanha nacional contra o PC e pela con-

quista do Poder (período designado por Verão Quente). Esta campanha teve igualmente o importante objectivo tático de impedir a direita, em franca reorganização, de tomar parte nesta redistribuição de cartas.

A nova luta pela conquista do Poder terminou com o 25 de Novembro de 1975, a pretexto de um contragolpe de Estado. Os membros do PCP começaram a ser sistematicamente expulsos do Exército e do aparelho de Estado.

É preciso sublinhar a enorme passividade das massas neste período; manifestamente, desinteressaram-se do desenrolar das operações militares e das querelas de estado-maior. Desde essa altura, mantiveram-se acantonadas numa marginalidade institucional, para se exprimirem uma última vez, enquanto Poder Popular, nas eleições para a Presidência da República. E fizeram-no da única maneira que lhes era acessível: *carismaticamente*.

Os 700 mil votos obtidos por Otelo Saraiva de Carvalho, ganhos ao eleitorado comunista e socialista «tradicional», podem ser interpretados como a derradeira manifestação de uma vontade de participação na vida política, independentemente dos aparelhos estalinista e social-democrata e, sobretudo, de uma vontade de caucionar um processo democrático parlamentar que permitisse o controlo das conquistas revolucionárias. Porém, mais manipulador do que manipulado, este Poder Popular evitou legitimar a tentativa otelista subjacente de criar um novo aparelho político.

Neste artigo, demasiado rápido, não nos foi possível explicitar suficientemente os conceitos utilizados. É, no entanto, necessário, para concluir, abordar a articulação entre as massas inorganizadas e os embriões de auto-organização do Poder Popular.

Em primeiro lugar, *as massas*: estas são constituídas pelo conjunto de cidadãos que, pertencendo a uma instituição, impedem o seu funcionamento com acções simbólicas e reais. As organizações populares que se desenvolveram um pouco por toda a parte no País constituíram o núcleo do que se chamou Poder Popular, ou seja, um projecto de legitimidade autónoma de poder político.

A descrição deste Poder Popular em termos ideológicos é difícil: libertário, ferozmente anti-capitalista, mas liberal e antiburocrático. Poder-se-ia defini-lo como uma prática e uma reflexão institucional colectiva de vários grupos oriundos de diversas camadas sociais, que se conglomeraram num movimento social mais largo. Este movimento pensou e agiu *politicamente*. Não escreveu,

mas inscreveu-se bem numa dinâmica histórica.

O Poder Popular recusou qualquer colaboração com a política estalinista (hoje, diria, totalitária), social-democrata ou outra, capitalista e burocrática, procurando inventar uma prática autónoma. (Como é que a teoria social poderá encaixar um conceito de «inventar uma prática autónoma inscrita na dinâmica histórica»?)

Consciente da impossibilidade de instaurar uma tal prática de um dia para o outro, decidiu jogar entre as diversas forças presentes que disputavam a sua direcção. Não vislumbramos vestígios de práticas jacobinas.

Quando as massas se articulavam com as organizações do Poder Popular, reagiam bem ao perigo de se transformarem em instrumentos dos partidos.

Em resumo, se o Poder Popular não manifestou qualquer fobia em relação às práticas políticas, a sua acção foi sempre apartidária e mesmo antipartidária. O que, aliás, constituiu um quebra-cabeças permanente para os grupos políticos que, da extrema-direita à extrema-esquerda, afirmavam nevróticamente apoiar o Poder Popular, a democracia de base e o controlo dos trabalhadores, recorrendo sempre à linguagem populista em voga.

O Poder Popular preferiu desaparecer a desempenhar qualquer outro papel.

De modo um pouco precipitado, pretendeu-se (e pretende-se) que o Poder Popular serviu de trampolim ao PCP e aos militares para tomar o Poder.

Penso, ao contrário, que se em Portugal não houve «golpe de Praga» não foi porque a situação histórica não produziu os seus Kerenskis, mas porque o Poder Popular, pela sua desobediência permanente, nunca se deixou domesticar e, assim, ninguém teve nunca as mãos livres para ocupar o Poder de modo totalitário.

Basta citar como exemplo o comportamento das massas logo a seguir ao 11 de Março. Apesar da euforia da estatização, não se deixaram mobilizar para impedir as eleições. (O slogan «Eleições = Traição» não funcionou em Portugal). Diria antes que o Poder Popular foi «vítima» de uma luta do PCP pelo monopólio do Poder, e do PS contra este monopólio, num momento em que, em consequência dos resultados eleitorais para a Assembleia Constituinte, surgiram em Portugal duas legitimidades políticas contraditórias e justapostas, que fizeram ir pelos ares uma nova articulação em embrião das massas organizadas autonomamente no seio de um Estado democrático.

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

Do Editorial, por José Manuel Fernandes:

(...) A posição a tomar face a uma amnistia política dos réus das FP não pode ter por base qualquer vaga simpatia política pelos ideais que os seus militantes dizem seguir, desculpando-se-lhes os excessos, mas antes depender de saber se tal amnistia porá definitivamente uma pedra sobre um período conturbado da nossa história recente.

Uma amnistia política não pode corresponder a uma desculpa do terrorismo, só se justificando se se entender que não existem mais condições para o aparecimento de movimentos como o das FP 25. Neste quadro, ao amnistiar os réus e os perseguidos, ao permitir a sua reintegração, uma tal medida pode mesmo ser a forma de acabar de vez com um movimento que só se mantém porque os seus membros se sentem acossados.

19.JUN.90

DIÁRIO POPULAR

De um artigo de Manuel José Homem de Mello:

(...) Ninguém discute a inteligência de Franco Nogueira, nem o seu acendrado patriotismo, nem o seu indescutível apuro moral, nem mesmo as suas também indiscutíveis qualidades dialécticas. O que me parece de ponderar — e é por isso que abordo o tema — é a oportunidade de incluir num Núcleo de Planeamento Estratégico um dos mais salientes co-responsáveis por um dos maiores desastres da nossa História. Um desastre que se poderia ter evitado não fora precisamente a falta de visão estratégica daqueles que o protagonizaram: Oliveira Salazar à cabeça logo seguido de Alberto Franco Nogueira.

Creio, assim, tratar-se de uma escolha inoportuna e infeliz.

19.JUN.90

Diário de Notícias

De um Editorial:

(...) A questão de fundo poderia pôr-se em saber se o PRD, que entrou em cena, deliberadamente, para renovar a sociedade portuguesa — começando pelo seu modo de actuação política — estará ainda em condições de poder renovar-se a si próprio. Ou se um partido a respeito do qual se punham não há muito tempo (e mesmo no seu interior) dúvidas sobre a posse de meios humanos e de espaço ideológico para continuar estará agora, por efeito do IV Convénção, mais apetrechado para sobreviver aos próximos testes eleitorais.

Não parecem ter sido estas, de facto, as questões enfrentadas no encontro do fim-de-semana. A abordagem dos debates e das principais intervenções descreve o quadro habitual nestes casos — moções identificadas com grupos de personalidades, a procura de um novo ponto de estabilidade, o apelo final aos militantes. Falta a prova dos factos, num tempo que parece pouco amável para os partidos em crise de vocação.

19.JUN.90

Mea culpa

As gralhas perseguem os jornais, os autores e, por via destes, os leitores, como é sabido. Menos sabido, porém, será o facto de haver gralhas recorrentes, que fazem com que jornais e autores engrossem as fileiras dos crentes no destino. O DL e Artur Portela contam-se entre as vítimas selectas da troca do *m* pelo *s* — e sempre na palavra *ministro*! Da primeira vez, o caso envolvia Santos Costa; o jornal e o nosso colaborador temeram o pior. Agora, foi Couto dos Santos o escolhido, no artigo ontem publicado, «O mercado da credibilidade». A Artur Portela, aos leitores e ao ministro (com *m*) o nosso pedido de desculpas e de benevolência para futuro ataque desta gralha. Sim, porque ela há-de perseguir-nos *ad aeternum*.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guilmar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Braderode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandeira

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

FORUM

EM DEFESA DA SOBERANIA DE PORTUGAL

Espanta o à-vontade, a frieza tecnocrática, o despreendimento cosmopolita, a displicência irresponsável com que hoje tantos referem, admitem, defendem mesmo o esvaziamento dos poderes dos órgãos de soberania do Estado português e, portanto, a amputação da própria democracia portuguesa. Espanta e indigna. Sobre tudo porque tudo isto é feito naturalmente em nome do interesse nacional, dos interesses dos portugueses, mesmo da dignificação e projecção do papel de Portugal no mundo.

A verdade é que uma questão central do Estado Democrático, ou seja, a questão da independência e soberania nacional, está de novo no primeiro plano da vida política portuguesa. Na realidade, esta questão nunca saiu da ordem do dia. Nem antes nem depois da revolução democrática e popular do 25 de Abril. A luta pela liquidação do domínio imperialista sobre Portugal foi uma componente fundamental da luta pelo derrubamento do fascismo e pela conquista da liberdade. A ditadura fascista tinha como suporte de classe os monopólios associados ao imperialismo, Portugal era um país colonizador porque simultaneamente colonizado. A via da democracia, do desenvolvimento económico e do progresso social do País passava necessariamente pela liquidação dos laços de dependência com o estrangeiro tecidos pelo fascismo e pela aplicação de uma política externa de brio patriótico, paz, amizade e cooperação com todos os povos.

A revolução de Abril, cortando as amarras colonialistas, construindo um regime democrático e elevando o prestígio e autoridade do País na comunidade internacional, abriu reais perspectivas à realização — sempre difícil e implicando luta permanente e sólido apoio popular — de uma tal política. Mas esta não se concretizou, apesar de importantes passos dados nessa direcção. A realidade é que hoje, mais de 16 anos passados sobre a revolução de Abril, por força da política de sucessivos governos mais vocacionados e empenhados no combate ao movimento popular e às conquistas democráticas do que na defesa da independência e soberania nacional, Portugal encontra-se enleado numa vasta teia de dependências (económicas, políticas, tecnológicas, militares, culturais, diplomáticas) que afectam duramente as suas possibilidades e perspectivas de desenvolvimento próprio. Teias impostas, e, pior que isso, teias procuradas, porque como a experiência exuberantemente demonstra, serviram de pretexto e facilitaram o ataque sistemático contra o regime democrático revolucionário consagrado na Constituição portuguesa de 1976.

Ninguém com o mínimo de bom senso pode pretender uma política de desenvolvimentismo autárquico,

isolacionista, de costas voltadas para tendências objectivas de desenvolvimento mundial caracterizadas pela internacionalização dos processos, a interdependência, a exigência irrecusável da cooperação para a solução dos graves e urgentes problemas que afectam a Humanidade no seu conjunto. Portugal não pode ficar à margem do processo de divisão internacional do trabalho. A questão está no lugar que nessa divisão ocupa ou deve procurar ocupar: um lugar subalterno e dependente, determinado no plano económico e político pela lógica dos interesses das transnacionais e das grandes potências imperialistas, ou uma posição em que os recursos materiais, humanos, culturais e outros seja devidamente considerada e valorizada.

A alternativa consiste em abdicar reverentemente perante os grandes centros extra e supranacionais do poder económico, político e militar, ou travar a luta por relações baseadas no respeito pela independência, não ingerência e vantagens recíprocas. Que esta luta é extremamente complexa e dura é uma evidência. A História não pode refazer-se e o desenvolvimento histórico concreto colocou Portugal — e dessa realidade temos de partir — num contexto de relações económicas, políticas, militares e outras com que é impossível romper a golpes de vontade, mesmo em nome dos mais generosos e indiscutíveis ideais de progresso e justiça social. Isso é uma coisa. Outra completamente diferente — que recusamos frontalmente — é o fatalismo, o conformismo, o pragmático sem princípios sempre pronto a ceder à pressão da moda e da conjuntura.

A luta por uma *nova ordem económica e política mundial*, baseada na cooperação, na entreajuda, na reciprocidade de interesses e — é de capital importância sublinhá-lo — no direito dos povos à soberania, ganha uma dimensão crescente a nível dos movimentos políticos e sociais, de Estados e populações. Aos que, dando-se ou não conta disso, têm do panorama mundial uma visão eurocentrista, é cómodo ignorar esta realidade. A verdade, porém, é que a construção desta nova ordem não está na ordem do dia.

A dura realidade do momento é que o imperialismo continua poderoso e mesmo hegemónico nas relações económicas, financeiras e tecnológicas internacionais. Pior ainda.

Em face dos dramáticos acontecimentos nos países socialistas do Leste da Europa, o imperialismo vê uma oportunidade de consolidar e mesmo alargar a sua esfera de influência, refinar os seus mecanismos de exploração, acelerar a concentração de riqueza.

É neste contexto, aliás, que se assiste ao relançamento e aceleração dos ritmos da «construção europeia», de avanço para a União Económica e Monetária, para a União Política, para a substituição da «cooperação

política» pela unificação da política externa da CEE, discutindo-se também, ainda que de forma muito confusa (a aliança-rivalidade com os EUA atrapalha muita coisa) a expressão no plano militar deste grande colosso capitalista. Sob o pretexto do «desafio do Leste», as potências e os monopólios dominantes da CEE (onde não estão ausentes dificuldades, contradições e rivalidades) procuram abater todas as barreiras que ainda entravam a expansão do seu domínio. A aceleração da supranacionalidade, o aumento do défice democrático dos parlamentos nacionais, a subalternização da dimensão social do desenvolvimento, novas e graves limitações de soberania nacional dos (mais pequenos) Estados-membros, incluindo Portugal, obedecem a claros e estreitos interesses de classe com que não podemos conformar-nos.

O «desafio» é, sem dúvida, crucial para Portugal e para os portugueses. O problema consiste no essencial no seguinte: como intervir num processo em que estamos envolvidos, mas cuja direcção nos escapa por forma a que Portugal não veja irremediavelmente comprometida por longo tempo a possibilidade de, mesmo com um Governo democrático e patriótico, determinar a política económica, social e de defesa em função dos interesses reais do povo e do País, condicionado embora pela necessária participação na divisão internacional do trabalho.

A resposta ao «desafio» exige, antes do mais, completa transparência, amplo e consistente debate nacional, decisões apoiadas num verdadeiro «consenso nacional». Por isso nos batemos. O secretismo, a governamentalização, a política de factos consumados que tem sido praticada pelo Governo do PSD em relação com a CEE, é inaceitável. Mas o debate tem de sê-lo não em torno de posições arbitrariamente consideradas como inevitáveis, mas de reais alternativas, e a busca do «consenso» tem de ter como ponto de partida e base inalienável os interesses dos trabalhadores, do povo e do País, tanto no imediato como na perspectiva do desenvolvimento soberano de Portugal.

Tudo o mais será pura demagogia ou tentativa de legitimação em termos de opinião pública de opções *a priori* de um cosmopolitismo europeísta, seguidista e comprometedor dos reais interesses do povo e do País, de novas e graves abdicções em matéria de independência e soberania nacional, cuja defesa deverá ser, aliás, o primeiro dever dos órgãos de soberania.

Dá que a atitude a tomar face ao «desafio» colocado pela tentativa de acelerar o processo de supranacionalização das instituições da CEE — designadamente com a UEM e a União Política

— seja inseparável da política no plano interno.

Há que dizê-lo claramente: não é possível qualquer «consenso» envolvendo — como deverá necessariamente envolver — o movimento operário e popular e as forças consequentemente democráticas que não seja acompanhado de uma profunda viragem democrática na política nacional.

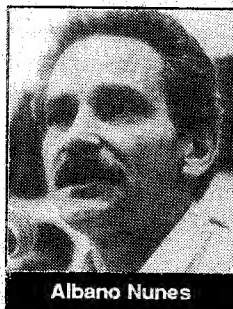
De outra forma, um tal «consenso» arriscar-se-ia a consagrar e legitimar a política de reconstituição do capitalismo monopolista, de deterioração da situação social, de degradação da democracia política, de acelerada penetração do capital estrangeiro e seu domínio dos sectores-chave da economia. É este e não outro o cerne da questão.

Importa, além do mais, prevenir quaisquer propósitos de exploração eleitoralista da problemática com que estamos confrontados. Não pode admitir-se que uma questão de tanta gravidade para o futuro independente e soberano de Portugal seja objecto de «polémicas», acusações bombásticas «para a TV projectar», competições de fraseologia politiqueria que de facto iludem os gravíssimos problemas nacionais e escamoteiam a questão central da construção, difícil, mas possível, de uma alternativa democrática à política antipopular e antinacional do Governo do PSD.

O «consenso» necessário é para uma política que, explorando possibilidades positivas resultantes da integração de Portugal na CEE, reduza ao mínimo as consequências negativas em matéria de soberania nacional. Nunca um «consenso» para aceitar essas consequências negativas (que mesmo alguns dos mais acérrimos «europeístas» não escondem serem da maior gravidade) e justificar uma política interna de classe, ao serviço dos monopólios e do capital estrangeiro dominador.

A construção de uma Europa inteira de paz, amizade e cooperação é um tema maior da hora presente. O processo de Segurança e Cooperação Europeia na perspectiva de Helsínquia II exige o empenhamento construtivo de Portugal. A criação de uma nova ordem económica e política a nível da Europa e no plano mundial é a perspectiva do futuro.

Mau seria que, abdicando de uma política externa própria e independente e da defesa intransigente da sua própria soberania, Portugal perdesse de vista esta perspectiva larga e aceitasse subordinar-se num processo de aceleração de construção supranacional de uma «pequena Europa» (ou «núcleo duro», como muitos lhe chamam) com uma política de «bloco» de cariz económica e política dos países do Leste da Europa e de uma vasta zona do Terceiro Mundo.



Albano Nunes

INTERNACIONAL

Paz em Israel é hipótese cada vez mais remota

Do nosso enviado especial

Distinguem-se imediatamente dos restantes passageiros que chegam ao aeroporto Ben Gurion, em Telavive. As suas roupas estiveram na moda nos anos 60 e os cortes de cabelo lembram Beatles e afins. Trazem volumosas bagagens de mão, crianças ao colo, no meio de numerosas famílias. São os judeus soviéticos que chegam, enfim, à Terra Prometida. Estranhamente, não demonstram qualquer emoção. Para muitos israelitas, eles são a esperança de renovação do ideal sionista. Para outros, vêm afastar ainda mais qualquer obtenção de paz.

Depois dos acordos de Camp David, da paz com o Egipto, do fracasso da intervenção no Líbano e do reconhecimento do Estado de Israel pela OLP, parecia haver hipóteses de diálogo entre judeus e palestinos. Começava-se a ver luz no fundo do túnel. Para quem acreditou nessas hipóteses, a desilusão é completa. Neste momento, a crise parece insolúvel e não há quem vislumbre, nem entre os trabalhistas, saídas para ela.

Se é verdade que o novo Governo de Yitzhak Shamir é extraordinariamente conservador, também é verdade que não se percebe o que os trabalhistas vão oferecer aos palestinos, para que se possam iniciar negociações entre as partes em conflito.

Israel está para ficar

Tudo passa por uma questão de espaço. Que Israel está para ficar, já nem os árabes, realisticamente, contestam. Fora os fundamentalistas, como é óbvio. Em contrapartida, nenhuma força política em Israel significativa põe a hipótese de criar um Estado palestino, devolver os territórios ocupados (para os conservadores e alguns trabalhistas, «territórios conquistados»), ou sequer reconhecer a OLP como interlocutor.



Ariel Sharon, um dos «falcões» do Likud

Como os palestinos, como vêm demonstrando há já muitos anos, não desistem de também possuir um país, não parece haver alternativas às soluções de força.

Neste momento, a situação é excepcionalmente grave. Os judeus soviéticos chegam às centenas por dia. Em Telavive e Jerusalém já inflacionaram o mercado da habitação e começam a provocar grandes dificuldades de primeiro emprego para os jovens israelitas licenciados. O Governo dá apoio financeiro à instalação destes imigrantes e eles têm preferência na obtenção de postos de trabalho.

Mais tarde ou mais cedo, se a emigração continuar neste ritmo, terão que se instalar fora das grandes cidades. Se depender apenas do ministro da Habitação do novo Executivo, Ariel Sharon,

é provável que muitos deles vão para os territórios «conquistados», agravando ainda mais os conflitos com os palestinos. Diz-se em Telavive que Sharon fez absoluta questão de ficar com a pasta da Habitação.

Apoio dos EUA deve diminuir

Mas o Governo de Shamir (que pessoalmente é visto como um adepto da solução de conciliação) não pode mostrar claramente que não há qualquer hipótese de negociação para o conflito. Mantém um discurso vago sobre hipóteses de hipóteses. Fê-lo por uma razão muito simples: não quer ver diminuído o apoio do seu grande aliado no mundo, os EUA. Depois do discurso do secretário de Estado norte-americano, James Baker, proferido logo após a formação do actual Governo, em que «lavou as mãos» publicamente de toda a responsabilidade do seu país pelo malogro das conversações de paz, esperam-se medidas concretas demonstrativas do desagrado de Washington. Tudo indica que será na linha das propostas de cortes de ajudas militares avançadas no ano passado pelo senador republicano, Bob Dole.

Perante tudo isto a paz cada vez parece algo cada vez mais longínquo. A Terra Prometida com que, durante tantos anos, sonharam os judeus soviéticos, tem o serviço militar obrigatório de três anos para os homens (quatro se forem oficiais) e dois para as mulheres. Nas ruas de Telavive (ainda assim uma das zonas mais tranquilas) vêem-se numerosas fardas e até na praia há soldados com metralhadora a tiracolo. Na sagrada Jerusalém podem ser apedrejados ou esfaqueados em qualquer hora do dia. Porém, para muitos israelitas, o simples facto de não terem, neste momento, nenhum exército a invadi-los, já é motivo para regozijo. Esta a paz possível num país em que as ilusões se perdem rapidamente.

Duarte Calvão, em Telavive

África do Sul

Parlamento põe fim ao «apartheid mesquinho»

O Parlamento sul-africano aprovou ontem o projecto-lei apresentado a 1 de Junho por Fredrik de Klerk que prevê o levantamento do apartheid em todos os lugares e serviços públicos do país. Apartir de 15 de Outubro, altura em que a lei entrará em vigor, cairá, portanto, um dos pilares da política de segregação racial da África do Sul, a «Separate Amenities Act». Também conhecido pelo «apartheid mesquinho», esta lei já não era respeitada pela maioria das grandes cidades sul-africanas, mantendo-se em vigor apenas nas regiões mais conservadoras, dominadas pela extrema direita.

Apesar disso, a decisão do Parlamento, de resto já esperada devido à maioria na Assembleia do Partido Nacional, é um passo importante na política do Governo sul-africano com vista a isolar ainda mais o Partido Conservador, ao mesmo tempo que dá uma margem de manobra importante a nível externo ao Presidente de Klerk, que aposta no levantamento das sanções económicas ao seu país impostas pela Europa e os Estados Unidos. Não foi por acaso que o discurso do Fredrik de Klerk na Assembleia se deu dias depois do seu regresso da viagem à Europa - a maior de sempre de um Presidente sul-africano -, e numa altura em que Nelson Mandela iniciava a «contra-ofensiva» com uma digressão de seis semanas por vários países da Europa, África, e América, ainda a decorrer neste momento.

De referir que o levantamento do «Separate Amenities Act» faz parte de um lote de medidas de segregação racial ainda em vigor, nomeadamente a separação racial nas zonas residenciais (Group Areas Act), a lei sobre a terra (Land Act, que concede à minoria branca o direito sobre 87 por cento do território sul-africano), o registo da população segundo a sua origem racial (Population Registration Act), assim como a ausência de voto da comunidade negra, considerado um dos últimos pilares do apartheid a ser levantado.

Num comentário ao projecto-lei agora aprovado pelo parlamento sul-africano, Nelson Mandela afirmou que o levantamento do «Separate Amenities Act» não se tratava «de um verdadeiro problema», e acrescentou: «O problema mais importante no país é de saber se a comunidade negra vai ter direito a voto e se a extrema direita que ameaça o país vai ou não ser eliminada».

Redacção «DL»/AFP

Alemanha unida na NATO

Baker tenta convencer os soviéticos

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, que deixa hoje Washington para participar sexta-feira, na RFA, na segunda reunião ministerial «2+4», vai novamente tentar convencer os soviéticos de que a melhor solução para manter os equilíbrios estratégicos é a integração da Alemanha unificada na NATO.

Uma Alemanha unida, membro por inteiro e sem condições da Aliança Atlântica, é a tese repetida e imutável que George Bush fará chegar à mesa da reunião onde as seis nações irão tratar dos aspectos externos da unificação alemã. O Presidente norte-americano, aliás, declarou-se recentemente cada vez mais convencido de que os soviéticos acabarão por se dar conta do carácter profundamente estabilizador das suas propostas.

Para fazer vingar a sua tese, Bush conta com o apoio incondicional do chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, que defende a plena integração da futura Alemanha unida na Aliança Atlântica.

«A Alemanha, e isso inclui uma Alemanha unificada, faz parte da comunidade ocidental de valores partilhados. Não podemos aceitar outra coisa», chegou a afirmar recentemente o chefe do governo de Bona.

Mais prudente é a posição do Presidente da RDA, segundo o qual a NATO tem de proceder a mudanças radicais antes que a URSS aceite uma Alemanha unida na aliança.

Para convencer uns e outros, Baker deverá basear-se no plano de nove pontos proposto ao Presidente Gorbachev na recente cimeira de Washington.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

EUA querem mais sanções internacionais contra Bucareste

Os EUA, que suspenderam o envio de representantes diplomáticos a Bucareste para assistir, hoje, às cerimónias de investidura de Ion Iliescu como presidente da Roménia, apelaram à Comunidade Internacional para exercer mais retaliações contra «a brutalidade anti-democrática do Governo romeno». O porta-voz adjunto do departamento de Estado, Richard Boucher, que ontem anunciou a medida, indicou ainda que a Casa Branca se encontra «profundamente preocupada» com a situação romena e lamentou que nada de significativo tenha ainda sido feito para sancionar os actos dos mineiros perpetrados na segunda-feira passada.

O porta-voz acrescentou que o embaixador norte-americano, Alan Green, já se reuniu na segunda-feira com os dirigentes do Partido Nacional Camponês e do Partido Nacional Liberal, as duas principais formações da oposição. «É importante procurar saber, claramente, o que se passa», sublinhou Boucher, após ter referido que os EUA já pediram ao Governo romeno um encontro com representantes de Washington assim como solicitaram a libertação imediata dos 1021 detidos durante os episódios da semana passada.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE também não enviaram à cerimónia qualquer representante especial. No entanto, os respectivos embaixadores assistirão ao juramento pronunciado por Iliescu, no qual o presidente promete defender os direitos e liberdades fundamentais do povo, mas escusar-se-ão a comparecer à recepção que se seguirá à cerimónia. Recorde-se que a Comunidade decidiu suspender

a ratificação de um acordo comercial com a Roménia.

Enquanto o secretário-geral da NATO, Manfred Woerner, deplorou ontem a impunidade com que os mineiros espalharam o terror em Bucareste e chegou mesmo a manifestar receio quanto à possibilidade de um golpe de estado na Roménia, a França reiterou o seu apoio a Bucareste.

«Continuaremos a ajudar a Roménia e não voltaremos atrás neste propósito, apesar das críticas internacionais», disse ontem o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Roland Dumas. «É preciso paciência e um pouco mais de sangue-frio», declarou o ministro à rádio RTL sublinhando que «apesar de tudo, a Roménia assiste actualmente a algo que se poderá assemelhar a uma democracia». Já antes o presidente François Mitterrand tinha considerado, numa entrevista ao jornal «Le Monde», que uma suspensão da ajuda francesa à Roménia «não seria razoável».

Em Bucareste, Claudia Munteanu, mulher do presidente da Liga dos Estudantes, Marian Munteanu, gravemente espancado na semana passada, disse na residência do embaixador holandês, onde se encontra refugiada, que não tem qualquer informação sobre o local onde se encontra o seu marido, nem sobre o seu verdadeiro estado de saúde. As autoridades romenas garantem que Munteanu foi transferido na segunda-feira do hospital onde se encontrava para um outro do Ministério do interior, sob a acusação de ter instigado à violência.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Informação

CP - CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

ALTERAÇÕES AO SERVIÇO FERROVIÁRIO NO PERÍODO DAS 05.00 HORAS DO DIA 90/06/15 E AS 24.00 HORAS DE 90/06/25, RESULTANTE DA GREVE REALIZADA PELO SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS DOS CAMINHOS DE FERRO, NOS DIAS 15, 17, 19, 21, 23 E 25 DE JUNHO DE 1990

Prevendo-se perturbações que afectarão gravemente a normalidade do serviço ferroviário no período compreendido entre as 05.00 horas do dia 90/06/15 e as 24.00 horas do dia 90/06/25, a CP concretizará o seguinte programa de circulações que, no mínimo, abrangerá:

1. COMBOIOS A REALIZAR NO EIXO LISBOA/PORTO/BRAGA E BRAGA/PORTO/LISBOA NOS DIAS 15, 17, 19, 21, 23 E 25 DE JUNHO

1.1 Comboios rápidos especiais:

Nos dias 15, 17, 19, 21, 23 e 25 de Junho a CP vai realizar, neste percurso, os seguintes **COMBOIOS RÁPIDOS ESPECIAIS (T 130)** com paragens em **POMBAL, COIMBRA, AVEIRO e VILA NOVA DE GAIA** e as seguintes horas de partida e chegada:

LISBOA	PORTO	BRAGA
07.20	10.55	—
17.05	20.40/20.52	21.57
20.30	00.05	—
BRAGA	PORTO	LISBOA
—	07.20	10.55
15.50	17.15	20.48
—	20.38	00.08

Estes **COMBOIOS RÁPIDOS ESPECIAIS** realizam o percurso **LISBOA-PORTO** em 03.35 horas.

O comboio **RÁPIDO ESPECIAL** com partida de Lisboa às 17.05 horas tem seguimento a **BRAGA**.

O comboio **RÁPIDO ESPECIAL** que tem paragem no **PORTO** às 17.15 horas tem a sua origem em **BRAGA** às 15.50 horas.

São suprimidas todas as circulações **ALFA** e **INTERCIDADES** deste eixo nos dias 15, 17, 19, 21, 23 e 25.

Em todo o período de 15/06 a 25/06 são suprimidos os **INTERCIDADES 520 e 521 (AVEIRO/LISBOA e volta)**.

1.2 Comboios Inter-Regionais

A CP assegura a realização dos comboios **INTER-REGIONAIS 825 e 827** com partidas de **LISBOA** às 11.55 e 15.25 e também os comboios 824 e 828 com partida do **PORTO** às 12.00 e às 18.45 horas.

1.3 Comboios Regionais

Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2. COMBOIOS A REALIZAR NOS RESTANTES EIXOS DURANTE TODO O PERÍODO DE 15 A 25 DE JUNHO

2.1 Eixo Lisboa/Guarda

2.1.1 São **SUPRIMIDOS OS COMBOIOS INTERCIDADES 510, 511, 512 e 513**.

2.1.2 São realizados **COMBOIOS INTER-REGIONAIS ESPECIAIS** entre **LISBOA e GUARDA**, com paragens em **CELORICO DA BEIRA, MANGUALDE, NELAS, OLIVEIRINHA-CABANAS, SANTA COMBA DÃO e PAMPILHOSA**, com partida da Guarda às 07.15 (com destino a Lisboa) e 17.35 (com destino a Coimbra) e de Lisboa às 18.55 e de Coimbra às 10.15 horas (destinados à Guarda).

2.1.3 Os comboios 810 e 813 serão realizados apenas entre Coimbra e Guarda.

2.1.4 **Serviço Regional**: realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2.2 Eixo Lisboa-Covilhã

2.2.1 São suprimidos os comboios Intercidades 540, 541, 542, 543/545.

2.2.2 São realizados **COMBOIOS INTER-REGIONAIS ESPECIAIS** entre **LISBOA e COVILHÃ**, com paragem em **ENTRONCAMENTO, ABRANTES, ALFERRAREDE, RÓDÃO, CASTELO BRANCO e FUNDÃO** com partida de **LISBOA** às 07.25 e 19.07 e da **COVILHÃ** às 07.10 e 15.00 horas.

2.2.3 **Serviço Regional**: realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2.3 Eixos Lisboa/Leiria/Figueira da Foz/Porto/Régua/Tua e Porto/Viana do Castelo/Valença

2.3.1 São **SUPRIMIDOS OS COMBOIOS INTERCIDADES LISBOA/CALDAS DA RAINHA/LEIRIA (500, 501, 502 e 503); PORTO/RÉ-GUA (560/561) e NINE/VIANA DO CASTELO (550 e 551)**.

2.3.2 **Comboios Inter-Regionais e Regionais**

Serão realizadas nestes **EIXOS** as circulações que se revelarem possíveis.

2.4 Eixo Lisboa-Faro/Lagos

2.4.1 São suprimidos os comboios **INTERCIDADES LISBOA/FARO 580 e 581 e LISBOA/FARO/LAGOS 582 e 583**.

2.4.2 Serão realizados os **COMBOIOS INTER-REGIONAIS ESPECIAIS** entre **BARREIRO e FARO** com paragens em **TUNES e ALBUFEIRA** e com partida do **BARREIRO** às 15.00 e 18.50 e de **FARO** às 07.30 e 14.15 horas.

As ligações de e para **LAGOS** serão asseguradas por **COMBOIOS REGIONAIS**.

2.4.3 **Serviço Regional**: serão realizados os combos que se revelarem possíveis.

2.5 Eixo Lisboa/Alentejo

2.5.1 São suprimidos os comboios **INTER-CIDADES 590 e 591**.

2.5.2 Serão realizados dois comboios Inter-regionais especiais entre Barreiro e Évora/Beja (um em cada sentido) com paragem em Pinhal Novo, Vendas Novas, Torre de Gadanha, Casa Branca, Vila Nova de Baronia e Cuba e com partida do Barreiro às 19.35 e de Beja/Évora às 8.05.

2.5.3 Serão realizados os comboios **INTER-REGIONAIS e REGIONAIS** que forem possíveis.

2.6 Eixos não expressamente mencionados

Serão asseguradas as ligações possíveis.

3. COMBOIOS A REALIZAR NOS RESTANTES EIXOS

3.1 Será realizada a maioria dos comboios Inter-Regionais e Regionais com supressões pontuais.

4. SERVIÇO INTERNACIONAL

Durante o período de 15 a 25 de Junho todas as ligações Internacionais serão asseguradas, com excepção do **PORTO/VIGO**.

5. SERVIÇO SUBURBANO

5.1 Comboios a realizar nos dias 15, 17, 19, 21, 23 e 25 de Junho

5.1.1 LINHA DE SINTRA

Prevê-se a realização do serviço normal com algumas supressões pontuais.

O Serviço Ferroviário poderá, em caso de necessidade, ser complementado por todovia, a anunciar nas respectivas Estações.

A carreira n.º 46 E da CARRIS é reforçada e prolongada até à Amadora.

Todos os comboios têm paragem em Campolide.

5.1.2 Linha de Cascais

Será assegurado o serviço normal.

5.1.3 Lisboa/Azambuja

Prevê-se a realização do serviço normal.

5.1.4 Barreiro/Setúbal/Praias do Sado

Prevê-se a realização da quase totalidade do serviço normal.

5.1.5 Via Fluvial

Lisboa/Terreiro do Paço.

Será praticado o serviço normal.

5.1.6 Cacém/Torres Vedras

Realizar-se-ão as circulações que se revelem possíveis, sendo ainda efectuados alguns serviços complementares rodoviários entre Torres Vedras/Caldas da Rainha e vice-versa.

5.1.7 Porto/Marco, Porto/Guilmarães, Porto/Braga e Porto/Aveiro.

Prevê-se a realização da quase totalidade do serviço normal.

5.1.8 Porto/Póvoa

Prevê-se a realização da quase totalidade do serviço normal.

5.1.9 Coimbra/Figueira da Foz e Coimbra/Serpins

Prevê-se a realização da quase totalidade do serviço normal.

SOLICITA-SE AOS SENHORES PASSAGEIROS QUE CONTACTEM AS ESTAÇÕES OU SECÇÕES DE INFORMAÇÕES DA CP PARA A OBTENÇÃO DE ESCLARECIMENTOS COMPLEMENTARES SOBRE A EVOLUÇÃO DOS SERVIÇOS A PRESTAR.

Informação divulgada pela Divisão de Relações Públicas
20 Junho 1990



Caminhos de Ferro Portugueses

INTERNACIONAL

CARTA DE WASHINGTON

Gorbachev: um futuro em Hollywood...

A visita de Mikhail Gorbachev a Washington foi assinalável por várias razões, mas talvez a mais interessante tenha sido a atitude profundamente ambivalente - poder-se-ia dizer, até, esquizofrénica - adoptada pelos média americanos em relação ao líder soviético. No passado, Gorbachev tem sido quase universalmente aclamado como um gigante político, uma figura histórica a nível mundial que constitui um dos verdadeiros heróis da idade moderna. Mas, poucos dias antes da chegada de Gorbachev a Washington, a disposição dos média alterou-se subitamente. A revista «Newsweek», por exemplo, publicava uma reportagem, com honras de primeira página, intitulada «Apertar a Mão Errada», que começava com a frase agoiresenta: «Nunca um dirigente da União Soviética pareceu estar numa posição tão fraca antes de uma cimeira com um presidente americano». E isto foi escrito uma semana antes da inesperada eleição do arqui-inimigo de Gorbachev, Boris Yeltsin.

Após os dois dias de reuniões informais na Casa Branca, os principais comentadores políticos dos Estados Unidos eram, virtualmente, unânimes em consignar Gorbachev para as páginas da História, e não em considerá-lo como o homem do futuro. Harrison Salisbury, antigo correspondente do «New York Times» em Moscovo, que há muito beneficia de informações pormenorizadas por parte dos principais soviétólogos na CIA, previa, na televisão nacional, que Gorbachev estaria «de fora» dentro de um ano; e Hedrick Smith, autor de um «best-seller» sobre «Os Russos», disse que a eleição de Yeltsin tornava Gorbachev uma figura muito mais frágil, pela simples razão de que Yeltsin vencera uma eleição, enquanto que o poder de Gorbachev provinha da velha e desacreditada «nomenklatura» do Partido Comunista Soviético. E Herbert Meyer, antigo assistente pessoal do director da CIA, William Casey, sublinhava manhosamente que a subida de Yeltsin significava que este poderia tentar «expulsar a União Soviética da Rússia», o que constitui uma reviravolta evidente em relação aos habituais vaticínios de Repúblicas independentes abandonarem a União Soviética.

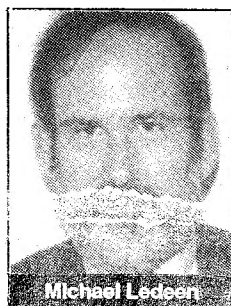
O comentário mais devastador sobre o novo e enfraquecido estatuto de Gorbachev veio dos cartoonistas políticos. Um dos mais engraçados mostrava um Gorbachev minúsculo a agarrar Bush pelos joelhos, e a chorar, enquanto Bush pergunta: «Teve uma semana difícil?». Em resumo, nas palavras de Ben Wattenberg, do American Enterprise Institute (Instituto Empresarial Americano), esta foi a primeira cimeira em que apenas uma superpotência esteve presente - os Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, as manifestações populares de carinho por Gorbachev, tanto nos média como nas ruas de Washington, não diminuíram. Actualmente, «Gorby» faz parte do panorama político americano, e o entusiasmo dos habitantes de Washington - os quais estão, todavia, habituados a verem dirigentes mundiais nas ruas da cidade - quando Gorbachev apertava as mãos de elementos da multidão que enchia os passeios para ver a sua caravana-automóvel passar, era verdadeiro e palpável. No momento em que escrevo, Gorbachev está em Camp David, mas é certo que terá uma recepção igualmente entusiástica em Minnesota e na Califórnia.

Tudo isto indica que o verdadeiro profeta da época contemporânea é Vladimir Bukovsky, o brilhante dissidente soviético que vive em Cambridge, na Inglaterra. Bukovsky escreveu, há vários anos, que, no fim, Gorbachev refugiaria-se nos Estados Unidos, que é o país em que a sua popularidade não parece ser afectada pela actuação catastrófica do regime gorbacheviano na URSS. Dentro de alguns meses, haverá eleições para o novo governador da Califórnia, e não há dúvida de que Gorbachev as venceria, se concorresse. Hollywood ficaria louca por ele, e poderia contar com uma carreira longa e bem sucedida, primeiro na política, e depois nos filmes, invertendo, assim, a história de Ronald Reagan. E Raissa é, obviamente, feita para esse género de vida: São Francisco e Beverly Hills adaptam-se muito melhor à sua personalidade e amor pelo luxo que as ruas tristes e despidas de Moscovo e Leninegrado.

Claro que poderá ser um pouco prematuro para Gorbachev vir morar para os Estados Unidos, e suspeito que deverá regressar a Moscovo, para ver se vence alguns assaltos no combate com Yeltsin. Mas é uma das singularidades do nosso tempo o facto de que Mikhail Gorbachev, que constitui um dos homens menos populares no seu próprio país, continuará a ser considerado um herói em grande parte do Mundo.

(Tradução de Isabel Joyce)



Michael Ledeen

INTERNACIONAL

Em vésperas do XXVIII Congresso do PCUS

Gorbachev enfrenta adversários da perestroika

Um general soviético acusou as reformas do Presidente Gorbachev de terem deixado o país aberto a um ataque e garantiu que as forças armadas nunca aceitariam uma «rendição ideológica».

«A Alemanha está a unir-se e irá provavelmente tornar-se membro da NATO, o Japão está a tornar-se uma força decisiva no Extremo Oriente. Apenas os nossos pavões amestrados palram que ninguém nos vai atacar», afirmou o general Albert Mashakov na Conferência dos Comunistas Russos, suscitando grandes aplausos entre a assistência conservadora.

Mashakov, que se encontrava a escassos metros do impassível Presidente soviético, atacou ainda os acordos estabelecidos este ano pelo seu país com a Checoslováquia e a Hungria, para a retirada das tropas soviéticas.

«Nestes tempos agitados para a União Soviética - quando por causa das chamadas vitórias da nossa diplomacia o Exército soviético está a sair sem combate dos países que os nossos pais libertaram do fascismo - é importante para o partido e para o povo cuidarem dos nossos soldados», disse.

Mashakov criticou duramente os passos dados pela Federação russa para assumir poderes soberanos em relação ao poder central. Disse ainda que o exército era conduzido pelos políticos mas lembrou que o general Georgi Jukov, que apoiou Nikita Khrushchev, após a morte de Estaline, contra o chefe da polícia, Lavrenti Beria, recebera como agradecimento o ser enviado para a «desgraça».

O líder soviético, que no primeiro dia de trabalhos da conferência das organizações russas do PCUS, apoiou a criação de um PC russo, foi igualmente alvo de fortes críticas dos conservadores, que chegaram ao ponto de pedir a sua demissão.

Mas para o Presidente soviético, que centrou o seu

discurso na transformação da economia soviética num sistema de mercado livre, «a formação de tal partido é aconselhável e necessária».

Claro desafio dos conservadores

Essas críticas concertadas parecem representar um claro desafio da direita ao partido de Gorbachev, em vésperas do XXVIII Congresso, que se inicia a 2 de Julho e onde estará em jogo o futuro dos comunistas soviéticos.

Aleksander Melnikov, chefe do partido na região de Kemerovo, que pediu o afastamento de Gorbachev do cargo de secretário-geral, disse que este estava «a deslizar para o culto da personalidade» e queixou-se de que, sob a sua liderança, o PCUS fora afastado das decisões principais.

A ofensiva dos comunistas de esquerda

Ao inaugurar a conferência dos comunistas russos, Gorbachev apelou à unidade de todos os comunistas soviéticos, condenando as tentati-

vas de aproveitar a agudeza do presente momento para abalar a Perestroika e os seus partidários.

Referindo-se ao futuro PC da Rússia, o líder soviético disse: «O principal que se exige ao novo partido é sensatez de avaliações e passos práticos para que a sociedade vença, o mais rapidamente possível a situação de crise».

Entretanto, em declarações à Novosti, o líder da Plataforma Democrática, Viatcheslav Chostakovski, disse que se as reivindicações apresentadas pelos representantes desta organização ao Congresso do PCUS não forem atendidas, o que é o mais provável é que uma parte significativa dos «comunistas de esquerda» abandonem o partido.

A Plataforma Democrática apresenta como condições para a sua permanência no PCUS, entre outras, a transformação da organização em partido de tipo parlamentar, o abandono da actual base ideológica e do princípio do centralismo democrático.

Redacção «DL»/Lusa/AFP



Gorbachev e o presidente da Federação russa, Boris Ieltsin, mexem em papéis durante a conferência do PC da Rússia

PARABÓLICAS

Umberto Eco dixit

Sério e compenetrado como sempre, no seu fato castanho, mas sem o famoso charuto toscano, Umberto Eco foi o convidado escolhido por Anne Sinclair para o seu programa semanal «7 sur 7». Neste *magazine*, o entrevistado é chamado a comentar, após um rápido sumário, os principais acontecimentos da semana.

Eco, definido por Sinclair como «o fenómeno humano que tem a barba mais célebre da Itália e a cultura mais enciclopédica da Europa», fez muitas citações em latim, coíou bastante a barba e acerca de quase tudo disse alguma coisa.

A propósito dessa vaga de escritores na política (Havel, Llosa...). Tentações?

«Se entender actividade política como participação na actividade de um partido, não. Nunca tive essa tentação. Porque penso que a actividade de um intelectual é política. Fazer um comentário dos acontecimentos num jornal ou, por exemplo, dar aulas numa universidade significa participar numa actividade que é política».

Gorbachev enfrenta graves dificuldades com a recente explosão dos nacionalismos na URSS ...

«Nós podemos interpretar Gorbachev, em termos psicológicos, como se fosse um herói de um romance. É evidente que ele sabia que iria desencadear algo de incontável. O seu problema agora é ver se é capaz de controlar o que ele próprio desencadeou. Mas somos sobretudo nós que não compreendemos que todas as quedas de um império têm um custo, um preço, que pode ser alto...»

A propósito de Le Pen, do racismo e do anti-semitismo

«É necessário fazer uma distinção entre o racismo e o anti-semitismo. O racismo normal (se é que existe um normal) é uma atitude popular. São os pobres que são racistas perante aqueles que, estando entre nós e sendo diferentes, ocupam um espaço que nós poderíamos ocupar. O anti-semitismo, pelo contrário, é um produto intelectual, uma construção intelectual elaborada por teóricos frios».

7 sur 7, TV 5, domingo, 19h35



STAL

SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

SEDE NACIONAL

Exmo. Senhor

- SECRETÁRIO DE ESTADO PARA A MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA
- GOVERNO REGIONAL DA MADEIRA
- GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES

- PRIMEIRO-MINISTRO
- MINISTRO PLANO E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO
- MINISTRO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL
- MINISTRO DAS FINANÇAS
- SECRETÁRIO DE ESTADO DO ORÇAMENTO
- SECRETÁRIO DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

PRÉ-AVISO DE GREVE

O STAL — Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local, promove no próximo dia 25 de Junho de 1990 das zero horas às vinte e quatro horas, uma greve nacional do Sector, incluindo as regiões autónomas dos Açores e da Madeira.

Para os Trabalhadores cujo horário de trabalho só se inicia antes das zero horas do dia 25, ou termina depois das vinte e quatro horas do dia 25, (se a maior parte do seu período normal de trabalho coincidir com o período do tempo coberto por este Pré-Aviso, o mesmo começará a produzir efeitos a partir da hora em que deveriam entrar ao serviço) antes das zero horas do dia 25 de Junho de 1990, ou prolongarão os seus efeitos até à hora que normalmente terminaria o seu trabalho, depois das vinte e quatro horas do dia 25 de Junho de 1990, consoante os casos.

Com esta acção, os trabalhadores da Administração Local exigem do Governo:

- Por negociações sérias
- Pela actualização salarial de 1990
- Pela revalorização de carreiras
- Por uma proposta digna de descongelamento dos escalões

Nesta conformidade, ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 2.º da Lei n.º 65/77, de 26 de Agosto e nos termos do art.º 5.º do mesmo diploma, comunicamos que os Trabalhadores da Administração Local se deverão considerar em greve se outro motivo não declararem expressamente.

Com os melhores cumprimentos e saudações sindicais

DIRECÇÃO NACIONAL DO STAL
Mária Helena Quinta

China liberta estudante macaense

As autoridades chinesas libertaram, ontem, Chan Chak Wai, o estudante macaense, detido desde Julho do ano passado, sob a acusação de «agitação e rebelião contra revolução» e de preparação da fuga de elementos procurados pela polícia, na sequência dos acontecimentos em Tiananmen. Segundo as fontes chinesas declararam à agência Lusa, Chan deveria chegar ontem a Macau, antes do encerramento da fronteira das portas do cerco, às 20 horas.

Chan, de 29 anos, é portador de um bilhete

de identidade de cidadão português, encontrava-se na altura a estudar na Universidade de Jinan, em Cantão. Com ele foram também detidos dois outros jovens estudantes de Macau, libertados posteriormente após um mês de reeducação ideológica. Em Junho, um ano depois dos acontecimentos em Tiananmen, as autoridades policiais de Cantão libertaram 97 estudantes, um gesto simbólico, segundo os observadores, destinado a dar a uma imagem de «normalização» no país.

Redacção «DL»/Lusa

ECONOMIA

Uma óptica de serviços faz a diferença no comércio

Grula aposta na qualidade, na especialização e no associativismo, para continuar entre as 100 maiores

«Nós trabalhamos numa óptica de prestação de serviços e é isso que nos diferencia de outras empresas que actuam no sector. Para nós, a informação e a formação são a base da nossa actividade, daí este seminário se integrar no momento de reflexão que estamos a viver e nos nossos planos de intervenção», disse ao «DL» Maria Teresa Albuquerque, directora-geral da Grula.

Os rumos da distribuição nos anos 90 foi o tema central tratado ontem, em Lisboa, no seminário organizado pela Grula, Grupo Lisboa de Abastecimento de Produtos Alimentares, o qual, com as suas congéneres de Espanha, Itália e Alemanha, fez a radiografia de um sector que vive um momento de grande expansão na Europa.

O cooperativismo não está morto, apenas a atitude dos comerciantes terá de ser outra. Raul Antequera, responsável pela UDA, Union Detallistas Alimentacion, S.A., a correspondente espanhola à Grula, definiu com clareza a imagem dos cooperativistas modernos: «Não somos um grupo de amigos, somos empresários.» Foi, aliás, esta ideia

a tónica defendida pelos responsáveis da Grula, embora alguns comerciantes retalhistas ainda resistam à modernização voltando costas aos investimentos na formação do seu pessoal e à inovação informática, sem as quais é impossível subsistir no mercado europeu liberalizado.

Saídas face aos desafios europeus e aos mercados financeiramente mais fortes existem.

As respostas tem-nas a própria Grula e materializam-se num incentivo qualitativo das lojas, num atendimento personalizado e na especialização.

«Não procuramos ganhar o máximo, procuramos sim que, nos nossos pontos de venda, o consumidor encontre um local aprazível onde lhe possamos proporcionar um serviço personalizado e de qualidade», disse António Dias de Almeida, presidente da direcção da Grula.

Duas décadas de experiência

A Grula foi fundada em 1971, possui 2200 lojas associadas e perspectiva, para o ano de 1990, vendas de mais de 16 milhões de contos, nos



Pequenos e médios retalhistas não sobrevivem sem modernização, nem espírito associativista

oito «cash-and-carries» existentes. Ainda este ano, a Grula vai inaugurar um novo «cash-and-carry» em Palmela.

Segundo Dias de Almeida, este grupo empresarial situa-se num contexto das 100 maiores empresas nacionais, mas esta posição «não deslumbra» os responsáveis da Grula.

É o próprio presidente da direcção que o diz: «Os resultados obtidos até ao presente não nos deslumbam, continuamos a ser uma cooperativa que vive em função dos seus associados, legítima representante de uma classe que tem sabido demonstrar a

sua capacidade de adaptação às sucessivas modificações do mercado.»

O momento é de reflexão, salienta ao «DL» Maria Teresa Albuquerque, acrescentando que o cliente privilegiado da Grula continua a ser o pequeno e médio comerciante, não se pensando alterar este alvo.

É Dias de Almeida que o confirma: «Sentimo-nos cada vez mais responsabilizados e empenhados no prosseguimento de uma estratégia de apoio ao pequeno e médio retalhista e, por definição, ao consumidor final.»

R.F.S.

Pequenos agricultores querem outra política

A liberalização da importação de produtos agrícolas vai agravar a situação económica do sector sem resolver o problema da inflação, afirma a Confederação Nacional da Agricultura (CNA). Segundo Joaquim Casimiro, dirigente daquele organismo, o Governo tem tomado medidas que acentuam a perda de rendimento que os agricultores portugueses vêm sofrendo nos últimos anos.

Aquele responsável associativo acusa o Governo de optar pela importação de excedentes agrícolas dos países comunitários em detrimento do desenvolvimento da agricultura portuguesa.

«Está a adoptar medidas que apenas fazem sentido em países onde a produção é superior ao consumo», nomeadamente obrigando os agricultores a diminuírem o preço dos seus produtos, «esquecendo-se da inflação sobre os factores de produção», afirma.

Igualmente diz que o Governo adquire produtos estrangeiros para fazer baixar o preço no consumidor, o que depois, na prática, não se verifica. Congregando essencialmente pequenos e médios agricultores, a CNA exige a revisão da legislação que aplica em Portugal o regulamento 797/85 da CEE, a qual, diz, «só veio beneficiar os grandes proprietários».

Na verdade, até ao presente, às explorações com áreas entre um e cinco hectares apenas coube um por cento dos projectos, às de cinco a 20 hectares seis por cento e as com mais de 100 hectares 60 por cento.

Contudo, a CNA lembra que 78 por cento da produção agrícola nacional resulta de explorações com quatro a seis hectares, acentuando o seu carácter familiar.

Para fazer frente a estes problemas, a CNA reclama a instituição de linhas de crédito com juros mais bonificados que os actuais, a prática de preços identicos aos comunitários para os factores de produção, a contenção das importações e a formação e informação mais alargada dos agricultores.

B R E V E S

Eventuais desvios ao FSE por empresas Amorim

A Polícia Judiciária concluiu haver elementos que considera suficientes para demonstrar que empresas do grupo Amorim praticaram eventuais fraudes no âmbito do Fundo Social Europeu, desviando verbas na ordem dos 400 mil contos para fins não previstos na atribuição dos subsídios destinados a formação profissional. A PJ entregou já o respectivo processo ao Ministério Público. Entretanto, o administrador de uma das empresas lesadas afirma que não há qualquer razão fundamentada para avançar com acusações de desvios. «Pode ter havido questões de pormenor, mas nunca de fundo», afirma, garantindo que «a formação foi concretizada».

COMPRE A PREÇOS DE 1989 PNEUS DE OCASIÃO 1750\$00

O MELHOR CLIENTE
VAMOS SORTEAR EM SETEMBRO UMA VIAGEM AO MÉXICO COM ESTADIA PAGA

PNEUS NOVOS NACIONAIS	RECONSTRUÍDOS INTERNACIONAL
145x10	3 900\$00
155x12	4 600\$00
175x70x12	5 800\$00
135x13	3 900\$00
145x13	4 500\$00
155x13	5 000\$00
165x13	5 500\$00
145x70x13	5 000\$00
155x70x13	5 600\$00
165x70x13	5 900\$00
175x70x13	6 400\$00
185x70x13	6 700\$00
145x14	5 000\$00
165x14	6 000\$00
175x14	6 500\$00
185x14	7 300\$00
185x14c	8 500\$00
195x14c	8 500\$00
195x70x14	11 000\$00
205x70x14	12 000\$00
650x16 10PR	10 298\$00
700x16 10PR	11 594\$00
750x16 10PR	13 313\$00

MONTAGEM GRÁTIS

PNEU REMODELADO

SOMOS Tel. 947 28 72
Rua Cidade S. Salvador, ALSF, Bairro de Angola — CAMARATE
FILIAL 1 — BARRO — LOURES — Tel. 983 60 87
Fica à saída de Loures na Estrada para MALVEIRA
FILIAL 2 — TRAJOUCE — S. DOMINGOS DE RANA — Tel. 244 22 21

GALERIA ALMADA NEGREIROS

Av. da República, 16 — 1094 LISBOA

«Terreiro do Paço uma reformulação»

Exposição dos projectos
premiados no concurso público de
ideias para a reutilização e
exploração de uma zona do
Terreiro do Paço

... a partir de 19 de Junho 1990

SECRETARIA DE ESTADO DA
CULTURA



ESPECIAL FÉRIAS/90 no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

QUOTIDIANO

Rádios regionais: escolha gera polémica

A Comissão da Rádio pronunciou-se ontem a favor dos projectos apresentados pela Correio da Manhã-Rádio e pela Rádio Press para o concurso de atribuição de frequências de âmbito regional. Responsáveis por duas das estações preteridas, contactados pelo DL, mostram-se cautelosos. «Agora esperamos serenamente que o Governo se decida, pois a comissão não tem um parecer vinculativo», disse Emídio Rangel, director da TSF-Rádio Jornal.

Afirmou, porém, estar indignado com o que se passou na comissão a qual - disse - «integrava algumas pessoas que mal conheciam os dossiers em apreciação». Para este responsável, o Governo criou a comissão como «almofada». «Só nos pronunciaremos quando for tirada essa almofada e o Executivo se responsabilizar publicamente pela decisão de atribuir as frequências a A ou a B», acrescentou.

Emídio Rangel lembrou que cada estação concorrente gastou na apresentação dos projectos verbas na ordem dos cinco mil contos e lamentou: «Podiam-nos ter poupado e de nada serve fazer concursos públicos quando os resultados estão previamente decididos».

Por seu turno, Joaquim Letria, um dos responsáveis pela Rádio Colina, foi muito mais comedido nas declarações que prestou ao DL. Disse ser a comissão um órgão consultivo do Governo, com competência técnica e composto por pessoas idóneas. «Compete em última instância ao Governo decidir quem ganha as frequências e, sendo o nosso projecto muito bom, nada nos leva a crer que o parecer da comissão não possa vir a ser reconsiderado». Letria disse que chegou a propor uma segunda prova para o concurso em que cada concorrente defenderia verbalmente o seu projecto. «Era uma forma de atingir a transparência total»,

frisou. Tentámos contactar algum dos responsáveis pela Rádio Nova, no Porto, mas ninguém se encontrava disponível para o efeito.

Os pareceres da Comissão, votados ao fim da tarde de ontem no Palácio Foz, foram imediatamente entregues ao secretário de Estado da Comunicação Social, Albino Soares, pelo presidente da mesma, juiz José dos Santos Monteiro. Naquele documento os concorrentes foram classificados pela ordem seguinte: Correio da Manhã-Rádio, Rádio Colina, TSF-Rádio-Jornal e Rádio Cidade (Sul), Rádio Press e Rádio Nova (Norte). A polémica é tanto maior quanto a comissão tomou decisões em tempo recorde. Após dez dias de trabalho, durante os quais os comissários tiveram que consultar os seis projectos concorrentes, cada um com um mínimo de 1500 páginas e contendo propostas e fundamentação nos planos jurídico,

financeiro, técnico e de programação, só ontem e anteontem foram efectuadas as reuniões plenárias.

Além disso, Carlos Barbosa, dinamizador do projecto CM-Rádio (um dos escolhidos), faz parte da Comissão da Rádio, o que já tinha motivado protestos aquando da selecção das frequências locais.

O Partido Socialista protestou esta manhã contra a atribuição das frequências regionais, tendo o deputado socialista Alberto Arons de Carvalho dito à agência Lusa ser «completamente inadmissível» a posição da comissão. «Foi uma decisão política mal disfarçada por um duvidoso concurso público», considerou. A atribuição das duas frequências à Correio da Manhã-Rádio e à Rádio Press, a concretizarem-se, possivelmente dentro de duas semanas, deixarão vagas duas frequências locais, uma em Lisboa e outra no Porto.

P.S.

Negociação nos transportes é estratégia da Fetrans

Aumentar a capacidade negocial do sector através da aproximação das datas de negociações nas várias empresas e de formas inovadoras de luta são os principais objectivos da Federação Nacional dos Transportes (Fetrans), ontem formalmente constituída. Integrada por oito sindicatos representativos de todos os sub-sectores dos Transportes, a Fetrans pretende, segundo os seus princípios orientadores, «promover e participar em iniciativas com vista a facilitar a convergência do movimento sindical português».

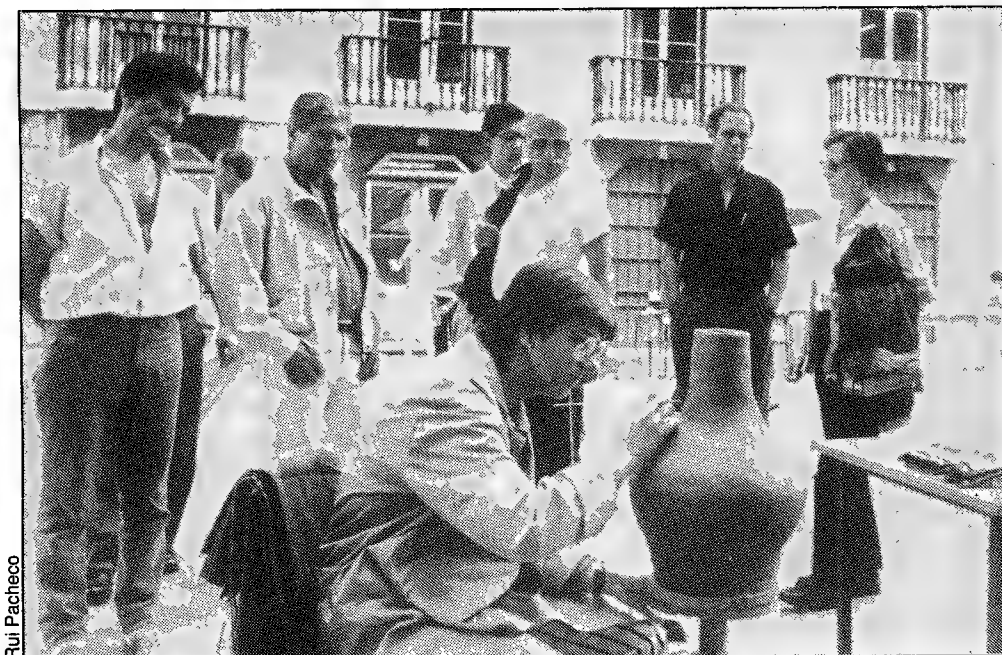
Nesse sentido, a Fetrans apresentar-se-á brevemente às centrais sindicais e às federações de transportes da CGTP, com vista ao estabelecimento de relações regulares. «Apanhada» pela semana de luta da CGTP com vista à redução do horário de trabalho, a recém-criada organização - embora defendendo o objectivo - não participará directamente, deixando isso a cargo dos seus sindicatos, alguns dos quais já tinham anunciado publicamente o seu envolvimento, como é o caso do Sitra e do Sindifer.

Constituída por quatro sindicatos independentes e outros tantos filiados na UGT, a Fetrans nasce, segundo afirmou José Brandão, como uma resposta «ao sentimento dos trabalhadores do sector, que estão fartos de, ao longo de 14 anos, fazerem greves que apesar de registarem enormes índices de adesão não lhes trazem resultados práticos, mas apenas descontos nos vencimentos e a impopularidade da população».

«A resposta do Governo à luta dos trabalhadores do sector tem sido a asfixia pela exaustão ou a requisição civil. E o drama dos sindicatos é que atrás de slogans arrastam os trabalhadores para greves das quais eles não retiram qualquer benefício», disse o dirigente do Sitra para explicar que só com a organização do sector através de uma estrutura intermédia forte, com uma estratégia definida, é possível combater o desgaste que sindicatos e trabalhadores sentem actualmente.

A Fetrans, assumida como organização autónoma, pretende ainda «desenvolver e aprofundar as ligações internacionais com outras organizações no âmbito dos transportes comunitários», bem como participar e influenciar as políticas para o sector, quer a nível nacional quer europeu.

Arte na Cidade Uma centena de jovens deficientes mentais estão reunidos, desde esta manhã, na Rua Augusta, a trabalhar em quatro ateliers de expressão plástica. Num palco colocado no mesmo local, actuação agrupamentos musicais e de teatro, também integrados por deficientes. Arte na Cidade é uma iniciativa da Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência (ANACED). A iniciativa prolonga-se até à próxima sexta-feira.



Rui Pacheco

B R E V E S

Plano Nacional do Ambiente recebe apoio comunitário

O Plano Nacional da Política do Ambiente vai contar com 15 a 20 milhões de contos de apoio financeiro, no âmbito do programa comunitário Envireg, revelou, esta manhã, o ministro do Ambiente e Recursos Naturais, Fernando Real. O governante falava no Porto, durante a sessão de abertura do simpósio sobre Protecção e Revalorização da Faixa Costeira do Minho ao Liz.

Guarda Fiscal prende sete contrabandistas

A Guarda Fiscal de Setúbal deteve, na madrugada de ontem, na margem norte do estuário do Rio Sado, sete indivíduos que tentavam descarregar 391 caixas de tabaco americano. Segundo um porta-voz da GF, da operação resultou a apreensão do tabaco, num total de 195.500 maços, de uma embarcação de pesca, tipo traineira, pertencente à praça de Peniche e de uma viatura pesada de mercadorias.

É SÓ UMA ESCAVADORA QUE QUER?

Máquinas novas e de qualidade são negócio, Você sabe. E nós também.

Com a Sofinloc pode escolher - nós financiamos, em *leasing*.

A Sofinloc dá resposta rápida e eficaz a profissionais como Você - consulte-nos.



SOFINLOC
SOCIEDADE FINANCEIRA
DE LOCAÇÃO, S.A.

Lisboa — 726 80 53 • Porto — 68 92 51 • V. Nova Famalicão — 7 44 83 • Aveiro — 2 90 58 • Leiria — 81 19 66 • Faro — 2 91 89

Helicópteros querem espaço no espaço aéreo português

A dois passos de Lisboa está a nascer um heliporto. Esperam-se os executivos, mas já se vai contando com os incêndios florestais e os acidentes da estrada...

Nos anos Vinte, um cientista (que mais tarde viria a ganhar o prémio Nobel em outra matéria) demonstrou matematicamente a impossibilidade de um helicóptero voar. Hoje é quase tão fácil chamar um heli como apanhar um táxi à esquina da rua. Para os mesmos serviços e para alguns outros, que não são acessíveis a um carro de aluguer.

As empresas helitransportadoras estão a multiplicar-se em Portugal (embora na verdade existam apenas duas e algumas que têm um helicóptero às vezes disponível para o serviço de quem o deseja). Um mundo a explorar, na medida em que por toda a parte isso está a acontecer. E até já há uma dessas empresas a reclamar da Câmara de Lisboa um rectângulozinho do Parque Eduardo VII para promover os seus voos.

Duas dezenas de jornalistas passearam-se ontem sobre Lisboa, podendo ver em pormenor o desastre do Chiado, o rombo na estrutura dos Jerónimos, as calamidades do trânsito. Nada que não se soubesse antecipadamente, só que visto de um outro ângulo, mais distanciado, logo mais abrangente, mais completo. As sete (imaginárias) colinas reduzem-se a um cenário aparentemente plano, com impertinentes Amoreiras, serenos Castelos, enfumadas Alfamas de Santo António, Avenidas Novas nevoentas de Co2, um Bairro Alto tranquilo com fumarolas de sardinhas a assar pelas esquinas, a azáfama equívoca do Rossio, os barquinhos no Tejo que já não é azul nem verde, como se exige dos rios e do

mar, mas pardo da cor dos desertos...

Heliporto nas Salemas

O primeiro heliporto português está já em construção nas Salemas, nas vizinhanças de Loures, a uns 25 minutos de Lisboa, um tempo que não tardará a ser muito mais curto dentro em breve com o prolongamento da auto-estrada. Primeiro cliente, já em operação, a Heliserviço, embora as instalações estejam abertas a todas as possíveis futuras empresas e durante 24 horas por dia.

Este primeiro cliente já vai em quatro anos de actividade e com uma larga gama de serviços: o transporte não regular de passageiros e carga, apoio à construção civil, fotografia e filme aéreo, serviços de ambulância, combate a incêndios, busca e salvamento no mar, detecção de cardumes, verificação de cabos de alta tensão e apoio a plataformas petrolíferas.

Em condições normais, uma hora de utilização destes helicópteros varia entre os 130 e os 250 contos. Outros serviços mais especializados poderão custar um pouco mais caro.

A Heliserviço fez ontem uma pequena demonstração de combate a incêndios, com dois helicópteros, utilizando sistemas diversos, simulando o que já vem efectuando na prática desde 1986 em especial para as indústrias de papel, mas igualmente em colaboração com o Serviço Nacional de Bombeiros e esclareceu o que tem feito no transporte de sinistrados de alto risco, sempre acompanhados por um médico e um enfermeiro, não esquecendo



O combate aos incêndios já é realizado por este meio desde 1986



Um ângulo mais abrangente, mais completo, para ver Lisboa

de mencionar um caso então largamente divulgado, ocorrido durante o último Grande Prémio de Portugal de Fórmula 1.

No entanto, o helicóptero ambulância, a funcionar desde o final de 1989, «exige ainda uma posição construtiva das entidades responsáveis na matéria, designadamente o INEM».

À espera dos executivos

De qualquer maneira, a jogada da empresa parece

colocar-se num futuro dos dinâmicos executivos de um próximo futuro dinâmico português. Espera-se que sejam eles os principais clientes para negócios em que «o tempo é dinheiro» e em que o automóvel ou o comboio não se compadecem com a exigência de uma deslocação quase simultânea a Bragança e a Bruxelas.

O heliporto das Salemas (depois de uma experiência em Tires e uma segunda em Santa Cruz (Torres Vedras)) sente-se autónomo dos aero-

portos internacionais, «para que não fique prisioneiro do peso burocrático próprio de um aeroporto».

O heliporto, de resto já em funcionamento, estará terminado em Março do próximo ano, dispondo de todos os serviços necessários à operação de helicópteros, hangaragem, manutenção, reabastecimento e apoio à tripulação e passageiros e tendo, ainda as ajudas necessárias para poder operar 24 horas por dia.

Roby Amorim

QUOTIDIANO

Ao contrário do que foi insinuado, o juiz não deu ouvidos à pretensão do construtor do parque de estacionamento subterrâneo de avançar com a obra

Auto-silo «América»: embargo continua

Um tribunal de Lisboa negou há dias provimento a um requerimento visando o desembargo da construção do auto-silo «América», controversa obra encetada, com autorização camarária, em terreno do domínio público, sito num flanco da Avenida dos Estados Unidos da América, artéria de que oficialmente fazia parte.

Transmitida à Comunicação Social pela empresa construtora, a Vilanorte Construções, Lda, como uma anuência às suas pretensões de prosseguir a obra, a decisão do 1.º Juízo do Tribunal Cível de Lisboa, a que o DL teve acesso, aponta, pelo contrário, para a manutenção do embargo, salvo no que se refere ao completamento de um muro de suporte, considerado indispensável para a solidez do troço contíguo da avenida.

Suspensa a requerimento de uma Comissão de Moradores alegadamente afectada pelo empreendimento, entre os quais se conta o antigo ministro e ex-candidato à presidência da República Francisco Salgado Zenha, a construção do auto-silo terá de aguardar uma decisão judicial que, em vez de a autorizar, poderá traduzir-se em proibi-la e impor a reposição do espaço onde se localiza na situação em que se encontrava anteriormente.

O recurso interposto contra a deliberação camarária por Salgado Zenha e outros residentes dos sete prédios que enquadram à justa os mais de 2500 hectares a ocupar pelo silo arroga-se de três ordens de fundamentos,

segundo a síntese formulada ao DL pelo conhecido advogado e político.

A primeira tem a ver com a ilegalidade que representa a alienação pela Câmara de um terreno do domínio público, que estava oficialmente definido como «via pública». Para os queixosos, a privatização do terreno, seguida da sua venda a António Teixeira da Silva, único accionista da Vilanorte, que por ela cedeu um andar, avaliado em 30 mil contos, de um prédio de uma zona histórica da capital, configura uma arbitrariedade mal disfarçada, «um negócio contrário à moral e aos bons costumes», de valor legal «absolutamente nulo».

A segunda ordem de fundamentos incide nos prejuízos para a qualidade de vida dos moradores decorrentes do projecto, que imolou já um espaço relvado e arborizado com mais de 20 anos e pretende nele inserir um bloco de três pisos subterrâneos, com capacidade de estacionamento para mais de 300 automóveis (a vender a dois mil contos cada). A petição apresentada por Salgado Zenha ao Tribunal Administrativo de Lisboa enumera os riscos criados à vizinhança pelo empreendimento, com relevo para a integridade física das crianças, ameaçada pela circulação de centenas de veículos nos acessos ao silo, rés-vés com os prédios que o enquadram, e o ruído e a emanção permanente de gases dos motores.

Por último, os queixosos imputam à decisão camarária um carácter inadmissivelmente violatório dos direitos que asseguraram ao adquiri-

rem as residências, pois um factor da compra terá sido a sua localização, imediatamente fronteira a um espaço verde. Outra irregularidade cometida neste âmbito terá consistido na realização de trabalhos de ancoragem em dois dos prédios, ou seja, na implantação nos alicerces destes de apoios para a estrutura do silo, isto sem qualquer consulta aos residentes, que são também, na maior parte, os proprietários dos imóveis, nos quais vigora o sistema de propriedade horizontal.

A querela remonta à gestão camarária de Krus Abecasis, quando, por proposta do antecessor de Jorge Sampaio, a edilidade aprovou a privatização do terreno. Para o arranque do projecto, era no entanto necessário uma licença dependente de pareceres de diversas entidades, nomeadamente do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, abonatórios da inofensividade do empreendimento.

O arrasamento do jardim e as escavações foram no entanto concretizadas antes da emissão da licença, numa situação de facto consumado que originou o protesto organizado dos moradores da vizinhança.

Perante isso, o vereador do pelouro da construção, Vasco Franco, determinou a suspensão da obra.

A mesma medida viria no entanto a ser anulada por Nuno Abecasis, no último dia do seu mandato. E, sobre o cenário destruído do antigo espaço verde, o auto-silo ganhou volume, com a implantação das estruturas principais.



Francisco Paraíso

Os queixosos consideram que a transacção efectuada com um terreno que integrava a via pública tem valor legal nulo

A decisão agora tomada pelo Tribunal Cível de Lisboa vem desviar para um âmbito estritamente judicial

o problema, relativamente ao qual a maioria socialista do executivo camarário presidido por Jorge Sampaio,

segundo fonte a ela ligada, pretende poupar-se a qualquer interferência.

F. B. S.

Silva Peneda declara na OIT

Criação de mais emprego é prioridade do Governo

A criação de mais empregos é uma das prioridades do Governo português, salientou o ministro do Emprego e Segurança Social, Silva Peneda, esta manhã, na OIT, em Geneve, na 77.ª Sessão da Conferência Internacional do Trabalho.

Acrescentou que, neste sentido, «a estratégia adoptada foi a de conciliar a formação profissional com o aumento do emprego produtivo baseado no crescimento da economia e da produtividade».

Em detrimento da modernização da actividade produtiva, com utilização sistemática de tecnologias de ponta, que, segundo Silva Peneda, traria «efeitos bastante graves sobre o emprego e a repartição de rendimentos», privilegiou-se a «utilização mais racional de recursos disponíveis ou subaproveitados».

Segundo o governante português, «após um trabalho árduo, foi possível colocar à disposição dos agentes económicos um quadro referenciador da política de formação profissional que consta de 14 programas opera-

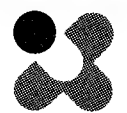
cionais desenhado para o quadrénio 1990-1993». Para o desenvolvimento destas acções existe um investimento de cerca de 440 milhões de contos — acrescentou.

Silva Peneda referiu-se, também, à preocupação de Portugal na criação de um ambiente de trabalho mais seguro, uma segurança social mais eficaz, fortes garantias de justiça social e uma cooperação técnica mais ampla com os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP).

No que se refere à Segurança Social, está em fase de discussão um diploma sobre a política de higiene, segurança e saúde dos trabalhadores e ambiente de trabalho. Exemplificando o esforço desenvolvido neste sector, o ministro referiu que, de 1980 a 1989, as despesas quase sextuplicaram.

Estão em curso 125 projectos de cooperação nos domínios das políticas de emprego, formação profissional, segurança social e reorganização de serviços, envolvendo um montante global de cerca de 300 mil contos.

ESTA SEMANA HÁ JACKPOT



totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

Os problemas do sotavento algarvio vistos por Joaquim Anastácio Tavira ainda não recebeu o que lhe

Tavira foi, sem sombra de dúvida, o concelho algarvio que mais sofreu com as cheias do último Inverno - as maiores de que há ali memória. O presidente da Câmara Municipal, Joaquim Anastácio, acompanhou a calamidade desde o primeiro instante, e luta, ainda, por conseguir os apoios necessários para a «reconstrução» do município. Socialista, em segundo mandato e com maioria absoluta, o autarca tem reconhecida influência em todo o sotavento do Algarve.

Fala, em entrevista, como se estivesse a conversar e, aparentemente, não esconde nada na manga.

Por exemplo, mais do que a polémica que a construção da Via do Infante tem suscitado, ele considera que o «processo tenebroso» que envolveu o seu projecto e construção conseguiu, pelo menos, prestigiar os agricultores algarvios e fazer «uma grande chamada de atenção», para que casos deste tipo «nunca mais se repitam». Referia-se, como é evidente, às objecções levantadas pela CEE relativamente ao financiamento daquela via rápida, pelo facto de o projecto não ter sido antecedido de um es-

tudo de impacto ambiental.

Joaquim Anastácio que, «apesar de tudo» acredita no «Algarve como região de grande atracção turística», considera que é indispensável mudar muitos procedimentos. Aqui fica o registo da conversa.

- A zona do sotavento algarvio ainda não está tão degradada como a de barlavento. É possível evitar, na primeira região, os erros cometidos na segunda?

- O sotavento algarvio, pelas características próprias que tem - uma grande parte do seu litoral é constituído por ilhas -, não se tornou tão atractivo como a zona de barlavento, pelo menos até há pouco tempo. Por isso as pressões sobre a região têm sido sempre menores do que sobre o barlavento. Os erros cometidos ali fizeram com que se tivesse criado uma consciência maior para evitá-los no sotavento. Por estas razões, a nossa zona não está tão desenvolvida e não tem algumas anomalias que infelizmente já existem no barlavento.

- Em termos globais, qual é a sua perspectiva para o desenvolvimento do sotavento algarvio?

- O desenvolvimento do sotavento não vai ser semel-

hante ao de barlavento. As câmaras da nossa região, e nomeadamente a de Tavira, já se muniram de alguns instrumentos que facilitam o nosso trabalho em termos de planeamento, designadamente os planos gerais de urbanização.

Em Tavira temos um aprovado que inclui todo o litoral (são mais de vinte quilómetros). Estes planos permitem, de facto, uma actuação mais planificada dos autarcas da região.

- A abertura da ponte sobre o Guadiana não vai revolucionar todo o sotavento algarvio?

- Eu não diria revolucionar, vai criar, sim, maiores pressões, como é evidente e por isso nós temos que estar preparados para enfrentá-las.

- Teme essas pressões?

- Eu não temo as pressões, só lamento é ainda não ter na minha mão os instrumentos necessários e suficientes para poder gerir a nossa zona como deve ser. Temo é que não tenhamos os meios económicos e financeiros para poder dar resposta em termos infra-estruturais.

- Que tipo de infra-estruturas?

- De diversos níveis, a começar pelo saneamento básico, que envolve centenas

de milhares de contos. Porque não basta ter os planos se depois não tivermos os meios, não podemos deixar que as infra-estruturas básicas sejam criadas desligadas umas das outras, para não cair na anarquia que aparece noutros locais. Só assim poderemos ter um ordenamento territorial capaz. O aspecto mais sério é não termos, a tempo e horas, os meios financeiros para poder dar resposta a todas estas questões. Além disso, precisamos, também, de criar uma série de estruturas culturais e desportivas que tornem a nossa região atractiva, tendo em vista todas estas mudanças que se estão a verificar. A nossa zona está vocacionada para o turismo mas precisa de qualidade para que ele seja atractivo, não só para quem nos visita, mas também para quem vive nas nossas regiões.

Isto para não falar nos investimentos que são indispensáveis para os sectores das pescas, transportes, saúde. Enfim, existe, de facto, uma série de infra-estruturas que são imprescindíveis para os desafios que nos são postos. Isso sim, eu temo; de resto o planeamento está feito e não tenho receio.



Anabela Loureiro

A Câmara de Tavira propõe-se participar em 10 por cento das despesas de reparação da histórica ponte, mas ainda não houve ace-



Uma nova estrutura metálica vai satisfazer temporariamente as necessidades de escoamento do trânsito sobre o Gilão

- O Inverno foi muito duro para a região de Tavira. Ela já está refeita dos prejuízos causados?

- A situação em Tavira foi muito mais grave do que aquilo que foi anunciado. As realidades não foram dadas com a dimensão do que sucedeu.

- Foi muito mais grave?

- Muitíssimo mais grave.

- E diga-me, como é que evita que para o ano suceda o mesmo?

- O que aconteceu foi uma anormalidade, não foi uma normalidade, porque cheias há sempre. Sucedeu uma catástrofe e todo o concelho de Tavira foi considerado como zona de calamidade. Agora tomámos algumas medidas reactivamente aos problemas que se prendem com o escoamento das águas fluviais. Fizemos algumas obras para minorar essas situações, propusemos outras à administração central, designadamente a construção de uma série de barragens e açudes ao longo das linhas de água para as reter e evitar que a «cabeça de cheia» - que é aquela grande tromba de água que surge nestas ocasiões - seja quebrada no seu ritmo. Oxalá

nunca mais venhamos a ter uma situação semelhante mas julgo que, com o que estamos a fazer jamais venham a registar-se os níveis de cheia que se verificaram.

- Foram prometidas compensações. Elas chegaram?

- Foram tomadas algumas medidas mas elas são muito insuficientes, quer para os diversos sectores, quer para a recuperação do município. Acharmos insuficientes as medidas tomadas pelo Governo, recebemos algum dinheiro a fundo perdido, que para pouco mais dá do que pagar o aluguer de máquinas e tapar alguns buracos, quando, no conjunto, o concelho de Tavira teve prejuízos que ultrapassam os dois milhões e quinhentos mil contos. Só em estruturas do município ultrapassam os oitocentos mil contos.

Ora, a Câmara recebeu cem mil contos a fundo perdido e candidatou-se a uma linha de crédito bonificada que, ao fim e ao cabo, é um engodo, porque, repare: para fazer face a esta situação precisamos de contrair um empréstimo de seiscentos mil contos, com juro



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

stácio e prometeram



10 por cento dos custos das
ouve acordo final com Lisboa

bonificado de 13,75%. Agora note quando é que custam 600 mil contos a este juro. Vai dar um encargo no ano de 1991, à Câmara, de 180 mil contos em juros e amortizações.

Por isso é que eu digo que esta linha de crédito foi um engodo, foi criada uma imagem de apoio aos municípios que é insuficiente. Não temos tido o apoio que seria justo.

- A ponte romana vai ser reconstruída?

- Estamos a fazer esforços para isso mas até este momento ainda não tive grande apoio da administração central. A ponte é um monumento nacional classificado, que não é só do interesse municipal e, por isso, já fizemos uma proposta para a sua recuperação, de modo a haver contrato-programa onde a Câmara entraria com dez por cento e a administração central com noventa por cento. Isto é um princípio que está consagrado na lei. Porque, saliente-se, é uma obra que custará entre os 60 e os 70 mil contos.

Pereira de Almeida

Ninguém deixa a terra

O casal Simão, Joaquim — o velho barbeiro de Cabanas — e Maria Natália, ambos reformados e a «gozar os últimos anos do vento fresco» de sotavento, estava em arrumações, na vivenda antiga que possui na localidade, quando os conhecemos, num fim de tarde. Natália esfregava, com óleo, o portão do quintal, recém-pintado.

Meses depois, ainda estão a recompor a residência dos prejuízos das cheias que, na madrugada de 29 de Novembro passado, transformaram Cabanas de Tavira num inferno. A povoação foi das mais atingidas pela calamidade mas nem isso faz tremer as suas gentes.

Tal como a maioria dos seus habitantes, Joaquim e Natália, apesar das suas idades avançadas, não pensam abandonar a localidade. Têm-lhe amor e acreditam que «nunca mais vai haver uma cheia assim». Estão gratos às autoridades que, já depois da enchurrada, construíram uma pequena barragem nas proximidades para prevenir os efeitos de futuras chuvadas.

Homem prevenido...

No centro da cidade de Tavira, mesmo junto ao Gilão, que neste local, transbordou de forma assustadora na noite de 3 de Dezembro, o dono da esplanada que tem o nome do rio sempre era um homem tranquilo. João Botelho trabalhou, no duro, muitos anos, em Hamburgo, na RFA, para onde emigrou há 15 anos.

Voltou com o suficiente para refazer a sua vida, é proprietário, e ao contrário de muitos outros negociantes, é um homem

prevenido. Tem o bar e o seu equipamento no seguro, pelo que não vive a ansiedade dos seus colegas que aguardam compensações e indemnizações indispensáveis para recuperar os prejuízos provocados com a «revolta do Gilão», numa madrugada fria e chuvosa, apostado em levar tudo à frente.

Hoje os ânimos estão serenos e só faltam os turistas. Foi montada uma ponte metálica perto da ponte romana que ruiu parcialmente nessa madrugada, e Tavira volta a ser a terra simpática, meio caminho entre Faro e Espanha.

Pescadores descontentes

A cidade de Tavira também tem os seus problemas. O relato de alguns deles é feito por aqueles que mais razões de queixa têm: os pescadores. «Estou cá há doze anos e vejo a pesca cada vez pior. Agora com a nova lei só podemos pescar peixe graúdo e esse não há. Temos que viver com aquilo que vem à rede. Lá para os lados de Olhão e Vila Real é que as coisas estão boas. Olhe, eu, quando vendo, faço uma média de 900 escudos por dia. Isto não é nada», lamentava-se um deles.

Esperar por melhores dias? «Isto já não tem melhoras possíveis. Veja os turistas: o ano passado, em Maio, já estava tudo cheio de turistas. Este ano não se vêem. Para além disso tivemos o problema com a ponte, que foi abaixo por causa do temporal. Em termos de saúde, temos um hospital, mas estamos muito tempo à espera de consulta. Urgências não há. Por isso, como vê, estamos de mal a pior», disse-nos outro pescador que não nos quis dizer o nome.

E já que estava a desabafar, continuou: «Vou-lhe dizer mais uma coisa que me está aqui atravessada. Por altura dos temporais, o cano de esgoto que atravessa o rio e vai desembocar do outro lado da cidade rebentou mesmo junto à lota. Aliás, só não vê quem não quer e se for lá vê a porcaria a sair. Os barcos chegam com o peixe que é lavado com esta água suja. Os pescadores dizem que é para o peixe ficar a brilhar e não reparam na poluição que tem o rio. A Câmara Municipal de Tavira ainda não fez nada para resolver o problema. E não é por desconhecimento. Isto está aqui junto à lota, ao mercado municipal e só não vê quem não quer».

Gisela Oliveira e
Pereira de Almeida



As obras de recuperação da ponte romana estão
orçadas entre 60 mil e 70 mil contos

COMPRIMIDOS
A BASE DE LIMÃO
ALGAS E ALOÉS

maxiliber®



maxiliber®

CHÁ COM
NOVE PLANTAS
SELECIONADAS
GOTAS COM
SEIS ESTRATOS

REPRESENTAÇÃO EXCLUSIVA: FEREL COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, LDA. — Rua do Alecrim, 71-1.º Tel. 32 00 59/32 13 88 — 1200 LISBOA

QUOTIDIANO

O Ministério das Finanças deu o exemplo para a revitalização do Terreiro do Paço. Cedeu um espaço para actividades culturais e promoveu concurso de ideias. Falta a execução do projecto

Para quando a animação?

Muito se tem falado da necessidade de proceder à animação do Terreiro do Paço, transformado, nas décadas mais recentes, em parque de estacionamento automóvel e em centro das burocracias ministeriais. Pouco se tem feito. O concurso de ideias para o aproveitamento de um espaço do Ministério das Finanças poderá ser o primeiro passo. Ganhou um projecto arrojado que propõe a transformação das salas até agora ocupadas, entre outras coisas, com uma tipografia, num salão polivalente à espera de todo o tipo de manifestações artísticas. Aguarda-se agora a concordância formal do Instituto Português do Património Cultural (IPPC).

A equipa vencedora é constituída por Bárbara S. Miguel, de 33 anos e Nuno Pires Antunes, de 35 anos. «É uma sala polivalente sem qualquer actividade definitiva. Pretende-se que seja o mais versátil possível, adaptando-se às necessidades de momento. Para além das estruturas metálicas fixas, todas as construções são amovíveis», esclareceu Nuno Pires Antunes.

Os três projectos premiados

no Concurso Público de Ideias para a Reutilização e Exploração de uma zona do Terreiro do Paço encontram-se agora em exposição, «Terreiro do Paço, uma reformulação», na Galeria Almada Negreiros. A equipa vencedora recebeu mil e 500 contos, mas os premiados nada sabem quanto ao destino que será dado aos seus trabalhos. O regulamento

do concurso era omissivo neste ponto. E Bárbara S. Miguel lembra que ganharam, o ano passado, o certame para os arquivos gerais do IPPC e, até hoje, nada se decidiu.

No entanto e a julgar pelas declarações de Vilhena da Cunha, secretário-geral do Ministério das Finanças e presidente do júri, há grandes hipóteses de se executar

o projecto premiado. Sobre a qualidade das ideias apresentadas acrescentou: «Os projectos são todos imaginativos. Optámos por este porque, do ponto de vista arquitectónico, é muito arrojado. Trata-se de uma zona com cerca de 700 metros quadrados que pode ser polivalente, tendo no entanto uma estrutura fixa.» O exte-

rior do edifício, esquina entre a Praça do Comércio e a Rua da Alfândega, não sofrerá qualquer alteração.

Na inauguração da exposição, Santana Lopes, secretário de Estado da Cultura, seguiu atentamente as explicações dos jovens arquitectos e mostrou-se satisfeito com o que viu. Confessando ter pouco conhecimento da matéria, distinguiu o projecto premiado, que classificou de ousado, dos outros dois, com maiores afinidades entre si. Não referiu as suas preferências. «Acho que qualquer dos projectos é interessante. Mas espero a decisão dos especialistas», justificou.

Independentemente de todas as resoluções, «o Terreiro do Paço precisa de vida. Os carros devem sair dali», frisou, ainda, Santana Lopes. O governante louvou o espírito do Ministério das Finanças ao tomar esta iniciativa e realçou a juventude das três equipas premiadas. Para além dos vencedores, registem-se os nomes de Paulo Cunha e Luís Frasco, e Paulo Sá Gomes, Pedro Ramos Ferreira e Raul Reis.

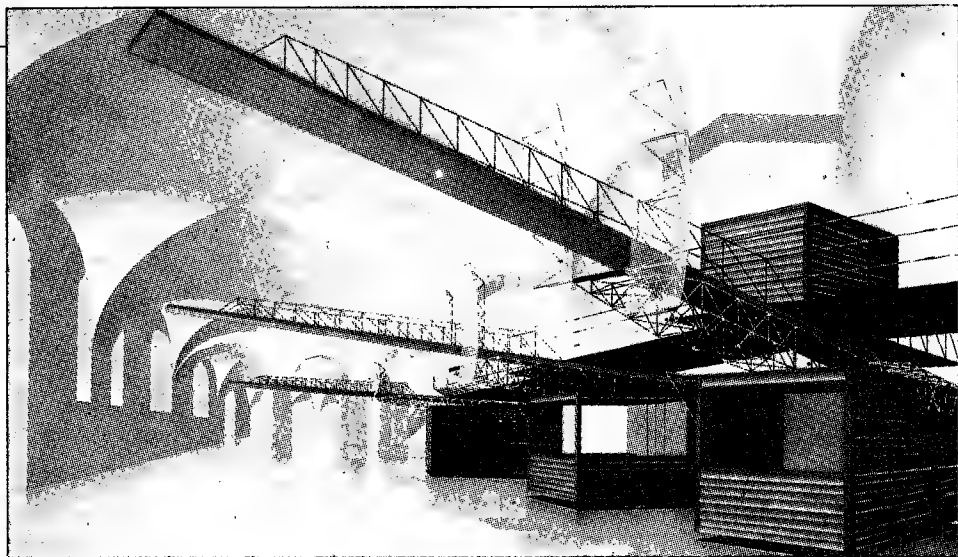
Por estar consciente da necessidade de revitalização

dos espaços urbanos, é que o Ministério das Finanças cedeu uma pequena parte do seu espaço e promoveu este concurso no âmbito das celebrações do seu bicentenário, em 1988. Era então ministro Miguel Cadilhe, que, ontem, não quis deixar de comparecer à inauguração. Uma presença que se revelou discreta, pela parte do ex-ministro e da imprensa presente.

A esta iniciativa juntaram-se a Direcção-Geral de Edificações e Monumentos Nacionais, o IPPC, a Câmara Municipal de Lisboa, a Academia Nacional de Belas Artes e o Centro Nacional de Cultura.

É importante salientar, e mais uma vez se chama a atenção para a necessidade da existência de trabalhos integrados, uma vez que a revitalização do Terreiro do Paço depende, também, de outros projectos. Estamos a falar do trabalho dos arquitectos Monteiro de Oliveira e José Tudella para a Avenida da Ribeira das Naus, que implica o afundamento da avenida. Prevê-se ainda o regresso da fragata «D. Fernando», e a saída do parque de estacionamento.

C.N.



Maqueta da sala polivalente — cerca de 700 metros quadrados com estruturas metálicas fixas e outras amovíveis



Bárbara S. Miguel e Pires Antunes (à direita) explicam a Santana Lopes o seu projecto

TRIBUNAL JUDICIAL DE 16.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução DE SENTENÇA n.º 5831/B 3.ª secção.

Exequentes UNIÃO FABRIL FARMACÉUTICA, SA.

Executado AGRIPINO SANTOS PEREIRA, e mulher NATÁLIA NEVES CATALÃO PEREIRA, residentes na Rua Manuel Ribeiro de Almeida, 909, S. Cosmo, Gondomar.

Lisboa, 11 de Junho de 1990

O Juiz de Direito, (assinatura ilegível)
O Escrivão de Direito, (assinatura ilegível)

«DL» — 1.ª Pub. — 20/6/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TAVIRA ANÚNCIO

FAZ SABER que no dia 18 de Setembro pelas 9.30, no Tribunal Judicial desta comarca de Távira, e nos autos de Carta Precatória n.º 70/90, vindos do 3.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, e extraída dos de Execução de Sentença n.º 1817/A/89, 3.ª Secção, em que é Exequente: A UNIÃO FABRIL FARMACÉUTICA, S.A., com sede na Travessa das Pedras Negras, n.º 1 - 5.º - Lisboa, e Executado ALVARO MANUEL DOS SANTOS REGUEIRA, com estabelecimento na Rua Marechal Gomes da Costa, n.º 12 - Santa Luzia - Távira, serão postos em praça para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado nos autos, os seguintes bens móveis:

Uma vitrine expositiva, frigorífica com 2 metros de comprimento em inox.

Uma máquina de Imperial em inox de marca «Marifol».

Távira, 8 de Junho de 1990.

A Juíza de Direito, Carla Maria de Senna Fernandes Nascimento Mendes
A Escrivã-Adjunta Floripes Maria da Conceição Andrez Gonçalves

«DL» — 1.ª Pub. — 20/6/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO ANÚNCIO

No dia 12 de Julho de 1990, pelas 14 horas, no 9.º Juízo Cível de Lisboa, e nos autos de Carta Precatória n.º 34/90, vinda do Tribunal da Comarca de Sintra — 3.º Juízo 2.ª Secção, extraída dos autos de Execução Ordinária n.º 122/78 em que são Exequente Macorelli — Materiais de Construção e Revestimento, SARL e Executada Construções Jerónimo Lda, com sede na Rua Um à Estrada Consiglieri Pedroso, Lote 41, em Queluz de Baixo, hão-de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor de Esc. 660 672\$00 (cada um dos imóveis), os bens a seguir discriminados:

VERBA ÚNICA:

As fracções autónomas designadas pelas Letras «G», a que corresponde o 1.º andar C, a letra «P», a que corresponde o 3.º andar C e a letra «Q», a que corresponde o 3.º andar D, do prédio urbano em regime de propriedade horizontal, sito na Rua Um à Estrada Consiglieri Pedroso, Lote 41, em Queluz de Baixo, descrito na Conservatória do Registo Predial de Oeiras, sob o n.º 16 674 a fls 126 v.º do L.º B-54 e inscrito na matriz predial urbana da freguesia de Barcarena, sob o art.º 3 1747. Lisboa, 11 de Junho de 1990.

O Juiz de Direito
a) Alberto António Moreira Mira
A Escrivã Adjunta
a) Maria José Gonçalves
«DL» — 1.ª Pub. — 20/6/90

Em Guimarães

Jogos sem Fronteiras causam receios ao IPPC

A realização, na noite de ontem, dos Jogos sem Fronteiras junto ao Castelo de Guimarães não ocorreram sem contestações e problemas. Os participantes, representando formações de Arnedo, Granville, Brebbia, Caldas da Rainha, Titovo Uzice e Faetano, utilizaram para as suas proezas televisivas o histórico Campo de S. Mamede, nas traseiras do Castelo, onde, além das indispensáveis bancadas e cenários foi cavada uma enorme piscina de envergadura muito superior a qualquer outra até agora concebida para aquele espectáculo.

A piscina tem 37 metros de comprimento por 24 de largo e atinge 1,20 metros de profundidade.

Aqui se levantaram os problemas, pois o Instituto Português do Património Cultural solicitou ao município a interdição dos trabalhos num local de tal peso histórico.

A Câmara contestou essa posição, argumentando com as múltiplas manifestações culturais já ali realizadas, desde as Festas dos Centenários, em 1940, uma batalha de leões e minhotos (personificados pela GNR), em 1958, a primeira Feira Popular, de 1976, e as corridas de cavalos, de há apenas dois anos. Todas estas manifestações levaram a obras no Campo de S. Mamede, que hoje apresenta uma altura muito superior à de algumas décadas.

Por outro lado, o município comprometeu-se a tapar o buraco aberto pela piscina, logo que os jogos terminem e é de opinião que não serão encontrados quaisquer vestígios arqueológicos.

Esta edição dos Jogos sem Fronteiras realiza-se em Guimarães em virtude de uma equipa representativa daquela cidade ter ganho a última emssão, realizada em Nice, no ano passado.

O espectáculo (que teve segunda-feira o seu ensaio geral e ontem foi gravado, realizando-se novas gravações no sábado) será transmitido pela RTP, mas em diferido, nos dias 16 de Julho e 13 de Agosto, sendo precedido de um pequeno filme de três minutos sobre Guimarães.

Dos 20 jogos que farão parte do programa, conhecem-se já os denominados de «A Cantarinha dos Namorados», «O Funicular para a Penha», «A Indústria de Calçado», «Batalha de S. Mamede», «O Galo de Barcelos» e «A Colegiada da Oliveira».

O financiamento está a cargo das televisões participantes, mas a Câmara de Guimarães comparticipou com 15 mil contos para as obras no Campo de S. Mamede e para o pagamento de 60 figurantes que animam as vetustas ameias do Castelo de Afonso Henriques.



CML

proteja a sua saúde
mantenha a tampa fechada

CULTURA

Proposto pelo Núcleo de Cineastas Independentes, o «workshop» que o produtor inglês John Wyver dirigiu na segunda e terça-feira permitiu, entre outras coisas, testar as capacidades do auditório do Belém Clube-Museu, que amanhã inaugura e, dado que não esteve lá, verificar uma vez mais que a televisão que ainda nos consome já sabe tudo. Até porque há já dois anos que passou no segundo canal uma produção de Wyver

Ver no estado puro

A imagem electrónica assume hoje o impacto que, no começo do século, teve a iluminação eléctrica. Abandona a representação e poderíamos afirmar que (quase) nos permite ver sem saber. Acontece que as potencialidades dos actuais sistemas de comunicação solicitam um número crescente de artistas que procuram campos mais amplos de actuação para obras que impliquem uma maior organização, apoios e gestão.

Embora as relações entre a televisão e a vídeo-arte se caracterizem ainda por uma recíproca desconfiança e hostilidade, a Grã-Bretanha tem exibido na sua televisão trabalhos em vídeo de artistas internacionalmente reconhecidos.

O novo Canal 4, e outras entidades, criaram condições que têm possibilitado aos produtores independentes a oportunidade dos artistas realizarem programas tel-

evisivos em diversas áreas.

Fundada em 1982, a companhia de produção independente «Illuminations», ao especializar-se numa programação cultural diferente e inovadora, constituiu-se como uma resposta a essas necessidades. Escritor e produtor independente (em colaboração com a «Illuminations») John Wyver dirigiu os workshops que este fim-de-semana tiveram lugar na Casa de Serralves, no Porto, com

Antoni Muntadas, e a solo no auditório do Belém Clube-Museu para um número restrito de profissionais convidados.

De entre as produções da «Illuminations» apresentadas nestes workshops, «TV Degree Zero», «Steps» ou «L'Object d'Art A l'Age Electronique» são os que melhor exemplificaram a aplicação de uma nova linguagem televisiva.

Realizado por Terry Braun e produzido por Linda Zuck para a série «The Late Show», da BBC 2, «TV Degree Zero», como o próprio título sugere, é uma reflexão sobre o legado cultural do crítico e filósofo francês Roland Barthes, falecido em 1980.

Produzido por John Wyver para a «Channel Four Television», «Steps» faz parte de uma série de dezasseis trabalhos de artistas para televisão, sob o título genérico de «Ghosts In The Machine». Co-financiada pela norte-americana «Public Broadcasting Service», partiu de uma encomenda que a «Illuminations» fez ao realizador polaco Zbigniew Rybcynski. Segundo Wyver, «a ideia de introduzir um grupo de turistas americanos - com todo o aparato que isso implica - na sequência da escadaria de Odessa, do filme «O Couraçado de Potemkine», de Eisenstein, pareceu-nos tão fantástica que não resistimos em produzi-la».

Também produzido pela «Illuminations» para a francesa «Canal Plus», e realizado por Geoff Dunlop, «L'Object d'Art A l'Age Electronique» procura analisar as questões levantadas por Walter Benjamin no seu conhecido ensaio «A Obra de Arte na Idade da Reprodução Mecânica». A fotografia já não é o elemento corruptor dessa aura que mitificava a obra de arte. A interrogação, a constituir-se como tal, resulta das potencialidades inovadoras e transformadoras da imagem electrónica, já que o computador, associado ao vídeo, assume um papel particularmente relevante.

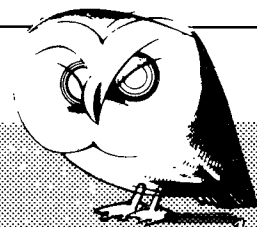
Daí ao vírus, é o lapso de um videograma. «Signs of Life» a produção mais recente de John Wyver, mergulha já no universo do desenvolvimento de formas de vida artificiais no mundo dos computadores.

Cada vez mais nos apercebemos que o Futuro era ontem.

Jorge Fallorca



Julinho da Concertina: um espanto O programa musical das Festas de Lisboa, não obstante a má organização e a falta das mais elementares condições técnicas para a realização dos concertos que têm animado desde o princípio do mês algumas das ruas da cidade, teve pelo menos o mérito de promover a revelação de um grande músico cabo-verdiano de quem, há pouco, ninguém falava: Julinho da Concertina. Ontem à noite ele esteve mais uma vez na Avenida da Liberdade e de facto é um espanto a mexer naqueles botões. Para além das mornas e das coladeras, ficamos a conhecer o bom funaná rural de Cabo Verde



olhar de mocho

Guerra dos trinta anos

Não se sabe quem foi o autor da ideia de colocar o ministro soviético dos Estrangeiros em longas conversações de seis horas com o ministro Genscher da RFA na famosíssima sala da Paz da Vestefália, um monumento de beleza que é hoje a relíquia da Câmara Municipal da Münster.

O canal 2 deu-nos imagens da reunião dos dois ministros dos Estrangeiros e não se esqueceu de assinalar que a Paz da Vestefália acabou com a Guerra dos Trinta Anos.

Foi uma das barbaridades mais bárbaras da história da Europa essa tal guerra que de 1618 até 1648 ameaçou liquidar os tão prezados sentimentos civilizados do Ocidente cristão. Foi uma guerra religiosa, entre católicos e protestantes, mas foi também guerra política. O duque Maximiliano, católico fanático e fundamentalista, pretendeu reconverter ao catolicismo uma cidade da Baviera que tinha feito a sua pacífica opção pelas doutrinas de Lutero. E o citado duque surgiu para aniquilar tudo e todos recorrendo, nos seus métodos belicistas, também da arma da violação de mulheres indefesas.

Depois, palavra puxa palavra, condado puxa condado, meteram-se todos ao barulho, e durante trinta anos seguidos, na Europa não houve paz. Importa recordar que nessa guerra o objectivo a alcançar era a destruição do protestantismo alemão ou dos condados alemães de confissão protestante.

O fundamentalismo fanático era de tal teor que após a assinatura da Paz de Vestefália em 1648, o próprio Papa Inocêncio X protestou com a bula, «Zelo pela Casa de Deus», contra a paz contratualmente garantida, pretendendo, embora sem o conseguir, anular a Paz da Vestefália e recomençar as hostilidades.

Rezam as crónicas da época que a Guerra dos Trinta Anos causou estragos profundos na vida cultural, fez renascer as superstições, reactivou a caça às bruxas, e que todas estas feridas só foram curadas pelo protestantismo alemão que saiu reforçado.

Bem sei que a guerra fria dos quarenta anos, pelo menos, de 50 a 90, não foi uma guerra dos Trinta Anos, embora vontade não faltasse, tanto do comunismo como da civilização cristã, em momentos históricos e pontuais, de repetir as façanhas bárbaras do século XVII. Mas das conversações entre Chevardnasse e Genscher na sala da Paz de Vestefália poderão sair novos tempos novos como aconteceu em 1648. Tudo indica que o capitalismo, filho primogénito do protestantismo alemão, como demonstrou Max Weber, não terá interesse em esmagar fanaticamente, à moda da Guerra dos Trinta Anos, o comunismo soviético. A *entente*

cordiale, a tolerância, o são convívio entre as partes antagónicas que o Muro dividia mas já não divide, parecem ser os frutos a pedir colheita que apodreçam na árvore. É que, por maiores que sejam os ódios da civilização cristã em relação ao comunismo, ela nunca poderá afirmar, olhando para a Guerra dos Trinta Anos: «desta água não beberei.»



José Sousa Montelro

CULTURA E ESPECTÁCULOS

A cerimónia de entrega foi ontem ao fim da tarde, mas a figura sobre quem as atenções mais se dirigiam, por mérito próprio que não por demérito de Pedro Tâmen, era Miguel Serras Pereira. Mas o agora director da revista libertária «A Ideia» não compareceu...

Grande Prémio de Tradução para dois

Miguel Serras Pereira e Pedro Tâmen foram os distinguidos com o Grande Prémio de Tradução referente a 1989, cuja entrega decorreu ontem, ao fim da tarde, na Livraria Barata. Na cerimónia estiveram presentes o secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes e o presidente do Instituto Português do Livro e da Leitura, José Afonso Furtado.

O júri, constituído por Casimiro de Brito, Manuel João Gomes e Fama Hasse Pais Brandão, decidiu atribuir o prémio *ex-aequo* a Miguel Serras Pereira pela tradução de «Os Meteoros», de Michel Tournier, e de «A Exposição Colonial», de Erik Orsenna, e a Pedro Tâmen pela de «A Vida Modo de Usar», de Georges Perec.

«Talvez pareça estranho que, no caso de Serras Pereira, o prémio tenha sido atribuído pela realização de dois trabalhos. Mas a razão é simples: eram duas traduções e duas obras de grande qualidade literária e, para nós, júri, foi extremamente difícil preferir uma a outra», disse o escritor Casimiro de Brito durante a cerimónia.

Miguel Serras Pereira, que é também poeta e, presentemente, dirige a revista libertária «A Ideia», não esteve presente na Livraria Barata «porque vive longe, em Constança, e, por razões de ordem pessoal, não lhe era possível deslocar-se a Lisboa», afirmou ao «DL» o seu editor, que recebeu o prémio em nome do galardoado.

«Quanto a Pedro Tâmen, quem teve a oportunidade e o prazer de ler o livro de

Perec chega à conclusão, ao fim de poucas páginas, que se trata de uma obra invulgar: tanto no que respeita ao original, como à tradução, que é uma obra de filigrana -- à semelhança, aliás, de toda a sua obra poética», referiu Casimiro de Brito, justificando a escolha dos jurados.

«Os Meteoros», de Michel Tournier -- escritor distinguido em 1970 com o mais prestigiado dos galardões literários franceses, o Prémio Goncourt -- é uma obra controversa, e apesar da sua beleza será, para leitores mais sensíveis, um livro chocante. Indubitavelmente, um dos seus romances mais complexos, tanto a nível formal como de conteúdo.

«A Exposição Colonial» é o título do grosso volume que valeu ao seu autor, Erik Orsenna, o Goncourt de 1988. Trata-se de uma obra de ficção audaz e irónica, revelando uma alegria que contagia o leitor. Sem dúvida, um livro de leitura mais simples que «Os Meteoros».

Tanto uma como outra das traduções revelam, pelo cotejo com os originais (muitas vezes, bastante complicados e também bastante diferentes), domínio de ambas as línguas, um trabalho de grande precisão e, ao mesmo tempo, de profunda sensibilidade literária por parte de Miguel Serras Pereira.

Quanto à obra de Georges Perec, «A Vida Modo de Usar», ela é inclassificável. Trata-se de uma dos livros mais injustamente esquecidos da literatura contemporânea.

Um romance aparentemente fragmentário, de leitura difícil e para a construção do qual o seu autor utilizou, inclusivamente, a análise

combinatória. A sua tradução constituiu - e quem teve oportunidade de ler a edição portuguesa bem o sabe - um trabalho hercúleo, «um corpo-a-corpo com o autor da obra original», referiu-nos Pedro Tâmen. Como adiante se ilustra...

Uma aventura fascinante

D.L. - Traduzir Perec foi uma aventura, um desafio?

Pedro Tâmen - Foi uma aventura, um desafio, uma obsessão. Posso dizer que, durante oito meses, vivi, de dia e de noite, com Georges Perec. Acordava de noite com ideias novas para resolver os problemas que se punham em cada linha... Foi uma aventura fascinante.

Para quem, como eu, encara a tradução como um corpo-a-corpo com o autor da obra original, esta foi uma luta muito difícil e, portanto, muito mais gostosa.

D.L. - Venceu esse corpo-a-corpo?

P.T. - Não sei, não estou certo. Penso que hoje, passados uns meses depois do livro publicado, se me desse ao trabalho (a que mais tarde me darei) de ler o livro à lupa, outra vez, chegaria à conclusão de que este ou aquele problema teria sido resolvido de forma diferente.

A tradução nunca está terminada. Por isso digo que não sei se venci ou não o desafio. Penso que venci parcialmente.

D.L. - Neste caso, traduzir terá sido trair?

P.T. - Traduzir é trair sempre um bocadinho. Mas a velha frase é ilusória porque,

tendencialmente, a tradução é o contrário de traição. É a entrega da obra original numa outra língua, na qual sofre naturais alterações que não são, necessariamente, trações.

D.L. - Qual lhe parece ser a qualidade das traduções em Portugal?

P.T. - A verdade é que a qualidade média não é tão boa como poderia ser. E aí entramos num círculo vicioso. As traduções são muito mal pagas. Grande parte dos tradutores trabalham para ajudar o financiamento da sua actividade profissional. Por isso, têm de fazer as coisas à pressa, não se podem dar ao luxo de pesquisas e reflexões.

D.L. - Que importância tem este prémio para si?

P.T. - O ter recebido este prémio deixa-me muito contente, justamente por esta aventura da tradução do Georges Perec ter sido exaltante, e por corresponder a um período da minha vida completamente dominado por este trabalho.

Outra razão para eu me sentir gratificado está no facto de um júri ter olhado para esta tradução e ter achado que ela merecia um prémio.

Mais importante ainda é existir, em Portugal, um Grande Prémio de Tradução, actividade que, normalmente, é tão menosprezada e ignorada entre nós.

D.L. - Que obra, ou que autor, gostaria de traduzir de seguida?

P.T. - Por esquisito que isso possa parecer, gostava de traduzir outro Perec...

Mário Rocha

«Facilidade do Ar» de António Ramos Rosa

Uma reconciliação com o mundo

Mais um livro de António Ramos Rosa acaba de ser lançado. Foi na noite de ontem, na Galeria Moira, onde têm estado expostos vinte desenhos do poeta. «Facilidade do Ar», assim se chama um conjunto de sessenta poemas extraordinariamente belos, alguns dos quais ditos ali - depois da apresentação a cargo de António Guerreiro - por Paulo Filipe.

Antes, conversámos com Ramos Rosa: sobre poesia, sobre desenhos...

- «Facilidade do Ar», terá este título alguma coisa a ver com os poemas?

«Sim, o título tem a ver com os poemas e tem também com uma fase da minha poesia que começou já há um bom par de anos, em que se deu como que uma espécie de viragem, de uma poesia angustiada para uma poesia em que existe uma relação mais feliz com o mundo, com a natureza, podemos dizer uma poesia de carácter cósmico».

- Recorda-se quando se deu, na sua poesia, essa viragem?

«Não sei dizer a partir de que livro, precisamente, mas posso afirmar que é uma fase muito característica em que todos os livros exprimem, se assim se pode dizer, uma maneira de encarar, de viver

a natureza, que de certa maneira está expressa no título que dei ao livro».

- Quer dizer que todos estes poemas estão subordinados a um tema?

«Sim, todos eles têm uma relação com a natureza, uma relação de certa maneira fácil,

no sentido de que não é um produto de uma elaboração intelectual, difícil, mas que é resultante de uma atenção ao mundo. Uma atenção que se torna, pela poesia, uma atenção criadora».

- Digamos que é uma preocupação sua... para além de

poeta, como pessoa. Será assim?

«Bom, tornou-se uma preocupação permanente porque é uma necessidade vital de encontrar correspondências com o ser».

- É uma poesia de intervenção?

«Aparentemente é uma poesia passiva, mas essa passividade pode ser uma receptividade que se torna em criação activa, pela linguagem».

- Sobre os seus desenhos aqui expostos. Quer falar acerca deles?

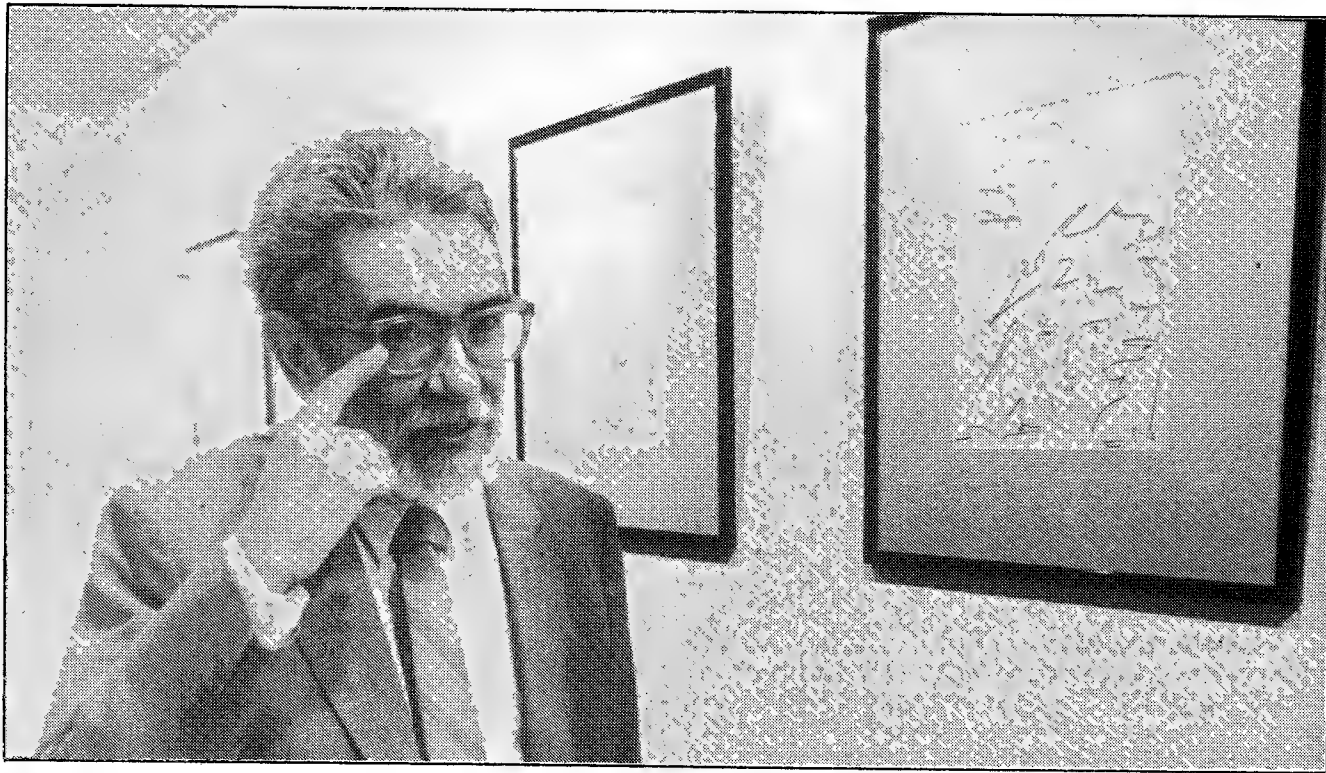
«Posso dizer-lhe que se trata de desenhos com traços muito simples, gestuais, que são como que uma maneira de descontrair o espírito e de certo modo complementar o meu trabalho poético».

Depois foi a apresentação propriamente dita. Na presença de largas dezenas de amigos e admiradores da poesia de António Ramos Rosa, António Guerreiro falou do poeta e da sua obra, começando por dizer:

«A leitura que fiz de «Facilidade do Ar» permitiu-me verificar duas coisas. A primeira, que se trata de um belíssimo livro de poesia e a segunda que vem de certo modo coroar um percurso que já se vinha anunciando desde o «Volante Verde»».

E António Guerreiro justifica esta afirmação: «desde algum tempo que a poesia de Ramos Rosa tendia para a serenidade e a afabilidade de uma voz, reconciliada consigo e com o mundo, aceitando aquilo que é como um programa mínimo de existência. No entanto, nunca como neste livro o poeta fora tão longe na experiência serena e emanente das coisas, no júbilo da sua relação com o mundo».

R.B.



Ramos Rosa ao DL: «Poesia passiva, só aparentemente...»

CULTURA E ESPECTÁCULOS

«Em Nome da Terra», uma obra mais de Vergílio Ferreira

A pontuação da vida

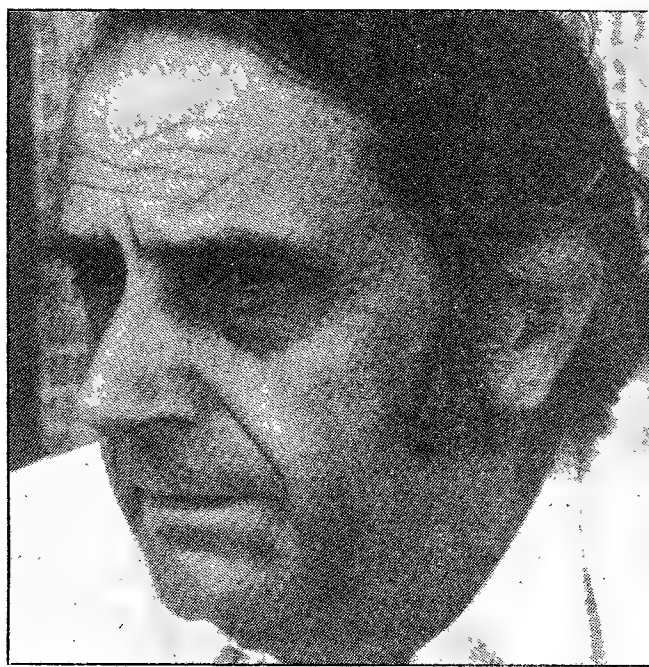
Em nome da terra, sim, em nome do assento dos nossos pés, em nome dessa força muito lá no fundo que se imiscui por nós acima, apelo e chamamento, exaltação que nos sobe até aos astros. À semelhança de muitos e muitos rituais. Por exemplo: «Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...» Não que seja um romance essencialmente litúrgico, mas por ser uma escrita que nos leva à apreensão de tudo quanto a este globo nos liga, seja um nome, uma aspiração, os outros que nos acompanham por esta viagem interplanetária indefinidamente repetida. «Em Nome da Terra» (Bertrand Editora), é, por consequência, glorificação e sofrimento - glorificação de uma alegria breve, sofrimento de um cântico final (para nos servirmos de títulos anteriores do romancista.)

Tudo começa dentro daquela maneira humana que, pormenor a mais, pormenor a menos, pode, de forma

simples, principiar por estas palavras:

«Querida. Veio-me hoje uma vontade enorme de te amar. E então pensei: vou escrever-te. Mas não te quero amar no tempo em que te lembro. Quero-te amar antes, muito antes. É quando o que é grande acontece. E não me digas diz lá porquê. Não sei. O que é grande acontece no eterno e o amor é assim, devias saber. Ama-se como se tem uma iluminação, deves ter ouvido. (...) Ou como quando se dá uma conjunção de astros no infinito, deve vir nos livros. Ou mais provavelmente esse tempo nunca pôde existir, que é quando realmente existe o que vale a pena existir. Vou pensar melhor a ver se eu próprio entendo...»

Só a maturidade nos pode ditar tais palavras, não cabendo aqui, por força do binómio idealismo-materialismo. Nunca poderemos menosprezar a seguinte grande verdade: quando um



homem se ergue de manhã, vindo do sono, esse homem é material ou ideal...? Uma única certeza só: esse homem colocou os pés no chão, no solo, na terra - e irá cumprir um itinerário que, de antemão,

ignora em absoluto. Em absoluto...?

É óbvio que ao fazer a barba, olhando-se ao espelho, vestindo os múltiplos hábitos de todos os dias, esse homem (eu, tu, ele) se vai integrando

em multifacetadas acções que, consciente ou inconscientemente, sabe que o esperam. Ou por outras palavras - os caminhos do presente abrem-se aos seus passos, mas um outro tempo há, a eternidade, que exige outro pisar, outra feição de contornar coisas e pessoas, ideias e sentimentos. Então, aí, nessa absoluta ausência de passado, presente e futuro, o homem sente-se de súbito perdido, sem pontos cardeais, em pura errância. «É o tempo (pág. 115) em que as palavras já não criam o mundo como na boca de Deus que o criou com elas. Em que se dá conta de que já não trazem nada de dentro consigo. (...) Atravessamos o tempo. Como um filme rodado para trás. Regressar, vencer o destino antes de nos vencer ele a nós. Recuperar a nossa disponibilidade. Ser a ignorância do futuro...»

Que o leitor se não perca em tais palavras, só unicamente vagas à superfície da página, pois é através de

tais termos que o homem percorre uma escala que, compassadamente, compreende Terra, Deus, amor, nostalgia, erro, mágoa, plenitude, etc., isto é, a existência em todas as suas fracções, suas cores, seus números, suas letras, sua pontuação (neste passo sobressaindo quer as reticências, quer o ponto de interrogação.) O leitor: reticências e ponto de interrogação...?

Exacto, leitor - e é precisamente aqui que Vergílio Ferreira, recusando a noção de peremptório, se revela o escritor que sabe que todos nós somos funâmbulos numa corda feita de reticências, com, no fim, um enorme ponto de interrogação. Como ponto de equilíbrio e apoio, e só de quando em quando, um ou outro ponto de exclamação - e, em tom ritual, as palavras de um possível ponto final: «Eu te baptizo em nome da Terra, dos astros e da perfeição.»

Pedro Alvim

RTP Açores tem na forja «Mau Tempo no Canal»

Após as primeiras imagens em S. Miguel, continuam a decorrer nas ilhas do Faial e do Pico, as filmagens da série «Mau Tempo no Canal», baseada na obra homónima do escritor açoreano Vitorino Nemésio.

Iniciativa da RTP Açores, na senda de «Xailes Negros» e «O Barco e o Sonho», este trabalho é também da responsabilidade do realizador José Medeiros que, tal como nos

anteriores, encontrou nas ilhas, entre gente anónima e desconhecida do meio artístico, nomeadamente no Faial e no Pico, alguns dos principais intérpretes da série. Maria do Céu Guerra é a única excepção.

A produção de «Mau Tempo no Canal» é de Paulo Martinho e os responsáveis pela imagem e pela iluminação são, respectivamente, Luís Bettencourt e Carlos Azevedo.



COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS

SALA NOVA

SALA 1

CURTA SERIE DE ESPECTACULOS!

O ESTRANGEIRO EM CASA

TEXTO • RICHARD DEMARCY
MÚSICA • JOSE MARIO BRANCO

ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA

UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO

TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES

QUINTA, SEXTA, SÁBADO ÀS 21.30 h • DOMINGO ÀS 17.00 h

APOIOS • GULBENKIAN • REMEDIUS • MUSIC

CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO

SUBSIDIO S.E.C.

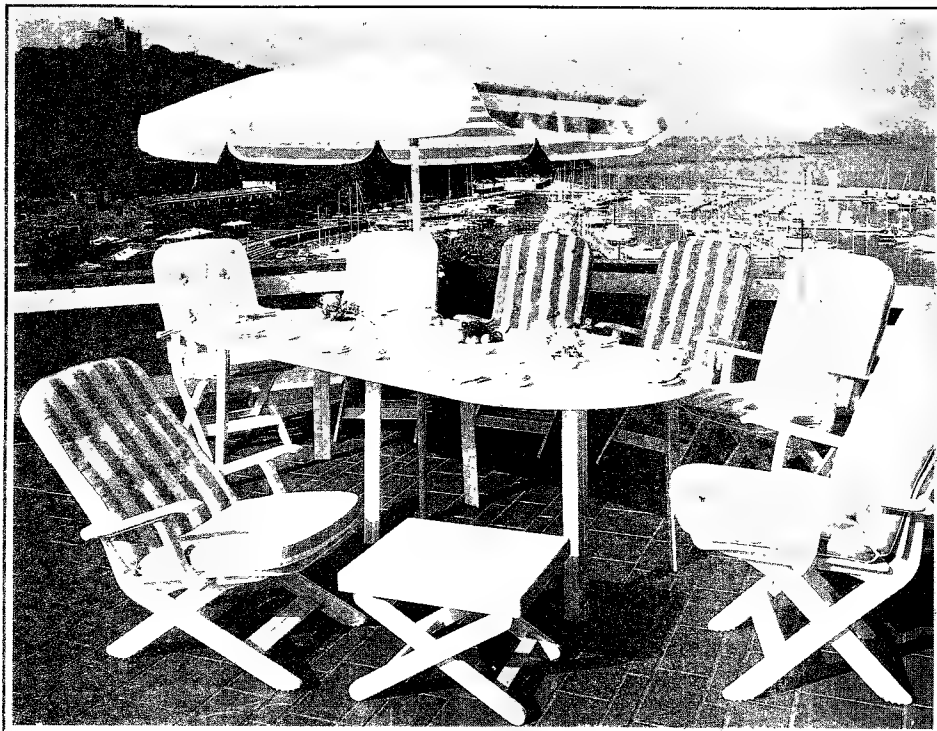
MARCAÇÕES T. 726 08 18

CITY PUBLICO

emu

grupo
dimensão

móveis de jardim, piscina e hotelaria



Nas lojas Dimensão pode adquirir por catálogo os móveis de jardim e piscina EMU. Design e Qualidade.

Utilizando tecnologia avançada, criamos a beleza e perfeição de uma raça única de móveis.

NOVOS
Crédito sem Juros
PREÇOS

Expo: Av. Brasil, 130 C - Lisboa

Seg. a Sáb. das 10 às 19.30

DIMENSÃO

Av. da Igreja, 37-A (Praça de Alvalade)
Av. Combatentes da Grande Guerra, 60

Telf. 77 76 04
Telf. 81 18 07

Lisboa
Leiria

SERVA - E. N. 125 Vale Paraíso
CASTRO & BRANDÃO - Estrada Monumental, 198

Telf. 536 44
Telf. 203 63

Albufeira
Funchal

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Conta-nos que nunca fez nada para que as coisas acontecessem, no entanto muitas coisas importantes aconteceram ao longo de quase trinta anos de carreira. Trata-se de Maria da Fé, uma «senhora voz» do fado aplaudida aquém e além-fronteiras. O seu mais recente trabalho discográfico chama-se «Estar Contigo» e serviu de trampolim para uma conversa com a fadista

Evolução e versatilidade

A conversa com Maria da Fé começou, como seria quase inevitável, pelo seu último trabalho discográfico, um álbum muito bem equilibrado, onde a excelente voz da fadista aparece habilmente apoiada tanto nas composições como no acompanhamento musical.

Maria da Fé, levantando a ponta do véu, revela-nos que «Estar Contigo» foi já gravado há uns meses, chegou mesmo a ser lançado, mas devido a vários problemas então surgidos, acabou agora por ser reeditado pela Ovação, para a etiqueta Gordy. «Penso que na altura não teve a expansão devida, mas desta vez acredito que tudo há-de correr pelo melhor.»

- Gosta mesmo desta sua última gravação?

«Acho que é um disco bonito, com poemas de amor.»

- Com quantos temas?

«Tem dez. Da autoria de José Luís Gordo (o meu marido), de parceria com Mário Rainho, isto no que toca aos poemas. Na parte musical, colaboraram José Fontes Rocha, Braga Santos e Carlos Alberto Moniz - que é também o autor dos arranjos, e fui acompanhada à guitarra pelo Fontes Rocha e à viola pelo Carlos Velez e pelo Carlos Alberto Moniz.»

- Mas você não é apenas acompanhada à guitarra e à viola...

«Tenho violinos, também

(Orquestra do Carmo e da Trindade), que valorizam bastante todos os números. Como são também instrumentos de cordas, penso que não há nenhuma traição ao fado. De resto, este trabalho não é propriamente à base do chamado fado tradicional. É fado canção, mas tudo o que eu posso e sei cantar, acaba por ser sempre fado.»

- Pode dizer-se que o fado também tem direito a evoluir, não será mais ou menos assim?

«Naturalmente, o fado teve nos últimos tempos uma certa evolução, e até para o levar às camadas mais jovens, acho que tem de se procurar alguma coisa de novo. Principalmente em disco, o fado só sai valorizado com uma nova roupagem musical.»

Uma viragem significativa

— Acha que este trabalho é diferente dos anteriores?

«Bem, eu canto neste disco à minha maneira, estou a cantar como sei, como cantei sempre, agora a música é que talvez seja um pouco diferente, porque como já disse não é fado tradicional. Este é o primeiro disco em que não interpreto nenhum fado clássico - ou castiço, como também é chamado. Mas repare, quando canto alguma coisa que não seja fado (lembra-se do 'Vento Norte', por exemplo?), dou-lhe sempre

um toque.»

- Sente-se uma artista versátil?

«Penso que sim, em tudo - e não só a cantar. Na realidade, penso que posso cantar tudo, desde que saia bem.»

- Outra questão: julga que nestes últimos 15 anos se verificou alguma evolução significativa em termos de reportórios, ou seja, se surgiram novos compositores e poetas do fado?

«Acho que sim, que houve uma viragem significativa, apareceram pessoas com bastante talento, tanto na parte dos poemas como nas músicas, nos arranjos e orquestrações. Acho que houve uma evolução muito positiva. Por exemplo, os poemas para fado estavam bastante limitados. Até há uns anos atrás apenas o Ary dos Santos tinha feito poemas diferentes para o fado. Posso até dizer que fui uma das primeiras a cantar poemas do Ary dos Santos, gravei um disco só com poemas dele, posso até orgulhar-me de ter um tema com a sua voz, declamada, o poema chama-se a 'Saudade da Partida', dedicado a um familiar seu que partira para a então chamada 'Guerra do Ultramar', há cerca de vinte anos. Gravei também do Ary 'A Menina do Alto da Serra', entre outros.

Quero com isto dizer, que desde há muito anos nunca me limitei ao fado tradicional,



Maria da Fé: «Penso que posso cantar tudo, desde que saia bem»

também gravei o 'Pop Fado' do Raul Calado e do José Duarte...

- Sei que a Maria da Fé começou a cantar desde muito

miúda, que é do Porto, e veio para Lisboa com cerca de 16 anos. Importa-se de recordar como se iniciou na carreira profissional?

«Olhe, quando cheguei a Lisboa tive logo as portas abertas nas melhores casas, a minha estreia foi na Adega Machado, isto há quase 30 anos, de seguida fui logo para o Casino Estoril, eu fiquei muito aflita porque era uma responsabilidade muito grande, ainda não me sentia segura, mas correu tudo muito bem. O Ferrer Trindade, que então dirigia a orquestra do Casino, foi uma pessoa impecável.»

- E a partir daí?

«Felizmente, tem sido uma boa carreira ao longo destes anos todos. Mas não não faço nada para que as coisas aconteçam, a única coisa que eu posso dar é aquilo que tenho para dar, é cantar. Depois, tive a sorte de casar com um homem que adora fado - conheci-o exactamente numa casa de fados, no Embruçado - foi uma pessoa que realmente se apaixonou pelo fado antes de me conhecer. Depois pensámos em ter a nossa própria casa, o Senhor Vinho, já há quinze anos. Começamos por ter como sócio o saudoso António Melo Correia, ao princípio com uma casa muito pequenina, e hoje é o que se pode ver. As pessoas aderiram, e tivemos que arranjar uma casa muito maior, de por sorte é na mesma rua.»

- Para além das suas actuações aqui, acompanhada por um elenco que é geralmente reconhecido como muito rico, a Maria da Fé faz com certa frequência outros espectáculos, inclusivamente no estrangeiro. Quer comentar?

«Sim, tenho tido actuações muito bonitas: no Brasil, por exemplo, aconteceram algumas das mais importantes para a minha carreira, como seja um inesquecível espectáculo no famoso Canecão do Rio de Janeiro. Deixei lá um nome muito grande. Recordo também um grande espectáculo que fiz na Bélgica, há dois anos, onde o fado foi apresentado pela primeira vez, numa sala com cerca de 5 mil pessoas, em Bruges. Lembro-me ainda de uma semana que fiz no Olympia de Paris, com o Fernando Machado Soares e o Duo Ouro Negro, sempre com muito sucesso. Estive na Tunísia, também.»

- Resumindo e concluindo: está satisfeita com a sua carreira artística?

«As coisas têm acontecido como Deus quer, nunca ambicionei mais. Por isso posso afirmar que estou satisfeita, que me sinto feliz. Só gostava é que não houvesse tanta maldade, porque aquilo que tem de ser nosso à nossa mão vem ter.»

Rodríguez Borges



TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS

D
A
V
I
D
A
D
E

BENILDE

Subsidio SEC

2.º mês

«...Imagina-se José Régio entusiasmado — ia ele lá perder este tão belo retrato da sua Benilde pela Alexandra Lencastre! —...» — Eugénia Vasques — «Expresso».

«Alexandra pontifica em encenação inteligente.» — Tito Lívio — «A Capital».

«O elenco é seguramente de grande nível, com Alexandra Lencastre numa belíssima figuração de Benilde.» — M.ª Helena Seródio — «O Jornal».

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE JOSÉ RÉGIO

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JULIO MARTIN, RUY FURTADO

Últimas representações só até dia 30.

Em cena de terça a sábado às 21.30

Matinées aos domingos às 16.00

Marcações pelos telefones 875626 e 875800



Teatro da Cornucópia

UM POETA AFINADO



Manuel de Figueiredo

Últimas semanas — só até dia 8/7

«Deliciosamente provocatório»

«Expresso»

«Aquele maestria a que a Cornucópia nos habituou»

«Diário de Lisboa»

«Como, mais uma vez, a partir de um texto fraco, se pode pôr de pé um bom espectáculo»

«Público»

TEATRO DO BAIRRO ALTO: Rua Tenente Raul Cascais, 1-A —

1200 Lisboa

Telef.: 396 15 15/396 92 05

De 3.ª a sábado, às 21.30h, e domingos, às 16h
Atenção: O espectáculo começa pontualmente
Não é permitida a entrada na sala depois do início

MUNDIAL

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

Na hora do choro ou do deslumbramento

Estamos a pouco mais de 24 horas de ficar composto o leque dos 16 estandartes que, após severa triagem, vão atacar o 2.º patamar da escalada no mundial futebolístico que traz suspensos e acorrentados largos milhões de apaixonados espalhados por todos os continentes. E, em cada rodada, nova página de repartidas emoções: juntando-se à União Soviética (incontestavelmente um fracasso de todo o tamanho neste torneio), zarpam para suas casas os valistas austríacos, os ingênuos norte-americanos e os rapazes da Arábia Saudita, do país onde não existe metropolitano porque, ao fazer qualquer furinho no chão, há sempre o perigo de brotar petróleo. Ao mesmo tempo, a Jugoslávia do nosso amigo Ivkovic e a Colômbia das bananinhas trazidas por Mário Rosa Freire para Portugal, carimbam passaporte de entrada em nova carruagem do longo comboio de alegrias e sofrimentos, tocando no ombro de outros «onzes» já refastelados em poltronas: Itália, Checoslováquia, Camarões, Roménia, Brasil, RFA, Bélgica e Argentina.

Porém, em vários quartos de casa há ainda um pequeno universo de dúvidas: Escócia, Costa Rica e Suécia jogam hoje tudo nas suas cartas de curso, mais ou menos longo consoante a sorte escolher favoritos para os duelos desta noite. Amanhã, alta incandescência em outros dois blocos: «arrumada» a Coreia do Sul, restará escolher entre espanhóis ou uruguaios quem fará companhia a belgas que, em bom tempo, se livraram de sustos na última hora da viagem. Quanto ao grupo F, ainda se aceitam todas as apostas possíveis: o quadrunvirato no cartaz mantém-se impecavelmente na mesma linha de rota e a equidistante distância do risco branco.

Monsieur Rodrigo La Palisse Guedes de Carvalho, culminando outras brilhantes tiradas despejadas da «caixinha que mudou o mundo», esclarecia ontem, do alto da sua cátedra, o país analfabeto e adormecido:

— Com 1-0, qualquer gol sofrido significará imediatamente o empate...

Revolucionou-se o casario da FIFA, João Havelange convocando urgentemente todos os conselheiros. Correram aos gabinetes os mandatários do International Board, vertiginosamente foram chamados a Roma os vários núcleos de dirigentes nefeiros: mais um dos competidores da RTP à espectaculosa...



Shillaci, de cabeça, abre caminho à vitória italiana

te e entusiasmante cobertura faladora do mundial ditava leis para o universo. É aproveitar enquanto é tempo não vá aparecer por aí alguém que (em realidade) coloque toda aquela rapaziada no lote com rótulo dado um dia destes pelo professor Artur Jorge.

Relance

Adiante. Esgrimiram-se quatro duelos, uma dúzia de golos bem semeados, com jugoslavos tirando parte de leão à mesa em que se sentaram (veneradores e obrigados) os enviados do reino dos petrodólares. E, depois de germânicos e colombianos terem arranjado maneira de confraternizarem perante um bom «spaghetti» ou um bela «pizza» regada com «Chianti», as hostes de Vicini deram uma alegria ao Povo, tirando da algebeira Baggio e Schillaci, as mais recentes fortunas do futebol transalpino. Nas suas barbas, nada mais restava a checoslovacos que deram-se sumamente felizes por terem escapado a mal maior: dois golitos nas malhas de Stejskal e viva o velho. Por fim, cumpriu-se o resto do programa

ma em cartaz com o insípido Áustria-Estados Unidos, bilhetes de avião para retorno aos lares já na unha dos artistas.

Hoje é que vão ser elas: Costa Rica, Escócia e Suécia albergam um ramalhete de esperanças. Sul-americanos confiando na segurança de Conejo e na ânsia atiradora de Cayasso. Britânicos preocupados com o colete de forças que é necessário colocar em torno de Romário, que vai sair para o relvado com fome de golos que revalidem a sua fama em morros e favelas. Nórdicos preparados para substituírem Mats Magnusson (que anda por baixo da linha de água) e Jonas Thern (com a coxa direita mutio combalida): hipótese de brilho para Brolin, o louro do Norrköping que Eriksson quer trazer para a Luz, agora que se prepara para abrir mão do goleador de turno, mais de Alf...

Bastidores

Cada vez piores as coisas na turma canarina: Mozer, o «vampiro» carioca, continua a crescer em matéria de má educação. Ontem, remeteu um

areópago de jornalistas do seu Brasil para o sítio que é muito feio de escrever, quanto mais de pronunciar. Lazaroni, o técnico sucessivamente ultrapassado pelas clivagens dentro do seio do «escrete», deve estar rezando a todos os santinhos para voltar incólume e vale de lençóis.

Urbi et orbi, para quem o quer ouvir, Gerets diz o pior das arbitragens: no pólo oposto está Michel Platini, que não lhes escamoteia encómios. O bem usado defesa belga está em brasa por causa da sua expulsão. O seleccionador francês procura reunir apoios na luta pela sobrevivência à frente do «team» tricolor.

Depois de amanhã, as mulheres ou namoradas dos belgas aterram em Itália: até dia 27 podem ver os mais-que-tudo. Visitas das 12 às 13, na sala do hotel. Direito a acompanharem os jogadores num passeio pela tardinha: mas, tudo no mesmo autocarro. Ordens de Guy This que, se calhar, sempre irá permitir que alguns dos seus alunos levem matéria tática para estudar nos quartos.

Hossan Hassan vem (ou não) para o Sporting? Quando lhe perguntam, o africano ri. E vira costas: «Logo se verá», adianta Abdel-Ghany, uma espécie de mentor espiritual do colega de aventura. Bobby Robson é o 1.º técnico que já muda de patrão: deixa a selecção inglesa e vai estabelecer-se em Eindhoven, como professor do PSV. Lobanovsk, Beenhaker e Beckenbauer estão também com o pé no estribo. Alcatruzes da nora ou exigências de mudar o visual dos mestres-escola?

Todavia, onde a bolsa de valores mais fervilha é na loja dos artistas: Lacatus muda-se para a Fiorentina por três anos, em troca da bagatela de 350 mil dólares por época. Neste último dia de Primavera, quantos não gostavam de encontrar no sapatinho 52 mil e 500 contitos, mesmo que fosse necessário fazer umas horas extraordinárias?

E o Kieft, que vai para Bordéus preso por uma iscazita de 4500 contos mensais? E o Clysters que, para aliviar os seus problemas, está com o visor atirado para Espanha?

Ah deuses meus: porque raio não tenho 20 anos e dou toques na bola como aquele Schillaci das belas pernas já poetizadas? Vá lá: mesmo uns chutos tortos mas que, uma vez ao menos, acertassem no buraco: e rendessem um pacote Renault, que isso de Rolls Royce é bom para os autênticos astros que deslumbram o pagode de todas as latitudes.

Classificações

Grupo A

Itália - Áustria, 1-0; Estados Unidos - Checoslováquia, 1-5; Itália - Estados Unidos, 1-0; Áustria - Checoslováquia, 0-1; Itália - Checoslováquia, 2-0; e Áustria - Estados Unidos da América, 2-1.

	J	V	E	D	G	P
Itália	3	3	-	-	4-0	6
Checoslováquia	3	2	-	1	6-3	4
Áustria	3	1	-	2	2-3	2
EUA	3	-	-	3	2-8	0

Grupo B

Argentina - Camarões, 0-1; URSS - Roménia, 0-2; Argentina - URSS, 2-0; Camarões - Roménia, 2-1; Camarões - URSS, 0-4; e Roménia - Argentina, 1-1.

	J	V	E	D	G	P
Camarões	3	2	-	1	3-5	4
Roménia	3	1	1	1	4-3	3
Argentina	3	1	1	1	3-2	3
URSS	3	1	-	2	4-4	2

Grupo C

Brasil - Suécia, 2-1; Costa Rica - Escócia, 1-0; Brasil - Costa Rica, 1-0; e Suécia - Escócia, 2-2.

	J	V	E	D	G	P
Brasil	2	2	-	-	3-1	4
Escócia	2	1	-	1	2-2	2
Costa Rica	2	1	-	1	1-1	2
Suécia	2	-	-	2	2-4	0

Faltam disputar os jogos (horas de Lisboa): hoje — Brasil - Escócia (Nuovo Comunale, Turim, 20h); e Suécia - Costa Rica (Luigi Ferraris, Génova, 20h).

Grupo D

Emirados Árabes Unidos - Colômbia, 0-2; Alemanha Federal - Jugoslávia, 4-1; Jugoslávia - Colômbia, 1-0; e Alemanha Federal - Emirados, 5-1; Alemanha - Colômbia, 1-1; e Jugoslávia - Emirados, 4-1.

	J	V	E	D	G	P
RFA	3	2	1	-	10-3	5
Jugoslávia	3	2	-	1	6-5	4
Colômbia	3	1	1	1	3-2	3
E. Árabes	3	-	-	3	2-11	0

Grupo E

Bélgica - Coreia do Sul, 2-0; Uruguai - Espanha, 0-0; Bélgica - Uruguai, 3-1; e Espanha - Coreia do Sul, 3-1.

	J	V	E	D	G	P
Bélgica	2	2	-	-	5-1	4
Espanha	2	1	1	-	3-1	3
Uruguai	2	-	1	1	1-3	1
C. Sul	2	-	-	2	1-5	0

Faltam disputar os jogos: amanhã — Bélgica - Espanha; e Coreia do Sul - Uruguai.

Grupo F

Inglaterra - República da Irlanda, 1-1; Holanda - Egipto, 1-1; Inglaterra - Holanda, 0-0; e Irlanda - Egipto, 0-0.

	J	V	E	D	G	P
Inglaterra	2	-	2	-	1-1	2
Irlanda	2	-	2	-	1-1	2
Holanda	2	-	2	-	1-1	2
Egipto	2	-	2	-	1-1	2

Faltam disputar (horas de Lisboa): amanhã — Inglaterra - Egipto (20h, em Cagliari); e Holanda - Irlanda (20h, em Palermo).

Equipas já apuradas para os oitavos de final: Itália, Roménia, Checoslováquia, Camarões, Brasil, RFA, Jugoslávia, Bélgica, Argentina e Colômbia.

Equipas com probabilidades de obterem o apuramento: Escócia, Costa Rica e Suécia (Grupo C), Espanha, Uruguai e Coreia do Sul (Grupo E), Inglaterra, Holanda, Irlanda e Egipto (Grupo F).

Equipas já afastadas: URSS, EUA, Emirados Árabes Unidos e Áustria.

Grupo A

Itália, 2 - Checoslováquia, 0

Schillaci e Baggio partiram a louça

Tinham inteira razão os «tiffosi» italianos que desejavam na frente atacante da sua equipa Schillaci e Baggio: o novo menino bonito da Juventus e o «astro» que bateu todos os recordes financeiros em matéria de transferências deram cabo da cabeça à defesa checoslovaca, fazendo desaparecer da ideia de algum descrente nos seus talentos as imagens de Carnevale e Vialli. A infernal dupla assinou os dois golos que garantiram à «squadra azzurra» continuar morando no reduto romano. Um golo invalidado ao checo Griga maculou a actuação do juiz Quiniou.

Arbitragem do controverso francês Quiniou.

ITÁLIA: Walter Zenga; Franco Baresi; Giuseppe Bergomi, Ferri, Paolo Maldini, Nicola Berti, Fernando de Napoli (Pietro Vierchowod, 66), Giuseppe Giannini e Roberto Donadoni (Luigi de Agostini, 61); Roberto Baggio e Salvatore Schillaci.

CHECOSLOVÁQUIA: Jan Stejskal; Miroslav Kadlec, Vladimír Kinier, Václav Nemeček (Julius Bielik, na 2.ª parte) e Ivan Hasec, Michal Bilek, Jozef Chovanec, Vladimír Weiss (Stanislav Griga, aos 58) e Lubomír Moravčík; Tomas Skuhravy e Ivo Konečný.

Golos: Schillaci e Baggio. Cartão amarelo para Chovanec, Skuhravy, Baggio e Berti.



Festa em Itália: com a vitória frente aos checos a «squadra» continua em Roma



urbicidade

MEDIADORES OFICIAIS

Av. D. Nuno A. Pereira, 46, r/c Esq.
2800 ALMADA — PORTUGAL
☎ 274 45 57 — 274 42 56
Telex. 61004 TRIALM P • Fax. 274 36 53

VENDEMOS LISBOA

AV. JOSÉ MALHOA, 2 lotes aprovados, área construção acima solo 24 300 m², área de construção das caves 15 300 m², para 510 viaturas, área de implant. 3060 m² o corpo mais alto tem 15 pisos para escritórios e 4 pisos para comércio. Possibilidade construção hotel 5 estrelas.

AV. BERNARDO, AV. REPÚBLICA, lote devoluto com 13,40 m de frente e 26 m de fundo.

BAIXA POMBALINA, Vários prédios de rendimento, c/ andares e lojas devolutas.

R. ROSA ARAÚJO (esquina c/ R. CASTILHO), lote c/ 450 m², 3 c/v estac. 2, c/v loja c/ 426 m², 1. c/v entrada e loja c/ 426 m², r/c loja c/ 426 m², 8 andares p/ escrit. c/ 3918 m² total. Área construção acima do solo 4350 m².

CAMPO GRANDE, lote c/ 464 m², 16x31 m, aprov. 2 c/v, r/c e 9 pisos, r/c T1 para port. e loja c/ 78 m². 1.ª e 2.ª c/v para 20 parq. e 9 T5. Habit. ou escrit.

Garagem entre R. SALITRE, BARATA SALGUEIRO e RODRIGO DA FONSECA, lote aprov. c/ 900 m² área total de const. 7516 m², r/c e 1.ª c/v c/ 32 lojas, 4 c/v para 62 parq. Cada c/v c/ 692 m² e 6 pisos para escrit. c/ área de 587 m² cada. Bom preço.

ALMADA

Zona central (PP7). Lote c/ 16,5 m de frente e 12 m empena. Aprova-do para 10 fogos + 2 lojas.

AV. BENTO GONÇALVES, andares c/ 2 e 3 ass. Crédito Jovem.

FEIJÓ, lote c/ 343 m², aprovado para moradia c/ infra-est.

JUNTO novo edifício CMA, r/c c/ 3 ass., e grande logradouro, viabilidade escrit. ou comércio.

Edifício do Trib. Trabalho, andares c/ 4 ass.

COVA DA PIEDADE, armazem c/ 200 m².

CORROIOS, Est. Nac. 10, urbaniz. aprov. 310 fogos.

C. CAPARICA — VIA RÁPIDA, terreno c/ 10 000 m², confrontando c/ via rápida, acessos c/ infra-est.

SOBREDADA DE CAPARICA, 2 lotes destacados c/ 580 m² cada, c/ armazém implantado c/ 150 m², gaveto, acesso para indústria.

COVA DA PIEDADE, unidade industrial c/ 1000 m², pronta a laborar. Bons acessos e localização.

C. CAPARICA — QTA. S. ANTÓNIO, apart. c/ 2 grandes ass., hall, coz., desp. e garagem. Bom preço.

AROEIRA — PRAIAS DA CAPARICA, propriedade c/ 105 ha, viabilizado para empreendimento c/ fins turísticos e habitacionais. Grande oportunidade em zona altamente valorizada.

ALGARVE

VILAMOURA — ALDEIA DO GOLFE, 42 lotes p/ moradias no melhor local. Aprovado, c/ infra-est. e serviços.

PRAIA DO VAU — ROCHA — ALVOR, terreno c/ 57 000 m², frente p/ praia, viabilidade fins turist. e habit.

FERRAGUDO, junto à praia, terreno c/ 92 500 m², área a urbanizar 57 000 m² aprov. para 148 apart., centro comerc., piscinas, courts de ténis. Oportunidade única

VÁRIOS

VERDIZELA, lote c/ 1050 m² urbanizado c/ infra-est.

CRUZ DE PAU — AMORA, moradia, central, r/c amplo c/ 400 m², 1.ª e 2.ª andares c/ 5 ass. cada.

FERREIRA DO ZÉZERE — LAGOA DE DORNES, quinta c/ 30 000 m², casa c/ 10 ass., adega, estábulos, pomar e vinha, água, elect. e telefone, junto estrada.



MUNICÍPIO DE LISBOA

ANÚNCIO N.º 51/90

CONCURSO PÚBLICO PARA CONCEPÇÃO E FORNECIMENTO DE FARDAMENTOS, RESGUARDOS E CALÇADO PARA O DEPARTAMENTO DE HIGIENE URBANA E RESÍDUOS SÓLIDOS, DURANTE O ANO DE 1991.

- 1 — Concurso promovido pela Câmara Municipal de Lisboa — Direcção Municipal de Infra-Estruturas e Saneamento — Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos. Av. 24 de Julho, 171-D — 1300 LISBOA. Telefones 606958 ou 671762. Telefax 604725.
- 2 — Concurso público nos termos do Art.º 49.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto.
- 3 — Concurso público para concepção e fornecimento de fardamentos, resguardos e calçado para o Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos.
- 4 — a) — O programa do concurso e caderno de encargos podem ser consultados no Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos e no Departamento de Administração Geral — Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal, situados na Av. 24 de Julho, 171-D, durante as horas de expediente.
b) — Podem ser solicitadas cópias ao Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos, até oito dias antes do termo do prazo-limite de entrega das propostas, mediante o pagamento de Esc.: 575\$00 acrescido do IVA.
- 5 — a) — As propostas deverão ser apresentadas até às 17 horas e 30 minutos, do 20.º dia contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República».
b) — A sua entrega far-se-á na Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal do Departamento de Administração Geral — Av. 24 de Julho, 171-D — 1300 Lisboa.
c) — As propostas deverão ser redigidas em português e não incluirão o IVA.
- 6 — a) — Poderão intervir no acto público do concurso representantes dos concorrentes devidamente mandatados para o efeito.
b) — O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.º 5 alínea b), a partir das 14 horas, do dia útil seguinte ao da data-limite para a entrega das propostas.
- 7 — A caução é de 5% do valor total da adjudicação, a prestar no prazo de 10 dias, após a data da recepção da comunicação da adjudicação do fornecimento.
- 8 — O prazo de validade das propostas é de 90 dias.
- 9 — A adjudicação será feita à proposta considerada mais vantajosa, atendendo aos seguintes critérios:
a) — Funcionalidade;
b) — Conforto;
c) — Segurança;
d) — Estética;
e) — Qualidade;
f) — Prazos de entrega;
g) — Preços, condições de pagamento e esquema de revisões de preços.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1990/05/25.

O Vereador,
A. Anselmo Anibal

MARCADORES

Três com três

Após a realização de 30 jogos foram marcados 71 golos e os mais certos rematadores são os germânicos Matthaeus e Voeller e o espanhol Michel com três no activo. Com dois tentos, os seguintes 10 elementos: Bilek e Skuhravy (Checoslováquia), Careca (Brasil), Jozic e Pancev (Jugoslávia), Klinsmann (RFA), Balint e Lacatus (Roménia), Milla (Camarões) e Chillaci (Itália).

Segue-se uma lista de 41 jogadores com um golo rubricado, com a particularidade de Maurício Montero, da Costa Rica, integrar aquele número com um golo obtido na própria baliza.

Grupo A Áustria, 2 - EUA, 1

Um leque amarelo travou a valsa

A Áustria esteve em palpos de aranha para (magramente) suplantar os incipientes representantes dos Estados Unidos: Artner foi expulso (aos 34 minutos), Polster lesionou-se e Rodax continua longe da forma normal. A qualificação austríaca depende agora da conclusão dos Grupos E e F, onde não está definida a posição dos 3.ºs classificados, com possibilidade de repescagem para os oitavos de final do Campeonato. No embate com os americanos, o golo sofrido por Lindenberger coloca em séria equação o «team» dirigido por Josef Hickersberg, até porque o cartão amarelo dizimou a sua equipa.

O árbitro sírio Jamal Al-Sharif fez ampla apresentação do cartão amarelo, num jogo muito duro.

ÁUSTRIA: Klaus Lindenberger; Ernst Aigner, Robert Pecl, Anton Pfeffer e Michael Streiter; Manfred Zsak, Peter Artner, Andreas Herzog (Andreas Reisinger, na 2.ª parte) e Andreas Ogris; Toni Polster e Gerhard Rodax.

ESTADOS UNIDOS: Tony Meola; John Doyle, Jimmy Banks (Eric Wynalda, 55), Mike Windischmann e Desmon Armstrong; John Harkes, Bruce Murray, Marcelo Balboa e Paul Caligiuri (Brian Bliss, 82); Tab Ramos e Peter Vermes.

Golos: Ogris, Rodax e Murray. Cartão amarelo para Zsak, Caligiuri, Banks, Pecl, Murray, Reisinger, Windischmann, Lindenberger e Streiter. Cartão vermelho para Artner.

Grupo D

RFA, 1 - Colômbia, 1

Sul-americanos em frente ao minuto 90

Um golo no último minuto deu o nulo à Colômbia, com passagem para os oitavos de final do torneio. Duelo com artistas em bom nível: casos de Littbarski e Carlos Valderrama, Rudi Voeller e Fajardo, Matthaeus e Rincon. Actuação serena dos germânicos (que já estavam vencedores do grupo) e nervos à flor da pele dos colombianos, que jogavam tudo por tudo em busca da qualificação, obtida quando o árbitro já procedia a descontos de tempo. Um desfecho que deixou fria a plateia, maioritariamente composta por adeptos alemães que se preparavam para festa rija se a RFA não sofresse qualquer mácula.

Choques e muitas faltas marcaram o jogo arbitrado pelo irlandês Snoddy.

ALEMANHA FEDERAL: Bodo Illgner; Stefan Reuter, Thomas Berthold, Klaus Augenthaler e Guido Buchwald; Hans Pflueger, Thomas Haessler (Olaf Thon, 87), Lothar Matthaeus e Uwe Bein (Pierre Littbarski, 2.ª parte); Rudi Voeller e Juergen Klinsmann.

COLÔMBIA: René Higuita; Andres Escobar, Gildardo Gomez, Luis Fernando Herrera e Luis Carlos Perea; Gabriel Gomez, Carlos Valderrama, Alfonso Fajardo e Leonel Alvarez; Carlos Enrique Estrada e Freddy Rincon.

Golos: Littbarski e Freddy Rincon. Cartão amarelo para Leonel Alvarez, Gabriel Gomez, Luis Herrera e Thomas Bertold.



Klinsmann foge a Perea, mas o empate não fugiu aos colombianos

Grupo D Jugoslávia, 4 - Emirados Árabes, 1

Jogo com 99 minutos

Palmas para Safet Susic, médio do Paris Saint-Germain: no dia em que completava 50 internacionalizações assinou o 1.º golo do seu país, no jogo em que os Emirados Árabes Unidos se limitaram a ver a Jugoslávia caminhar para 2.ª etapa do mundial. Ivkovic sofreu uma lesão: o guarda-redes do Sporting apenas concluiu o encontro porque foi injectado com analgésicos, sendo possível que não possa alinhar no próximo duelo dos jugoslavos. O juiz deu nove minutos a mais dos 90, alegando que se tinham registado muitas paragens no espectáculo. Carlos Alberto Parreira (seleccionador dos Emirados) não poupou críticas à arbitragem.

Prolongando demasiadamente o jogo, arbitrou o japonês Shizuo Tarada.

JUGOSLÁVIA: Tomislav Ivkovic, Vujadin Stanojkovic, Predrag Spasic, Faruk Hadzibegic, Davor Jozic, Dragoljub Brnovic, Safet Susic, Dragan Stojkovic e Refik Sabanadzovic (Robert Prosinecki, 79), Darko Pancev e Zlatko Vujovic (Zoran Vulic, 64).

EMIRADOS ÁRABES UNIDOS: Mohsin Mosabab Faraj, Essa Meer, Ibrahim Meer, Abdulrahman Mohamed Hadad e Khalil Ghanim; Abdulrahman Mohamed, Nasser Khamis Mubarak (Abdulla Ali Sultan, 34), Ali Thani Juma (Fahad Khamis, 2.ª parte) e Lhalid Ismail; Hussain Guloom Abbas e Adnan Khamis Talyani.

Golos: Susic, Pancev (2), Prosinecki e Thani Juma. Cartão amarelo para Brnovic, Pancev e Ghanim. Cartão amarelo para Ghanim.



Dois árabes para um jugoslavo

AGORA TAMBÉM NO ALGARVE

PNEU RECONSTRUÍDO

MONTAGEM GRÁTIS
PNEU REMODELADO
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE PNEUS, LDA.

PNEUS NOVOS NACIONAIS		RECONSTRUÍDOS INTERNACIONAL	
145x10	3 900\$00	3 000\$00	3 000\$00
155x12	4 500\$00	3 500\$00	3 500\$00
175x12	5 800\$00	4 500\$00	4 500\$00
155x13	3 000\$00	2 800\$00	2 800\$00
145x13	4 500\$00	3 000\$00	3 000\$00
155x13	5 000\$00	3 400\$00	3 400\$00
165x13	5 000\$00	3 000\$00	3 000\$00
145x13	5 000\$00	3 000\$00	3 000\$00
155x13	5 000\$00	4 000\$00	4 000\$00
165x13	5 000\$00	4 000\$00	4 000\$00
175x13	5 000\$00	4 000\$00	4 000\$00
185x13	6 700\$00	4 500\$00	4 500\$00
145x14	5 000\$00	3 000\$00	3 000\$00
165x14	6 000\$00	4 000\$00	4 000\$00
175x14	6 000\$00	4 000\$00	4 000\$00
185x14	7 300\$00	5 000\$00	5 000\$00
195x14	8 500\$00	5 000\$00	5 000\$00
195x14	11 000\$00	6 000\$00	6 000\$00
205x14	12 000\$00	7 000\$00	7 000\$00
650x16 10PR	10 200\$00		
700x16 10PR	11 500\$00		
750x16 10PR	13 313\$00		
205x16 TERRA	12 400\$00		

COMPRE A PREÇOS DE 1989
PNEUS DE OCASIÃO 1750\$00

Rua Cidade São Salvador, Letras — A.L.S.F. Bairro de Angola — 2685 Camarate — Tel. 9472172

Filial 1: Estrada Nacional N.º 8 — Barro — 2670 Loures — Tel. 9836087
Filial 2: PNEUROPA, LDA — Estrada Nacional — Trajouce — 2775 Parede — Tel. 2442221

PNEU RECONSTRUÍDO CONCESSIONÁRIO DE PNEU REMODELADO
— Estrada Nacional 125 — Vale Verde — 8200 Albufeira

MUNDIAL

O Mundial de Futebol cativa a atenção de muita gente, mesmo dos que, normalmente, pouca importância ligam ao desporto-rei. «Fora de jogo» é uma secção onde, diariamente, damos a palavra a gentes das Artes, das Letras, do Espectáculo e da Política. São olhares diferentes sobre o espectáculo do momento

FORA DE JOGO

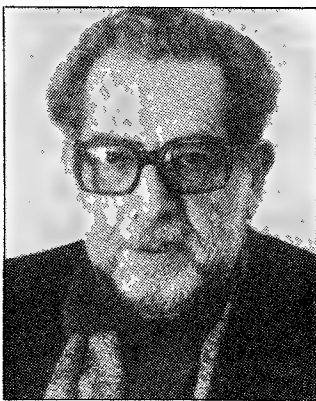
Paciência

«Ainda esta manhã estava tão feliz...»
Woody Allen, no 2.º canal

Há belos erros, há erros fatais, há erros amáveis. Este é um deles. Enganei-me, ao pedir para relatar o jogo Itália - Checoslováquia. Não sabia então quando se planeou esta rubrica profana, *Fora de Jogo*, que ambas as equipas estariam tranquilas, continuando no Campeonato, a liderar o seu grupo. Igualmente a memória traiu-me: visitado pela lembrança da final dramática do Campeonato do Mundo (1934), entre a Itália mussoliniana e a Checoslováquia de Masaryk, em que a democracia perdeu, creio depois de prolongamento patético (ouvi pela telefonia, essa enorme caixa quadrada da época, eu pequeno com franja loira, o excelente locutor Josef Laufer

gritar de Roma a 1500km desculpando-se aos gritos por gritar — morreu velho como Matusalém, há pouco). Quem disse que as democracias perdem sempre na primeira parte do jogo. As primeiras batalhas...

Como estava escrevendo:



Jorge Listopad
Encenador

desta vez, Itália - Checoslováquia, o jogo-treino brincadeira, treino duro, suado, segregado, respirado, mas nenhum resultado inconsolável, a vida é boa porque breve, e amanhã vai haver mais. Desafio até relativamente bonito nos tempos que correm em Itália, sem terror do resultado, sem psicologia de angústia, sem jamais voltar. O Mundo é o que nós somos no preciso momento, o Mundo é como o vemos? A bola é como a sentimos? Nem sempre é redonda como o Mundo que nem sempre o é. Vi um jogo leve, despreocupado. Ou nem alibi para o 2-0?

Os italianos melhores, mais brilhantes, *design* vistoso, mais azul, boa embalagem, para uma temporada; checoslovacos (ou checos mais eslovacos) talvez algures mais sólidos, precisam mais do que 90 minutos, bem dispostos, sor-

rindo, dando-se mutuamente ânimo, conheço esses pequenos gestos de insegurança, são da minha quinta.

Pensei: depois do jogo, o que se fará? Os italianos irão a Marino, terão licença para beber um copo de cerveja ou Chianti, Baggio dois, Shillaci três, da janela falarão com as suas «ragazzas», não, com as suas senhoras, o neo-realismo italiano acabou, enquanto os checos vão procurar o baile dos bombeiros. O treinador italiano, fica em *blaser*, o compadre checo Venglos em mangas de camisa; e se ele fosse bater ao portão do Vaticano, pedir ao colega polaco uma bençãozinha para as futuras trincheiras.

PS: Não houve *fora de jogo* no golo dos checos, anulado. É preciso ter a paciência de boi, da literatura insular, de Durão Barroso.

OS JOGOS NA TV

HOJE

BRASIL - ESCÓCIA

RTP 2 20H00

Cláudio Taffarel	1	Jim Leighton
J.A.C. Jorginho	2	Alex MacLeish
Ricardo Gomes	3	Roy Attken
Dunga	4	Richard Gough
Alemão	5	Paul McStay
Branco	6	Maurice Malpas
Bismark	7	Mo Johnston
C.F. Valdo	8	Jim Bett
Careca	9	Ally Macoist
Paulo Silas	10	Murdo McLeod
Romário	11	Gary Gillespie
Acácio	12	Andrew Goram
Mozzer	13	Gordon Durie
Aldair	14	Alan MacInally
L. Muller	15	Craig Levin
J.O. Bebeto	16	Stuart MacCall
Renato Portaluppi	17	Stewart McKimmie
I.N. Mazinho	18	John Collins
Ricardo Rocha	19	David McPherson
M. Tita	20	Gary MacAllister
Mauro Galvão	21	Robert Fleck
Zé Carlos	22	Bryan Gunn

AMANHÃ

BÉLGICA - ESPANHA

RTP 1 16H00

Philippe Albert	1	Andoni Zubizarreta
Gilbert Bodart	2	Miguel Chendo
Jan Ceulemans	3	Manuel Jimenez
Nico Claesen	4	Genar Andrinua
Lej Clyster	5	Manuel Sanchis
Marc Degryse	6	Martin Vasquez
Stephane Demol	7	Miguel Pardeza
Jean de Sart	8	Quique Flores
Filip de Wilde	9	Emilio Butragueño
Michel de Wolf	10	Fernando Gomez
Marc Emmers	11	Javier Villaroya
Eric Gerts	12	Rafael Martinez
Georges Grun	13	Juan Ablanedo
Pascal Plovie	14	Alberto Gorriz
Michel Preudhomme	15	Roberto Fernandez
Enzo Scifo	16	José Bakero
Lorenzo Staelens	17	Fernando Hierro
Fanky van der Elst	18	Rafael Marin
Marc van derlinden	19	Júlio Salinas
Bruno Versavel	20	Manuel Manolo
Patrick Vervoort	21	Jose Miguel
Marc Wilmots	22	Jose Ochotorena

IRLANDA - HOLANDA

RTP 2 20H00

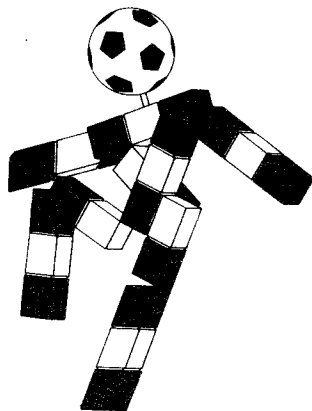
Grupo C

Decisão para dentro de momentos

Enquanto o Brasil já conseguiu o «visto» para prosseguir na prova, mercê dos tangenciais triunfos averbados frente à Costa Rica e à Suécia, a jornada de hoje (Brasil - Escócia e Costa Rica - Suécia) ditará o segundo classificado que terá passagem imediata, podendo mesmo suceder que o terceiro também venha a figurar no grupo dos dezasseis «resistentes». Naturalmente que a selecção canarina é favorita no

confronto com os escoceses, do mesmo modo que (a avaliar pelo comportamento nos jogos anteriores) a Costa Rica nos merece favoritismo perante os nórdicos da Suécia. Ao confirmar-se este nosso vaticínio teremos, na fase seguinte, as duas representações da América do Sul e os europeus a regressarem com as ilusões desfeitas. Mas as hipóteses são várias, podendo, inclusiva-

mente, ser a Suécia — que ainda não somou qualquer ponto — a acompanhar o Brasil na caminhada a iniciar-se, no sábado, em Bari. Para que isto suceda bastará que o Brasil vença a Escócia e os suecos derrotem pela margem de dois golos a turma da Costa Rica. Bem, mas o melhor será não adiantar palpites. A decisão será conhecida dentro de momentos.



Clubes ingleses deverão continuar fora da UEFA

Em consequência dos diversos desacatos praticados por adeptos ingleses em Cagliari e de acordo com informações prestadas ontem pelo presidente da UEFA, é muito provável que aquele organismo internacional mantenha os clubes afastados das competições internacionais, tanto mais que o Governo britânico não se mostra favorável à reintegração, enquanto decorrerem actos de vandalismo como os que diariamente se registam em Itália.

Alemães bem guardados

Mais de três mil polícias foram mobilizados para controlar os adeptos alemães e evitar eventuais confrontos no jogo com a Colômbia, para o Grupo «D», do Mundial. Os adeptos alemães-federais protagonizaram os incidentes mais violentos registados até ao momento no Mundial de futebol, antes do jogo com a Jugoslávia, no passado dia 10 de Junho.

Mundial trava combates

A «febre» do Campeonato Mundial de futebol afecta também o Líbano. Logo que os jogos começam cessam os combates entre os grupos cristãos rivais, que deixam as armas e ligam os televisores

D I G E S T

res portáteis.

Segundo o relato da agência norte-americana Associated Press, pelo menos durante as horas do futebol o país está calmo, deixando de se ouvir o matraquear das armas automáticas ou das explosões de granadas.

Por vezes o silêncio é quebrado por tiros esporádicos, quando algum elemento das milícias, mais excitado pelo golo da sua equipa favorita, dispara para o ar.

Romenos querem ficar

Um grupo de 66 adeptos que acompanharam a selecção romena ao Mundial de futebol pediram asilo político em Itália, elevando para 132 o número de pedidos apresentados por cidadãos romenos desde o início do Campeonato.

O Ministério do Interior, espera vir a receber mais pedidos de asilo nos próximos dias, uma vez que a selecção romena se qualificou para os oitavos de final.

Os cidadãos romenos alegam recear o regresso ao seu país depois da repressão dos protestos antigovernamentais na passada semana, em que seis pessoas morreram e mais de 500 ficaram feridas.

Bar sem futebol

Um bar bávaro autodeclarou-se *zona franca do futebol* aberta a todos os que já estão fartos do Campeonato do Mundo.

Os alemães-federais são, maioritariamente, espectadores fiéis das transmissões televisivas, dos jogos do Mundial, quer estejam

em casa, no trabalho, ou num café, mas agora, em Passau, junto à fronteira com a Áustria, os que quiserem podem passar alguns momentos agradáveis livres de relatos e discussões de futebol.

O dono do bar disse já que a única «cedência» à modalidade será a utilização dos cartões vermelhos para expulsar do recinto todos os que cometerem a falta grave de falar de futebol na «zona franca».

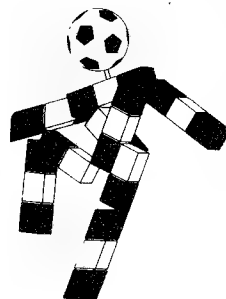
Dar vinho «dá» prisão

O assessor municipal para o turismo de Roma, Athos de Luca, foi preso diante do Parlamento, quando oferecia vinho aos transeuntes, em protesto contra a proibição de venda de álcool durante o Mundial de futebol.

Athos de Luca montou diante da Câmara de Deputados um pequeno «stand» de vinhos italianos, com uma mascote do Mundial de futebol Itália-90.

Ao primeiro golo de vinho que ofereceu gratuitamente Athos de Luca foi intimado a acompanhar a Polícia, acusado de violar a lei policial, que impede a distribuição de bebidas alcoólicas aos transeuntes e o decreto do perfeito que proíbe a venda e consumo de álcool nos dias de jogos do Mundial de futebol.

De Luca quis protestar contra o decreto do perfeito de Roma que considera «estúpido» e, provavelmente, será libertado após o pagamento de multa.



DESPORTO



Atletismo: mais de 800 miúdos andaram a correr pelas ruas de Lisboa

Lisboa: miúdos a correr e a brincar

Os Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, organizados pelo Pelouro do Desporto da CML, com o apoio e colaboração das 53 freguesias do concelho e participados por milhares de jovens em representação de centenas de colectividades, prosseguem com elogiável empenhamento de todos os intervenientes. Esta quarta edição dos Jogos de Lisboa integra oito modalidades sendo o futebol a que conta com maior número de jovens (3455) seguindo-se o basquetebol (853), atletismo (806), natação (757), andebol (385), basquetebol (353), ténis de mesa (306), voleibol (157), e xadrez (134). Para além dos jovens, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, esta importante manifestação desportiva de raiz popular, movimenta 616 técnicos, 547 delegados e 27 árbitros.

Quanto ao número de freguesias que aderiram, somente as do Castelo e Madalena não marcaram presença e das 51 restantes, mais uma vez Santa Maria dos Olivais (812 jovens), Lumiar (581), Benfica (343), Penha de França (344), Marvila (300), Santo Condestável (259), Ajuda (249), Campolide (247), e S. Domingos de Benfica (192), são as que registam maior afluência de participantes.

Os Jogos com jornadas semanais nos diversos recintos onde a prática desportiva se torna possível (e o vereador Rego Mendes responsável pelo Pelouro — já manifestou o seu desencanto pela falta de estruturas desportivas na cidade, tendo prometido avançar com um projecto que visa o alargamento de espaços) terminam no fim-de-semana com a realização da Festa do Desporto, que como vem sendo habitual, ocorrerá no Terreiro do Paço com a realização das finais das diversas modalidades e outras actividades que esta tarde serão anunciadas por Rego Mendes durante uma conferência de Imprensa convocada para o efeito.



Miúdos do Barroquense classificaram-se no topo da escala em futebol de salão

Almada: desporto a todo o gás

Em Almada, prosseguem os Jogos Concelhios (Almada Sport) numa iniciativa de acção repetida e, segundo intenções manifestadas pelo vereador responsável pela área do desporto (António Matos), o ano de 1991 será decisivo para uma vasta campanha de sensibilização dos jovens para a prática desportiva em todo o concelho, fundamentalmente porque as infra-estruturas e os equipamentos vão surgindo por forma a dar resposta aos legítimos direitos da população no domínio da educação física.

Ivan Lendl e Steffi Graf no trono de Wimbledon

O checoslovaco Ivan Lendl, número um do «ranking» mundial, poderá ter de derrotar o sueco Stefan Edberg e o alemão-federal Boris Becker para ganhar este ano pela primeira vez o título de singulares de Wimbledon.

O sorteio do histórico torneio, cujo quadro principal começa a disputar-se segunda-feira, deixou em aberto uma eventual meia-final entre Lendl, primeiro cabeça-de-série, e Edberg, terceiro, campeão em 1988 e finalista derrotado no último ano.

Na outra metade do quadro principal, o segundo cabeça-de-série, Boris Becker, que no último ano venceu pela terceira vez o torneio, poderá encontrar-se nas meias-finais com o norte-americano John McEnroe, designado segunda-feira quarto cabeça-de-série.

Lendl «esmagou» Becker por 6-3 e 6-3 na final do Torneio do Queen's Club, no domingo, em Londres, e é considerado este ano o principal favorito à vitória em Wimbledon, cuja final masculina será

jogada a 8 de Julho.

O tenista checoslovaco vai estreiar-se segunda-feira, frente ao argentino Christian Minuissi, enquanto Edberg terá como primeiro adversário o italiano Omar Camporese.

O primeiro cabeça-de-série a surgir no caminho do número um mundial é o francês Henri Leconte (15.º), que Lendl defrontará na quarta ronda, na qual Edberg poderá vir a jogar com Michael Chang, o jovem norte-americano que o derrotou na final do «open» francês, em 1989.

McEnroe terá o primeiro teste frente ao seu compatriota Derek Rostagno, que quase bateu Becker no último Open dos Estados Unidos, e se chegar aos quartos de final poderá ter como adversário os também norte-americanos Tim Mayotte, sexto cabeça-de-série, ou Pete Sampras (12.º).

Por seu lado, Becker vai iniciar a defesa do título perante um «qualifier» e o seu primeiro rival cabeça-de-série pode vir a ser o francês Yannick

Noah (14.º), na quarta ronda.

O francês estreia-se igualmente frente a um tenista a sair do Torneio de Qualificação.

No quadro de singulares femininos, a detentora do título e número um mundial, Steffi Graf, da Alemanha Federal, enfrenta uma eventual meia-final com a jugoslava Monica Seles, que a derrotou nas recentes finais do Open de França e da RFA.

Entre as potenciais rivais de Graf, conta-se também a jovem «estrela» norte-americana Jennifer Capriati, cabeça-de-série número 12, que alcançou as meias-finais em Roland Garros, onde perdeu com Seles. Contudo, Capriati, de 14 anos, tem um primeiro teste difícil, perante a canadiana Helen Kelesi, que quase eliminou Seles em Paris.

A veterana norte-americana de origem checoslovaca Martina Navratilova, segunda cabeça-de-série, foi feliz no sorteio, evitando Seles e Graf até às meias-finais, nas quais poderá vir a jogar, se lá chegar, com a argentina Gabriela Sabatini (4.ª cabeça-de-série).

O primeiro encontro de Steffi Graf será com a sua compatriota Claudia Porwik, enquanto Seles defrontará a sueca Maria Strandlund na ronda de abertura.

Navratilova, que já conta oito vitórias em Wimbledon, foi a mais feliz das favoritas, iniciando a prova frente à francesa Sophie Amiach e enfrentando poucos perigos até aos quartos de final, onde pode vir a defrontar a búlgara Katerina Maleeva ou a norte-americana Mary Joe Fernandez, sétima e nona cabeças-de-série, respectivamente.

O percurso de Sabatini apresenta-se bem mais difícil, com um primeiro encontro frente à determinada norte-americana Elise Burgin e um provável confronto na quarta ronda com a sul-americana Ros Fairbank, décima quinta cabeça-de-série. Caso atinja os quartos de final, a tenista argentina poderá ter como rivais a espanhola Arantxa Sanchez Vicario ou a soviética Natalia Zvereva, sexta e décima primeira cabeças-de-série, que se defrontarão na quarta ronda.

JOVEM

APRENDE ELECTRICIDADE, ELECTRONICA, RADIO, TELEVISAO, DURANTE 10 MESES. AULAS TEORICO-PRATICAS DE 3 HORAS, DAS 08.00 AS 23.00. MAIS DE 600 CONTOS DE MATERIAL DIDACTICO POR ALUNO. INICIO DO CURSO 1 DE OUTUBRO. ASSISTE GRATUITAMENTE A UMA SEMANA DE AULAS QUANDO DESEJARES. 4.ª CLASSE OU 6.ª ANO DE ESCOLARIDADE — 16 ANOS.

DIPLOMA

CARTEIRAS PROFISSIONAIS DE TECNICO ELECTRONICA, RADIO, TV E DE ELECTRICIDADE BAIXA TENSÃO. PREÇO 200 + 7 MIL ESCUDOS EM 10 PRESTAÇÕES DE 20 MIL.

ESCOLA LASER

CAPACIDADE PARA 870 ALUNOS. PRAÇA BERNARDO SANTARENO, 3-B 1900 LISBOA. TEL 80 58 01 - 80 95 57. METRO AREIRO, AUTOCARROS 15 - 27 - 35 - 40.

(ALUGAMOS SALAS-AULAS)

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LOURES

ANÚNCIO

O doutor Guilherme Tires, Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho de Loures.

Faz pelo presente anunciar que pela 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Loures, correm seus termos uns autos de execução de sentença registados sob o n.º 150/88 em que são exequente Venceslau Melro Duarte Inácio e executado Gremetal — Montagens Industriais S.A., com sede em Casal de Feiteira, Bucelas, Loures, e neles correm editos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Loures, 8 de Junho de 1990.

O Juiz de Direito, (assinatura ilegível)
O Escrivão-Adjunto, (assinatura ilegível)

«DL» 2.ª Pub. 20/6/90

Bozell Spinn

**ESTA SEMANA
APOSTE TAMBÉM
NOS RESULTADOS DA 1.ª PARTE
VAI SER EMOÇÃO DO PRINCÍPIO AO FIM!**

MATRIZ

25 24.06.90

Resultado 1.ª parte

- 1 FARENSE GIL VICENTE
- 2 ESPÓSENDE ANADIA
- 3 MONT. JO ST.ª CLARA
- 4 BENFICA SPORTING
- 5 GUIMARÃES PORTO
- 6 FARENSE GIL VICENTE
- 7 ESPÓSENDE ANADIA
- 8 MONT. JO ST.ª CLARA
- 9 BENFICA SPORTING
- 10 GUIMARÃES PORTO

Resultado final

- 11 1.ª MAIO-JUV LUNDA SUL
- 12 F.C. CABINDA SP BENGUELA
- 13 PETRO LUANDA TAAG

MULTIPLAS — ASSINALE AQUI O N.º DE APOSTAS (ver tabela)

4 6 9 8 7 3

CONCURSO N.º 25 de 24/6/90

totobola

MARQUE CERTEIRO GANHE MUITO DINHEIRO

AGENDA

I Série N.º 140
Dia 20 de Junho

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Presidência da República

Decreto do Presidente da República n.º 23/90:
Ratifica os dois Protocolos Adicionais à Convenção Europeia de Extradicação.

Presidência do Conselho de Ministros e Ministérios da Defesa Nacional e das Finanças

Portaria n.º 453/90:
Actualiza as tabelas de ajudas de custo diárias a abonar aos militares dos três ramos das forças armadas que se desloquem em missão oficial ao estrangeiro ou no estrangeiro.

Ministério das Finanças

Portaria n.º 454/90:
Estabelece o regime simplificado de introdução em livre prática e ou no consumo de produtos petrolíferos e seus derivados saídos de armazéns afiançados ou dos locais de produção.
Despacho Normativo n.º 37/90:
Fixa a quota global de congelamento da Administração Central para 1990.

Ministérios das Finanças e da Indústria e Energia

Portaria n.º 455/90:
Regulamenta a admissão, a atribuição e o modo de gestão dos contingentes pautais de direito nulo estabelecidos para 1990. Revoga as Portarias n.ºs 333/88, de 26 de Maio, e 66-A/89, de 30 de Janeiro.

Ministérios das Finanças, das Obras Públicas, Transportes e Comunicações e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 456/90:
Aprova as tarifas de transporte aéreo de passageiros a praticar nos serviços regulares entre o continente e as Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna público ter o Mali depositado junto do Secretário-Geral das Nações Unidas o instrumento de adesão à Convenção contra a Tomada de Reféns, adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas.
Torna público terem sido adoptadas as taxas de câmbio na cobrança de emolumentos consulares a efectuar a partir de 31 de Maio de 1990.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 457/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Quinta de S. Luís» e «Herdade da Amendoeira», situadas na freguesia de Santa Maria, concelho de Serpa.
Portaria n.º 458/90:
Altera o anexo à Portaria n.º 1105/90, de 27 de Dezembro, que aprova a lista de produtos proteicos obtidos a partir de microrganismos, de compostos azotados não proteicos, de ácidos aminados e seus sais e de análogos hidroclorados dos ácidos aminados autorizados em alimentação animal e respectivas condições de utilização.

Ministério da Educação

Portaria n.º 459/90:
Autoriza a Universidade Nova de Lisboa a conferir, através da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, o grau de mestre em Ciências Musicais, com duas áreas de especialização, e regula o respectivo curso especializado.
Portaria n.º 460/90:
Autoriza a Universidade de Lisboa a conferir, através da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, o grau de mestre em Ciências da Educação, com três áreas de especialização, e regula o respectivo curso especializado. Revoga a Portaria n.º 514/82, de 24 de Maio, alterada pelas Portarias n.ºs 598/83 e 81/88, de 21 de Maio e de 5 de Fevereiro, respectivamente.

Ministérios da Educação e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 461/90:
Altera o anexo II à Portaria n.º 825/87, de 8 de Outubro, que cria o curso de pós-graduação em Tecnologia e Ciências Náuticas na Escola Náutica Infante D. Henrique, na parte respeitante à estrutura curricular da área de especialização em Máquinas Marítimas.

Ministérios da Educação e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 462/90:
Fixa o preço máximo de venda ao público dos manuais escolares do 1.º ciclo do ensino básico. Revoga a Portaria n.º 461/89, de 21 de Junho.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 463/90:
Lança em circulação, cumulativamente com as que estão em vigor, uma emissão de selos com tarja fosforescente alusiva à «Felicitações».
Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 293 234 contos.

Ministério da Saúde

Decreto-Lei n.º 203/90:
Aplica o novo sistema retributivo da função pública ao pessoal da carreira de técnico de diagnóstico e terapêutica.
Portaria n.º 464/90:
Aprova as tabelas de preços a praticar pelo Instituto de Genética Médica Doutor Jacinto Magalhães.

Ministério do Ambiente e Recursos Naturais

Decreto-Lei n.º 204/90:
Estabelece medidas de protecção de animais selvagens, necrófagos e predadores.

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território
Céu pouco nublado, aumentando de nebulosidade ao longo da manhã nas regiões do litoral Norte e Centro, onde poderão ocorrer períodos de chuva fraca. Vento fraco ou moderado, soprando de Oeste no Norte e Centro e de Noroeste na região Sul.
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Regiões do Norte

Céu geralmente muito nublado. Vento do quadrante Oeste fraco a moderado. Períodos de chuva fraca ou chuvisco no Minho ou Douro Litoral. Regiões do Centro e Sul
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado pela madrugada e manhã no litoral a norte do Rio Tejo. Vento Noroeste fraco a moderado. Nebulinas matinais. Pequena subida da temperatura nas regiões do interior.

Depois de amanhã

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado pela madrugada a manhã no litoral a norte do Rio Tejo. Vento fraco soprando moderado de Noroeste durante a tarde no litoral Oeste. Nebulinas matinais. Pequena subida da temperatura.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento Nordeste moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

Amanhã

Céu com períodos de muito nublado. Vento do quadrante Norte moderado, sendo fraco na região do Funchal.

Depois de amanhã

Céu com períodos de muito nublado. Vento nordeste moderado, sendo fraco na região do Funchal.

AÇORES

Todos os grupos

Céu com períodos de muito nublado. Vento noroeste moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros.

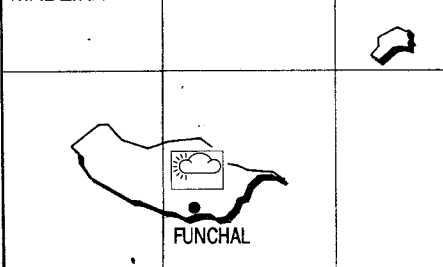
Amanhã

Céu com períodos de muito nublado. Vento noroeste fraco a moderado.

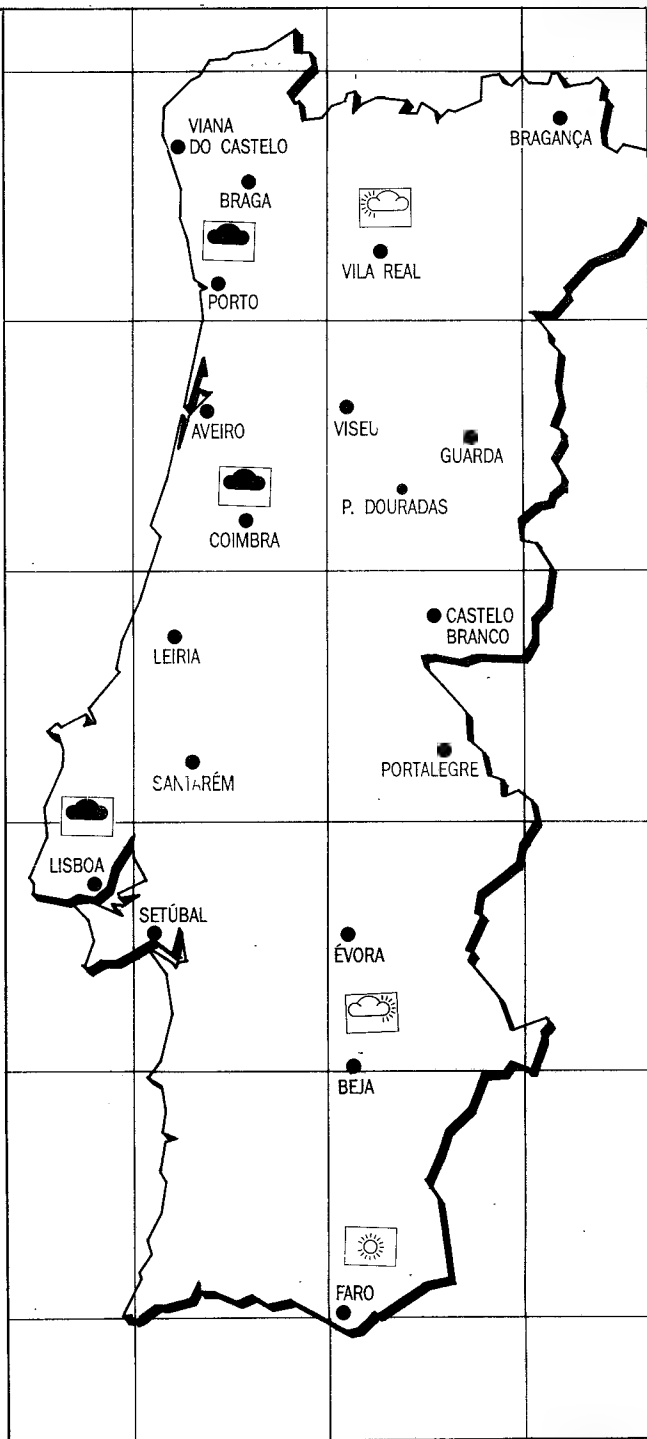
Depois de amanhã

Céu geralmente pouco nublado. Vento do quadrante Norte fraco a moderado.

MADEIRA



O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança.....	12	12	P. nub.
V. Castelo.....	12	12	P. nub.
Vila Real.....	-	-	-
Porto.....	14	14	M. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	15	15	M. nub.
C. Carvoeiro.....	17	17	Encoberto
C. Branco.....	13	14	P. nub.
Portalegre.....	11	11	Nebulina
Lisboa.....	15	16	M. nub.
Évora.....	12	13	Nebulina
Beja.....	13	13	Nebulina
Faro.....	15	15	Limpo
Sagres.....	18	18	M. nub.
P. Delgada.....	17	18	M. nub.
Horta.....	18	19	M. nub.
Funchal.....	18	18	P. nub.
Sines.....	-	-	-

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 23; Porto, 20; Faro, 25; P. Delgada, 21; Funchal, 26.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid.....	16	18	M. nub.
Londres.....	10	12	P. nub.
Paris.....	15	15	M. nub.
Bruxelas.....	14	15	Nebulina
Amsterdão.....	15	15	Limpo
Genebra.....	17	17	M. nub.
Roma.....	14	19	Nebulina
Oslo.....	15	16	Nebulina
Copenhaga.....	16	16	Chuva
Estocolmo.....	17	19	Limpo
Berlim.....	10	16	M. nub.
Viena.....	15	18	Nebulina
Varsóvia.....	-	-	-
Atenas.....	20	23	Nebulina

MUNDO

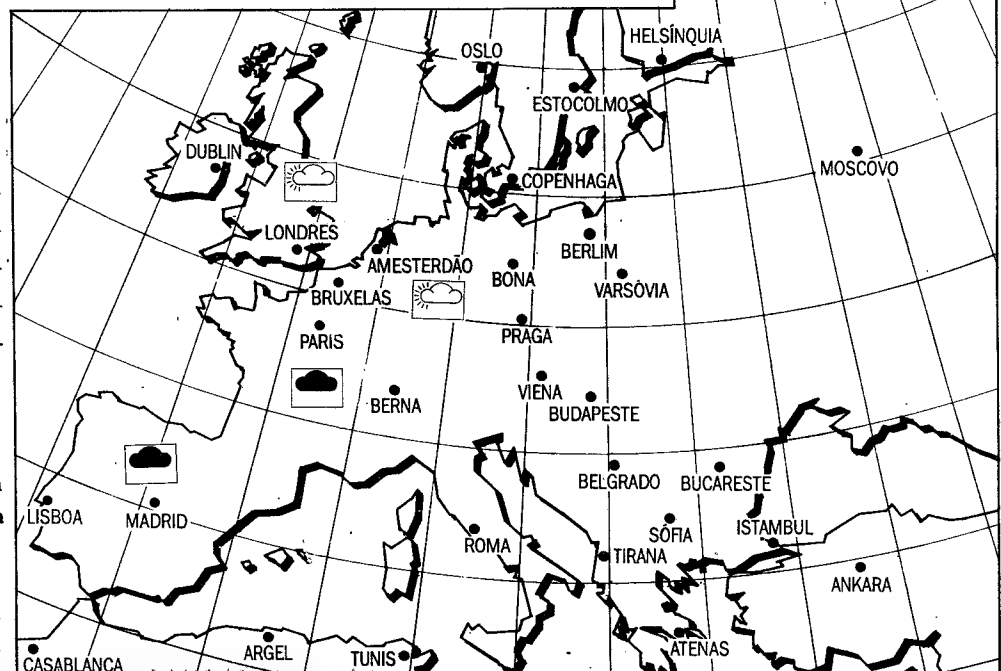
	Min.	Máx.	Às 13 h.
Chicago.....	16	28	Aguaceiros
Houston.....	25	35	Limpo
Los Angeles.....	14	26	Encoberto
Montreal.....	13	22	Aguaceiros
Nova Iorque.....	19	28	Encoberto
S. Francisco.....	12	20	Limpo
Toronto.....	13	26	Trovoada
Vancouver.....	14	20	Aguaceiros
Washington.....	19	30	Limpo
Hong Kong.....	26	32	P. nub.
Melbourne.....	6	12	Aguaceiros
Pequim.....	21	33	Nebulina
Perth.....	7	20	P. nub.
Singapura.....	26	32	Aguaceiros
Sydney.....	7	16	P. nub.
Tóquio.....	23	31	Limpo
Wellington.....	7	16	Aguaceiros

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
01.20	3,3m	07.13 0,8m
13.52	3,5	19.46 0,7m
Amanhã		
02.22	3,4m	08.07 0,7m
14.49	3,6m	20.40 0,6m



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alcântara: Probidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; Alto Pina: Eusil, Rua Barão Sabrosa, 104, Tel. 8141912; Alto Santo Amaro: Rio Seco: Dilena, Rua Aliança Operária, 49, A-B, Tel. 3636620; Alvalade: Roma, Av. Roma, 85-B, Tel. 772466; Baixa: Valadas, Rua da Madalena, 235, Tel. 872060; Benfica - Igreja - Cemitério: Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, Tel. 703393; Campolide: Imparcial, Rua General Taborda, 28-30, Tel. 680931; Chelas: Banha, Est. Chelas, 173-175, Tel. 382241; Lapa: Mota Capitão, Rua São Félix, 45, B-C, Tel. 660720; Lumiar: Central Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 254-B, Tel. 7588063; Metro - Anjos: Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40, Tel. 8141122; Olivais Sul: Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; São Sebastião: Sá Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42, Tel. 554672; Brandão - Amadora: Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; Carnaxide: Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; Moscavide: Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; Odivelas: Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A, Loja E (Urb. Codivell), Tel. 9816803; Pontinha: Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Apeadeiro do Areeiro: Chinde, Rua Agostinho

Lourenço, 6-B, Tel. 890331; Campo de Ourique: Castro Fonseca, Rua 4 Infância, 28-A, Tel. 688857; Campo Pequeno - Av. Roma: Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; Carnide: Guimarães Morais, Rua Neves Costa, 33-35, Tel. 7140081; Chafariz Dentro: Cruz de Malta, Largo Chafariz Dentro, 36, Tel. 866126; Conde Barão: Moz Teixeira, Rua Poço dos Negros, 117, Tel. 601961; Encosta Restelo - Moinhos: Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A, Tel. 611814; Estefânia: Universal, Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 544158; Marquês Pombal: Liberal, Av. Liberdade, 219, Tel. 543641; Martim Moniz: Tavares, Rua da Palma, 194, Tel. 863350; Sapadores: Branquinho, Rua dos Sapadores, 87-89, Tel. 8142725; Buraca - Amadora: Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; Linda-a-Velha: Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; Tires: Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcabideche: Carvalho, B.º Padre P. Cor-

reia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavelos: Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; Nova Oeiras: Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737; Parede: Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; Sassoeiros: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Estoril: Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; Cascais: Misericórdia, R. Regimento, Tel. 280141. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 4938149. Permanente; Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira, Tel. 4953424. Até às 22 h; Damaia: Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel.

970523. Até às 22 h; Queluz: Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A, Tel. 4365849. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42-Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; Mem Martins: Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214108. Até às 22 h; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rinchoa: Cargaleiro Lourenço, Calc. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; Sintra: Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Pendoa, Tel. 9232747. Permanente; Colares: Abreja, Tel. 9290088; Loures: Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 Abril, 9, Tel. 2768030. Permanente; Cova da Piedade: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; Monte de Caparica: Guerreiro, Lote 31, II, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; Costa de Caparica: Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; Laranjeiro: Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; Lavradio: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; Sesimbra: Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; Barreiro: Piçarra, P. Bocage, 65-A, Tel. 2074771. Permanente; Baixa da Banheira: Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; Corroios: Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h

HÁ 20 ANOS



Equiparados vários ramos de ensino

Um importante despacho do ministro da Educação Nacional veio estabelecer novas equiparações entre vários ramos do ensino secundário, ou entre disciplinas de alguns deles. A medida que se impunha, vem, além do mais, facilitar notavelmente a mudança de curso dos alunos que, por qualquer motivo, a pretendam fazer. O despacho do Prof. Veiga Simão corresponde, efectivamente, ao anseio de milhares de estudantes.

Encerrado o colóquio sobre a bacia do Tejo

Em Santarém, o penúltimo dia da Feira Nacional da Agricultura foi assinalado com o encerramento do Colóquio sobre o Desenvolvimento da Bacia Hidrográfica do Tejo, o qual trouxe à capital do Ribatejo entidades nacionais e estrangeiras, que apresentaram trabalhos do maior interesse para um melhor aproveitamento do rio Tejo, que nos últimos anos tem sido prejudicial à economia da lavoura marginal.

Projecto de penetração na Amazônia

Os imensos territórios virgens do estado brasileiro da Amazônia, que cobrem, no centro do continente sul-americano, mais de quatro milhões de quilómetros quadrados, vão ser alvo de um projecto ambicioso de penetração e valorização, segundo decisão tomada ontem pelo governo brasileiro. Este projecto foi qualificado como «a maior epopeia de todos os tempos» pelo presidente Medici e mostra o desejo de atrair para a referida região as populações dos sectores pobres do norte, regularmente afectadas pela seca.

EFEMÉRIDES

1980

• A administração norte-americana autoriza a permanência, no país, por seis meses, de 130 mil refugiados cubanos.

1983

• É empossado o primeiro reitor eleito da Universidade de Lisboa, professor Toscano Rico.

1984

• Na sequência da operação desencadeada na véspera contra as «Forças Populares 25 de Abril», a Polícia do Exército prende o tenente-coronel Otelio Saraiva de Carvalho, que fica detido em Caxias.

1985

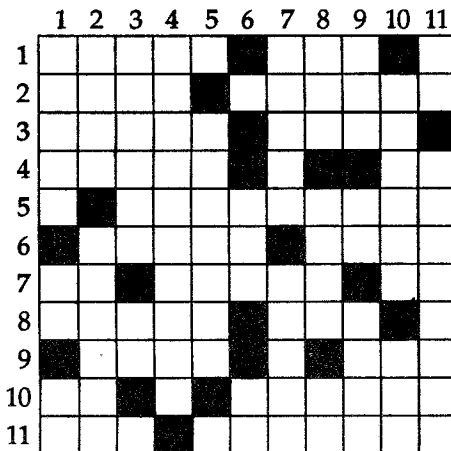
• Três mineiros perdem a vida num desabamento de terras nas minas do Pejão, Castelo de Paiva.

• A Suíça oferece-se para ser local de negociações para uma troca dos cerca de 40 reféns norte-americanos dos piratas aéreos em Beirute por 700 presos libaneses em poder das autoridades israelitas.

1988

• Os líderes das sete nações mais industrializadas do Mundo, reunidos em Toronto, apelam à URSS para que se consolide a sua política de abertura.

PALAVRAS CRUZADAS



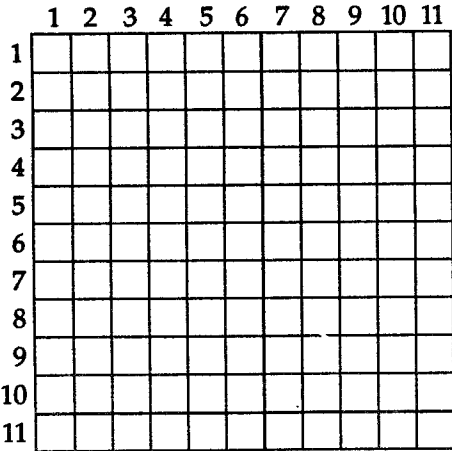
PROBLEMA N.º 17942

HORIZONTAIS:

- 1 - Tomar como alimento. Mala. Contracção da preposição e com artigo.
- 2 - Cidade da Ucrânia. Mamíferos carnívoros do Himalaia.
- 3 - Extrair. Cursos de água naturais e abundantes.
- 4 - Urde. Capeão.
- 5 - Confrontada.
- 6 - Imaculados. Liguem.
- 7 - Utensílio doméstico. Alberga por esmola. Apelido.
- 8 - Tolerar. Sigla da Organização Internacional do Trabalho.
- 9 - Estavas. Grande quantidade.
- 10 - Depois de Cristo. Apraz.
- 11 - Artilharia antiaérea. Estimases.

VERTICAIS:

- 1 - Despesa. Utensílio doméstico. Contracção da preposição de com artigo.
- 2 - Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. O mesmo que melância.
- 3 - Árvore tintória do Brasil. Pátria de Abraão.
- 4 - Apaixonadas.
- 5 - Que têm ramos.
- 6 - Letra grega. Antes do meio dia.
- 7 - Conjunto de pêlos que se desenvolvem no queixo e na face do homem. Comprida.
- 8 - Antiga Agência Telegráfica de Imprensa. Sai frequentemente à rua. Reis.
- 9 - Coisa grande. Prefixo de privação. Após.
- 10 - Guarnições de asas. Composição poética.
- 11 - Carta de jogar. Casaco com gola de peles.



PROBLEMA N.º 16752

HORIZONTAIS:

- 1 - República da América Central.
- 2 - Divido em toros. Brilhante.
- 3 - Do latim ou a ele relativo (pl.). Viscera dupla.
- 4 - Abreviatura que se usa em música. Comei à cela.
- 5 - Molestem. Apelido.
- 6 - Pertences. Personagem do «Otelo» de Shakespeare. Antes de Cristo.
- 7 - Aquele que foi vítima da sua própria ambição. Pingue.
- 8 - Gorgulhos tropicais. Sabor picante.
- 9 - Pêlos de certos animais. Palácio real.
- 10 - Figura que simboliza o povo americano. Nicaras.
- 11 - Fazer crepitação. Miriara.

VERTICAIS:

- 1 - Antiga província da Palestina, principal teatro das prédicas de Jesus Cristo. Sentidas Condolências.
- 2 - Joetra. Estudante.
- 3 - Macacos americanos. Fio de Latão.
- 4 - Alcinha dos naturais do Porto (pl.).
- 5 - Aventuroso francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Extremidades dos braços. Bismuto (s.q.).
- 6 - Osmio (s.q.). Mitologia.
- 7 - Colina na Suécia. Régulo. Centiare.
- 8 - Lutécio (s.q.). Aquí. Lançar o arpéu a.
- 9 - Aprel Caminhar.
- 10 - Enal Incubam.
- 11 - Defraudava. Freguesia do concelho de Guimarães.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 941

HORIZONTAIS: 1 - O. QUE. Ais. É. 2 - Véus. Abraço. 3 - Olear. Oásis. 4 - Erros. 5 - Cir-mar. Avá. 6 - Deã. Oreas. 7 - ED. Cacei. 8 - Múda. Erada. 9 - Aas. Ri. Sor. 10 - Isolados. Ma. 11 - Samarrões. VERTICAIS: 1 - Ovova. DE-MAIS. 2 - El. Cedias. 3 - Queria. Usos. 4 - Usa. La. 5 - Remoçaram. 6 - Rara. Ida. 7 - ABORRECE. Or. 8 - Irão. Aer. Sr. 9 - Sassarias. 10 - Cl. VA. Dome. 11 - Eos. Assaras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 751

HORIZONTAIS: 1 - Tamegos. An. 2 - Avisaremos. 3 - Bi. Coa. Fás. 4 - Usga. Coava. 5 - At. Lamas. As. 6 - Calda. Roas. 7 - Arearam. 8 - Se. Srio. 9 - Moirama. Bo. 10 - Totals. Xara. 11 - Asas. Sarau. VERTICAIS: 1 - Tabuaças. Ta! 2 - Avistaremos. 3 - Mi. Lè. Oca. 4 - Escaldarias. 5 - Não. Aar. Ri. 6 - Grã. Asas. 7 - Oel. Carnim. 8 - Sm. Oso. Raxa. 9 - Ofa. ANI. 10 - Asavas. Obra. 11 - Sãs. Oaú.

PROVÉRVIO: O QUE É DEMAIS ABORRECE.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
ROMERO
Filme de John Dugan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

UM HOMEM INOCENTE
Filme de Peter Yates
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

MEU PAI
Filme de Gary David Goldberg
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
TELHADOS DE NOVA YORK
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

ROMERO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3

CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
Filme de Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

UM HOMEM INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

MEU PAI
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7

SEGREDO DE GUERRA
Filme de Robert Knights
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 10

UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
Filme de Sergio Leone
M/6 anos - Às 15.30, e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
SUPERMUNDO DOS BACANAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
EMMANUELLE 5
Filme de Walerian Borowczyk
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
FORÇA DESTRUIDORA
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
NOVIDADES SEXUAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
Ciclo Frank Borzage
VIDAS HERÓICAS
Às 18.30
OS FUGITIVOS DA GUIANA
Às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
TORAI TORAI TORAI
M/12 anos - Às 14.00, 17.00
e 21.15

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 21.15

AUDITÓRIO 2

TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
NOBRES VÍCIOS
Filme de Rex Bromfield
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

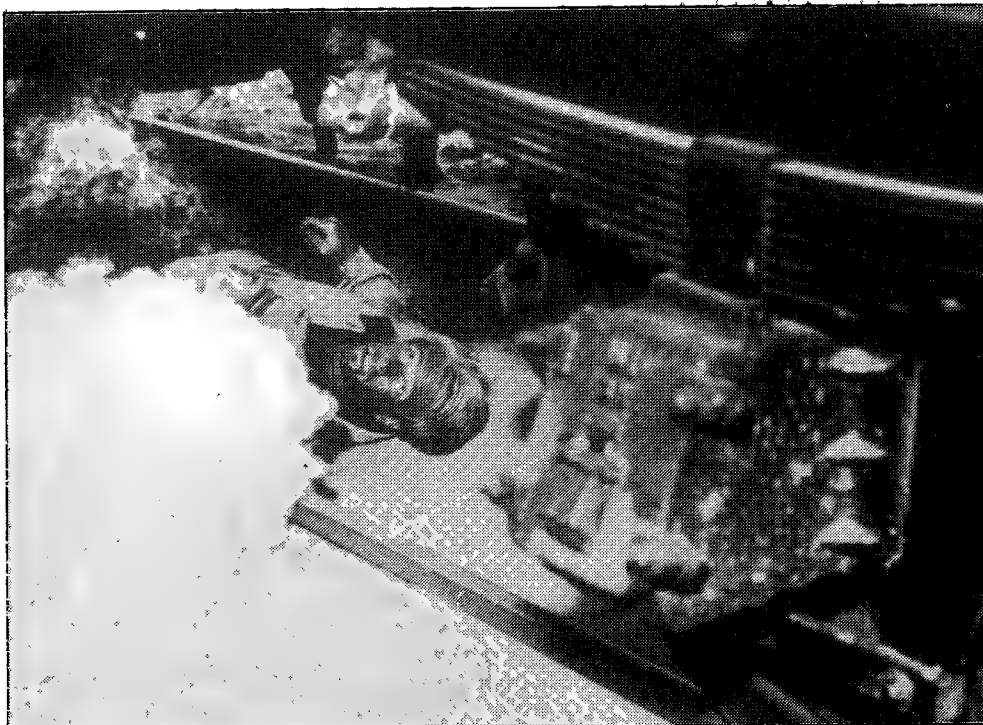
R. Sousa Lopes - T. 8480808
ROCK DE FOGO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45



O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

KING TRIPLEX 3

A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA
DE AMOR
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA
DE AMOR
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
ROMERO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

TELHADOS DE NOVA YORK
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
UM NINJA AMERICANO 3
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
EM DALAS VALE TUDO
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º António - T. 326305
A FUGITIVA
Filme de Mario Azzopardi
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

IO E MIA SORELLA
Filme de Carlo Verdone
M/16 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
NINGUÉM É SANTO
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

A FEBRE REGRESSA
Com John Travolta
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
NARCOTRÁFICO
Filme de Stephen Minc
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMA DA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
O MEU PÉ ESQUERDO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
POLÍCIA DE MIAMI
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
O MEU TIO SOLTEIRO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841769
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA
DE AMOR
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
STAR TREK V: A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/6 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
Sala 1
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
MUSIC BOX - O ENIGMA DA CAIXA DE
MÚSICA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
BELA DEMAIS PARA TI
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
COBRA ATACA
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
STAR TREK V - A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
UM NINJA AMERICANO III
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
O AS DO ENGATE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO
LISBOA

A BARRACA (Cinearte)

Larg. de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco de Borja, 24 - T. 607299
De 5ª a Sáb. às 21.30, Dom. às 17.00
TEATRO DOCE TEATRO
De Edward Rodzinsky
Em cena até ao final do mês

CHAPITÔ

R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
Sexta e Sáb. às 21.30
KLÁSSIKUS KABARET
De Fernando Gomes
Em cena até ao final do mês

COMUNA

P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00

SALA NOVA

O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams

IBÉRICO

R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. às 17.00 e 21.30
O FIM
De António Patrício
Em cena até ao final do mês

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, 52
T. 897017
De 6ª a Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de
Nicolau Breyner
Em cena até dia 1 de Julho

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45,
Domingos e Feriados, também às
16.00
VITÓRIA

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

17.30 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

32º episódio

19.00 - JOGO DE CARTAS

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA

20.05 - O TEMPO

20.10 - BOLETIM AGRÁRIO

20.15 - VALE TUDO

21.15 - VAMOS JOGAR

NO TOTOBOLA

21.30 - LOTAÇÃO ESGOTADA

«O Último Fôlego».

Um filme de Jim McBride (EUA, 1983), com Richard Gere, Valerie Kaprisky, William Tepper, John P. Ryan, Art Metrano, Robert Dunn, Gary Goodrow, etc.

Jim McBride foi durante muito tempo um cineasta *underground*, dito intelectual de vanguarda, influenciado pelo cinema europeu, e teve as maiores dificuldades em encontrar financiamento para este projecto. «O Último Fôlego» é uma variação mista de homenagem e *pastiche* sobre o célebre filme de Godard «O Acochado», que McBride adaptou para a América dos Anos 80. Trata-se de uma história louca de amor, perseguição, rock e morte, protagonizada por um par de amantes malditos que sem grande convicção cruzam as ruas de Los Angeles em carros roubados, fazem amor em apartamentos baratos e exibem sistematicamente as suas divergências existenciais.

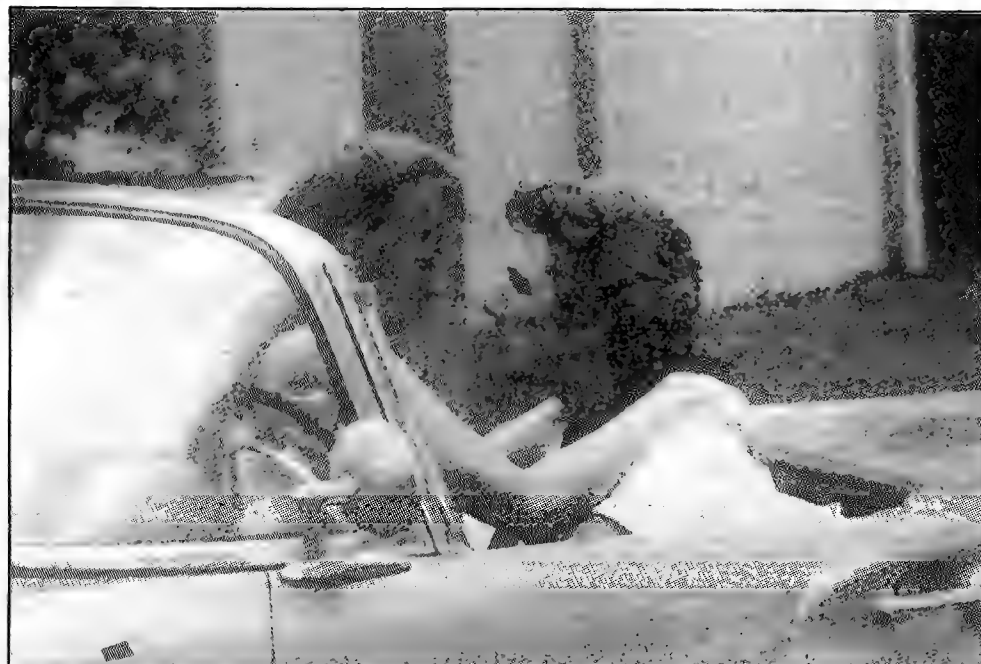
23.40 - 24 HORAS

00.15 - REMATE

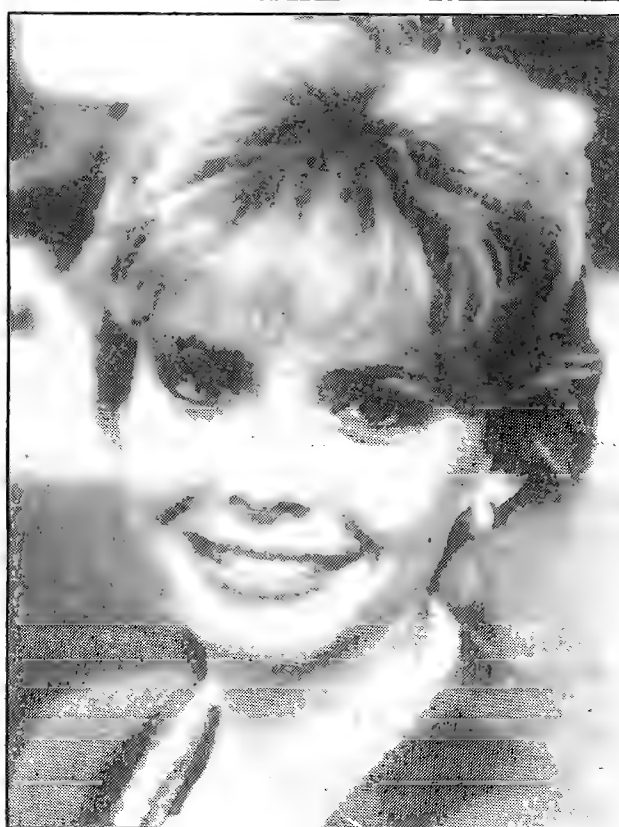
RTP-2

16.25 - O LICEU DEGRASSI

As medidas desesperadas de Wayne para convencer Gordon de que Liz



«O Último Fôlego», em «Lotação Esgotada», no canal às 21.35 horas



Amanhã, às 23.15, o 11º episódio de «Murphy Brown» na RTP 1

está a ser aterrorizada, colocaram a vida de Bárbara em perigo. Enquanto Patrícia faz planos para o seu futuro com David, Luke fica chocado com algo que descobre sobre o negócio.

17.20 - OS TRÊS PASTORINHOS

17.55 - TELEMERCADO

18.10 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

130º episódio

18.50 - ESPAÇO INFANTIL

19.30 - VIA RÁPIDA

19.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL

Brasil-Escócia

22.00 - JORNAL DAS NOVE

22.30 - LENINE ... O COMBOIO

23.20 - SÉCULO XX

«Os alemães na II Guerra Mundial», último episódio.

AMANHÃ

RTP-1

9.02 - BOM DIA

10.00 - ÀS DEZ

12.05 - A GATA COMEU

13.00 - JORNAL DA TARDE

13.27 - BOLSA

13.30 - UM ANJO NA TERRA

14.20 - LUGAR À NATUREZA

14.45 - PONTO POR PONTO

15.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL

Bélgica-Espanha

17.50 - BRINCA BRINCANDO

18.35 - SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

19.05 - JOGO DE CARTAS

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA

20.05 - O TEMPO

20.10 - BOLETIM AGRÁRIO

20.15 - VALE TUDO

21.15 - UM ESPÍÃO

NO PURGATÓRIO

22.20 - OS SOVIÉTICOS

23.15 - MURPHY BROWN

23.45 - 24 HORAS

00.20 - REMATE

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL

14.15 - ESPAÇO INFANTIL

14.35 - FILHOS E FILHAS

15.00 - AGORA, ESCOLHA!

16.20 - OS CENTURIÕES

16.45 - RETRATOS DA MADEIRA

17.15 - OS DESAFIOS DA LEI

18.05 - TELEMERCADO

18.20 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

19.00 - ESPAÇO INFANTIL

19.30 - VIA RÁPIDA

19.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL

Irlanda-Holanda

22.00 - JORNAL DAS NOVE

22.30 - EMOÇÕES

23.00 - 5ª DIMENSÃO

23.25 - UNIVERSIDADE ABERTA

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

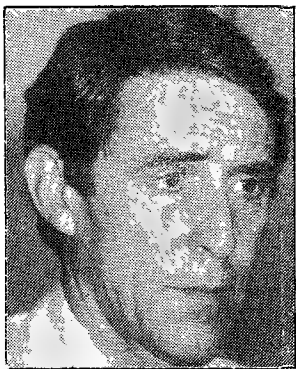




«Uma amnistia política não pode corresponder a uma desculpa do terrorismo»

José Manuel Fernandes, «Público», 19.06.90

A PERGUNTA DO DIA



Luís Colmbra
vereador
da Câmara de Lisboa

O que tenciona fazer para resolver o problema das pessoas que residem no Parque de Campismo de Lisboa?

«O Parque de Campismo de Lisboa tem por objectivo essencial servir o turismo nacional e estrangeiro e não resolver os problemas de habitação social herdados da descolonização. Actualmente, há mais de 150 famílias que ali residem, além das numerosíssimas roullotes de funcionários da Câmara Municipal de Lisboa que ocupam gratuitamente as zonas mais nobres do parque embora, de um modo geral, esse tipo de utentes não resida lá de forma permanente. A curto prazo, estas situações terão que ser frontalmente encaradas através de um novo reordenamento e enquadramento paisagístico do parque, bem como de um novo regulamento sobre a sua utilização. Ao mesmo tempo, procuraremos resolver, através do movimento cooperativo, o problema dos residentes.»

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

O Presidente de Cabo Verde entrevistado pelo DL

Mundial/90: a selecção vai sendo feita

A crónica de Francesco Alberoni

«Alemanha: sentido único» por Carlos Gaspar

MEDIA

Televisão educativa não tem necessariamente que ser sinónimo de monotonia. Os franceses, que até agora têm desprezado bastante este tipo de emissões, começaram este ano a descobrir as potencialidades deste tipo de programas

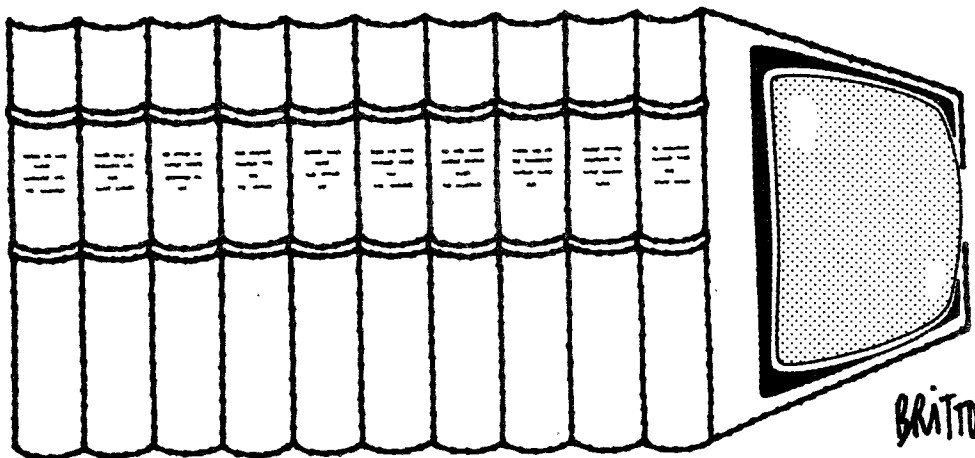
A nova fronteira educativa

Quando se fala em televisão educativa, as pessoas associam-na, normalmente, à ideia de tele-escola, de programa aborrecido, desinteressante. No entanto, a utilização de um meio de comunicação social tão poderoso como a televisão para educar, em sentido lato, os espectadores pode resultar em algo bastante aliciante. A experiência francesa ilustra bem esta possibilidade.

Michel Kuhn, actual director de programas da FR-3 Nancy vinha, desde há oito anos, acalentando um projecto neste sentido. «No que se refere à televisão educativa, a França estava nitidamente na cauda da Europa» - explica Kuhn. Na

suge finalmente. O seu título, «Continetales», é o mesmo do do centro de Nancy e Kuhn foi a pessoa escolhida para assumir o projecto.

O prato forte desta emissão é o «Eurojournal», que consiste em quatro jornais televisivos estrangeiros, transmitidos sucessivamente e na sua língua de origem: inglês, alemão, italiano e espanhol. Os principais títulos são anunciados em francês e todo o jornal é legendado, de forma a poder ser seguido mesmo pelos que não compreendem as línguas. A operação fica relativamente barata. Mediante o pagamento de 3 mil libras por mês, o «Continetales» recebe todo o



verdade, durante o ano de 1989, os franceses dedicaram apenas 43 horas a este tipo de emissões, contra 2262 gastas pelos alemães ocidentais e as 1378 utilizadas pelos ingleses.

Em Inglaterra, por exemplo, as estações privadas são obrigadas a emitir programas educativos, na Alemanha Federal e na Itália estas emissões são programadas em conjunto com as escolas, nos Estados Unidos a televisão educativa está a ser objecto de um desenvolvimento notável através da transmissão por cabo e o Japão dispõe já de uma cadeia universitária.

Estas experiências conjugadas com a abertura do Mercado Único europeu levaram Michel Kuhn a insistir mais na necessidade de participação do serviço público na conquista de uma nova fronteira educativa que versasse especialmente a formação linguística, económica e tecnológica.

Desta forma, e após vários anos de tentativas falhadas, Kuhn conseguiu que Yves Jaigu, antigo director de programas da FR-3 se interessasse pelo seu projecto. A ideia era a de criar, paralelamente a uma emissão do tipo universitário, programas mais utilitários e elementares.

Jean-Marie Cavada, que entretanto substituiu Jaigu, decidiu levar o projecto para a frente e, em Fevereiro deste ano, com a criação de duas unidades de programação descentralizadas - uma em Limoges e outra em Nancy - o programa

serviço do «Sky News», contando ainda com colaborações da RTL, da TVE e da RAI.

O público, por enquanto, ainda não é muito numeroso, embora bastante interessado, e as vantagens são muitas: além de receberem as mesmas notícias que os seus vizinhos europeus, os franceses habituam-se ainda a escutar diariamente quatro línguas estrangeiras.

Depois do «Eurojournal» são emitidos, diariamente, vários programas pedagógicos que vão desde cursos sobre a civilização romana ou sobre as mais recentes descobertas científicas, ao ensino de línguas estrangeiras ou a documentários sobre a história contemporânea. As emissões dedicadas a temas europeus ocupam, actualmente, duas horas por dia, embora se espere que em Setembro próximo este período seja mais alargado.

Este programa ocupa praticamente todas as manhãs de segunda, terça, quinta e sexta-feira, estando previsto que, dentro de alguns meses, as emissões sejam diárias e se prolonguem desde as 7.30 horas até ao meio dia. Michel Kuhn planeia ainda a edição de várias publicações complementares, nomeadamente a de uma revista mensal dedicada à actualidade científica europeia e cujo estudo está a ser feito em cooperação com a Cidade das Ciências e das Indústrias de La Villette, Paris.

«Le Monde»/«DL»

meteorologia

Junho para T.

- O mês mais bonito em Portugal é Junho, disse, e tentou ligar de novo o número... Gostas, pergunto.

- Junho?

- Não, da frase. A literatura. Assim podia começar uma novela, um romance. Imagino as primeiras frases dos livros ainda não escritos. Gostava de publicar uma antologia das primeiras frases. Uma mania como qualquer outra.

- Repita então!

Repito: - O mês mais bonito em Portugal é Junho, disse, e tentou ligar de novo o número...

- Gosto. Mas a segunda parte da frase parece-me banal.

- A primeira também é. Só que trata-se de duas banalidades diferentes, sobrepostas: uma de consideração expressa por palavras, outra descritiva de acção.

- Sim, mas supondo que são de natureza diferente o que faria o encanto estilístico, talvez devesse acentuar ainda mais as diferenças, até à oposição. Duas realidades separadas. Dois mundos opostos.

- Boa ideia, digo. Mas existem mundos separados, na física, na literatura depois de Joyce, depois dos surrealistas? Basta ler qualquer jornal europeu mais ou menos bem feito, para sabermos que as realidades não são separadas.



- Rendo-me. Não sou literato nem estou habituado a filosofar. Aliás, o mês mais bonito em Portugal é Junho, e sacudia a areia da sandália observando em silêncio o horizonte azul.

(Dedico este miniconto a Tabucchi ausente de Portugal de Junho. Não sei onde pára. Talvez alguém lhe enviasse...)

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental de Aveiro

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

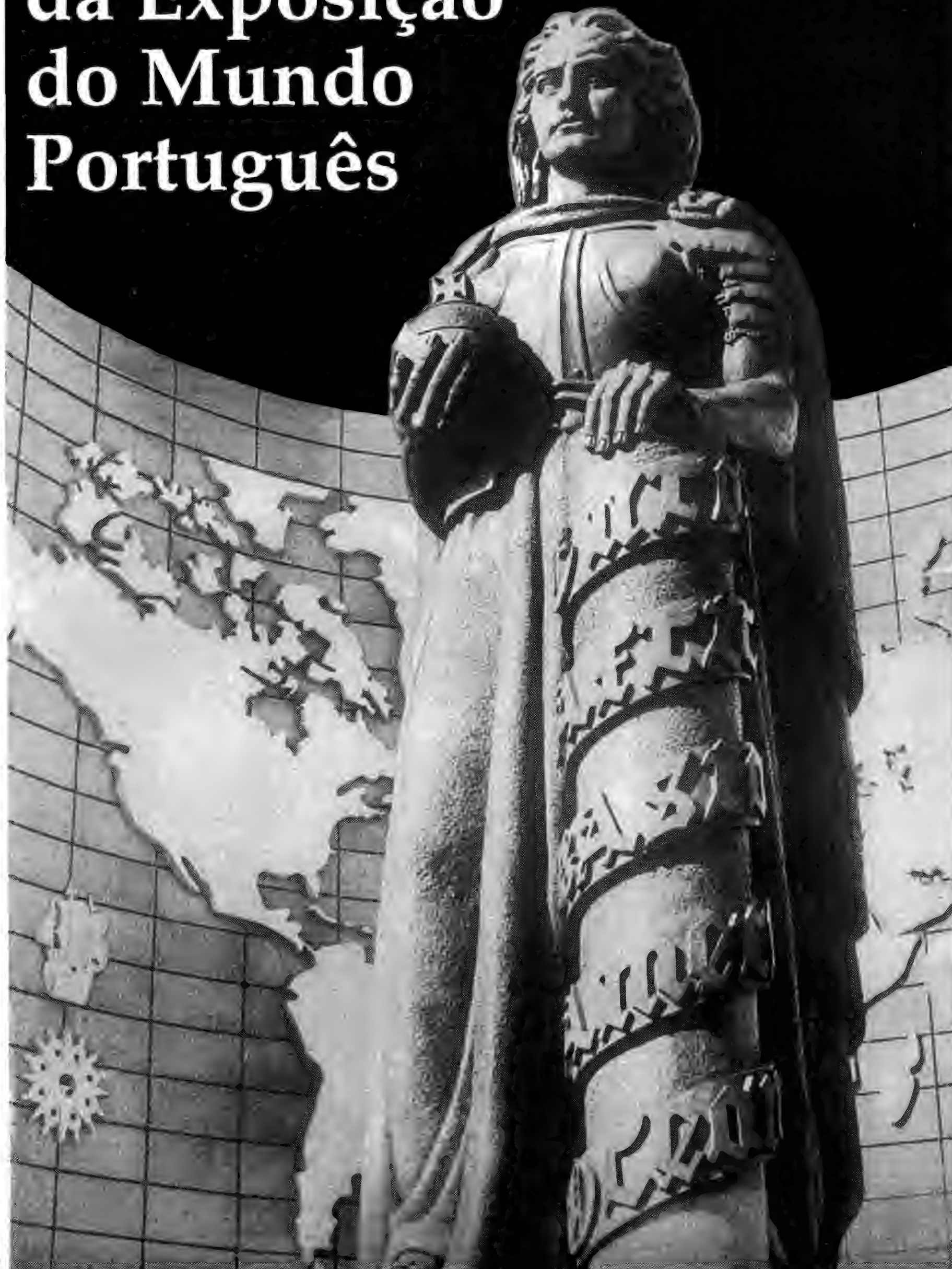
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

Cinquentenário da Exposição do Mundo Português

Diário
de
Notícias



Nota de abertura

Não é discussão pacífica, ainda, como se pretendia. Não é memória cristalina, já, como se desejava. A exposição inaugurada em Belém no dia 23 de Junho de 1940, foi, pelo menos, isto de incontestável: uma parte importante da história de Lisboa neste século. Nela desaguaram os risos e as lágrimas que a cidade teve para dar ao longo de um ano. Nela se consubstanciaram as linhas e as formas que a cidade adoptou ao longo duma época. Hoje, em cinquentenário, aquilo que se celebra não é mais nem é menos do que isso: Lisboa em 1940 e Lisboa na maior festa colectiva das últimas cinco décadas. Um capítulo da cidade com a história por fazer, e conclusões irremediavelmente tocadas por um contexto adverso.

A recolha de informações e de testemunhos reduziu-nos, talvez, à simplificação da História, no

inevitável "flash-back": uma espécie de montagem surrealista de onde sobressaem, agora, os fragmentos "salvados".

O inventário exaustivo dos nomes e intenções divulgados em 1940 pela Comissão Nacional dos Centenários revelar-se-ia, hoje, menos significativo do que esses fragmentos. No balanço final, para quem "esteve lá", a Exposição do Mundo Português foi, sobretudo, a mistura dos sons, das cores e das formas que ilustraram uma época da vida de Lisboa. Nada disso é reproduzível em quaisquer imagens, nada disso se resume na explicação política ou no contexto que, só mais tarde, havia de adquirir.

Tal como o cinema português seu contemporâneo, a Exposição cumpriu, em círculo fechado, a época que propunha. Aquilo que a constituiu não

tem semelhanças possíveis no seu tempo futuro. Lisboa reviu-se nela necessariamente, em 1940. Artistas circunstanciais, que lhe deram o aspecto exterior, seguiram desígnios hoje aparentemente previsíveis. Políticos hábeis, que lhe conceberam a alma de cartão, definiram uma época como esperavam definir um Estado. Cinquenta anos depois, remetidas essa estética e essa "alma" para um tempo delimitado, uma única coisa escapa a qualquer catálogo: os tais risos e as tais lágrimas que Lisboa aqui trouxe. A cidade instintiva, subterrânea, que desfilou à beira do Tejo, fascinando-se com o seu próprio fascínio. Aquilo que não tem explicação fora da própria data que, hoje, aqui registamos: Lisboa - 1940.

Marina Tavares Dias

O coração estava na Praça do Império

Antes e durante a Exposição do Mundo Português, em 1940, foi distribuído à população um folheto de propaganda e informação a que hoje se chamaria «desdobrável» mas então ainda não tinha tal nome.

O seu grande tom geral pode ser melhor dado por palavras que lhe não pertencem. São do dr. Augusto de Castro, Comissário da Exposição, no discurso com que participou na soleníssima cerimónia de abertura, quando se referiu a Portugal: «Foi aqui uma das portas do Universo».

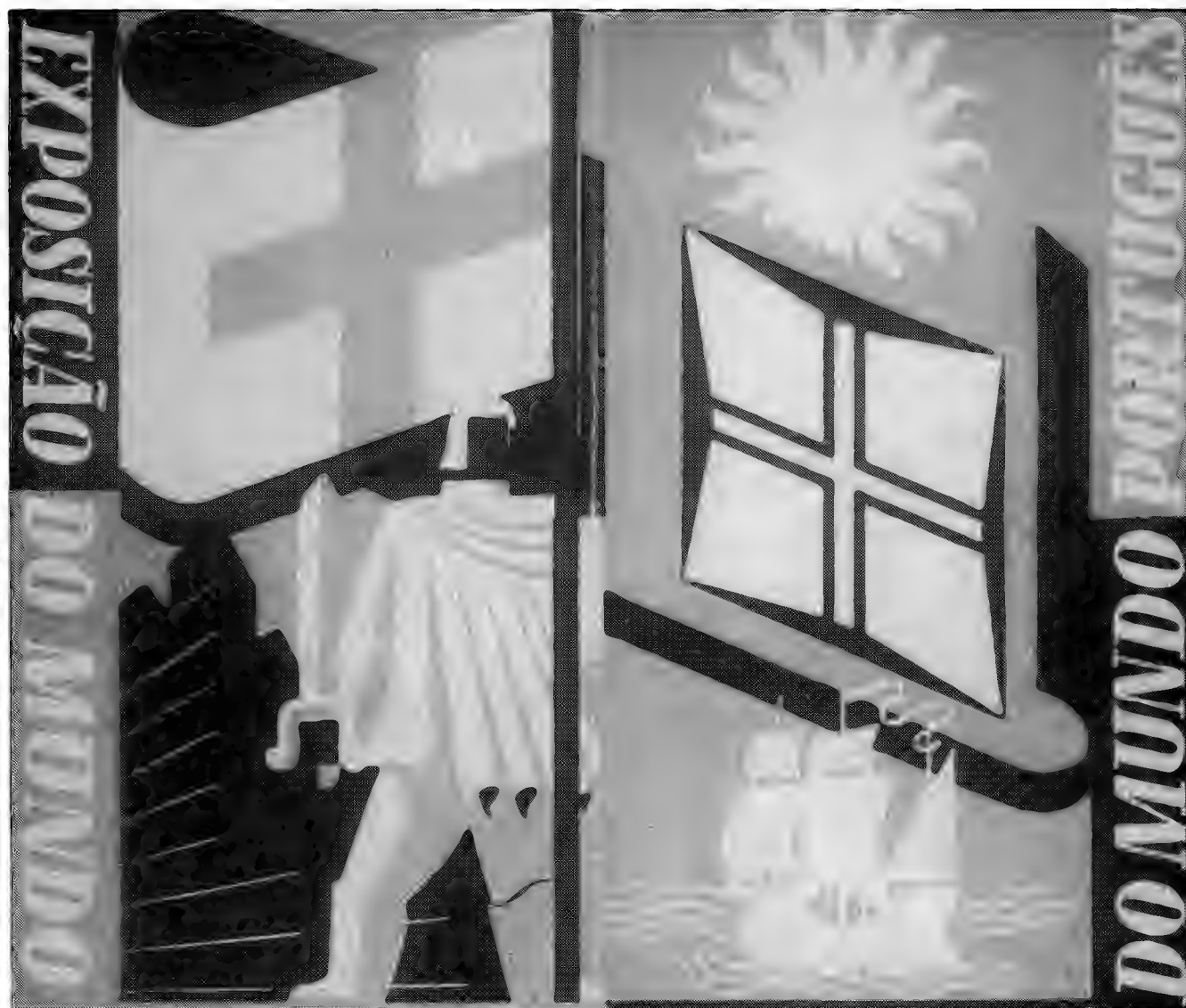
Portugal é universal, marinho e missionário de uma ponta à outra do folheto, de oito páginas, apresentadas dobradas sobre si próprias. Não se pode dizer, porém, que se notem excessos propagandísticos.

Há um Pavilhão Portugal 40, mas é apenas um entre dezenas. Salazar é mencionado uma única vez, logo no parágrafo de abertura, que é o seguinte: «...é (a Exposição) uma síntese da nossa acção civilizadora, da nossa acção na História do Mundo, mostrando, por assim dizer, todas as pegadas e vestígios de Portugal no Globo». E o autor do texto imediatamente acrescenta «Assim falou Salazar».

500 mil metros quadrados

Note-se uma ousadia gráfica na época. A página abre, à esquerda, com o título, em corpo grande e caixa alta, e o texto começa imediatamente em cima, da direita para a esquerda, mas com a primeira letra em caixa baixa (minúscula) como se o texto fosse meramente a continuação do título. Ainda hoje é proibido, nos jornais pelo menos. Mas a época de António Ferro está cheia destas e outras ousadias.

À parte isto, o folheto torna-



se descritivo, embora não fuja à designação de «o melhor», o «mais vasto» e o «mais alto» quando aplicada a várias construções da Exposição nem evite, noutros casos, os elogios ditirâmicos: «gosto requintado», «cenários maravilhosos», etc., nada que, aliás, não possamos ler, hoje, em publicações equivalentes.

Ocupando uma área de 500 mil metros quadrados, a Exposição tinha por coração a Praça do Império, cujos jardins e fonte luminosa foram construídos na ocasião.

Com os Jerónimos ao fundo, a praça projectava-se em relação ao Tejo por intermédio de dois grandes pavilhões laterais, o dos Portugueses no Mundo e o de Honra e de Lisboa. A ligação directa ao rio era feita pela Padrão das Descobertas, hoje reconstruído e pela Doca, também nova, onde ficou a Nau Portugal.

O Jardim dos Poetas

Quatro Portas Monumentais davam acesso à exposição, para um público que depois se espalhava pelas três gran-

des secções, grosso modo formadas por uma vintena de pavilhões, reconstruções de aldeias portuguesas, secções dos artesanatos, com artesãos a trabalhar no seu ofício, e por vários jardins, entre os quais «um encantador Jardim dos Poetas, onde eram lidos os poemas dos nossos grandes poetas».

Lembro-me de lá ter ouvido, uma noite, com estranhas iluminações e grande solenidade de fala, «coisas» que depois os meus pais me

explicaram serem «poemas do nosso Camões».

Na Secção Histórica, seis pavilhões eram o prato forte, abrangendo desde a Fundação, à Colonização e aos Portugueses no Mundo. No Pavilhão dos Descobrimentos, havia uma «grandiosa esfera rotativa das Navegações, iluminada pelos efeitos estranhos da «luz negra». No pavilhão Portugueses no Mundo estava «o rasto dos nossos maiores pelo misterioso Oriente, pela África selvagem, pela América dos

sonhos de ouro, pela Oceânia e pela Europa».

Viajar de comboio parado

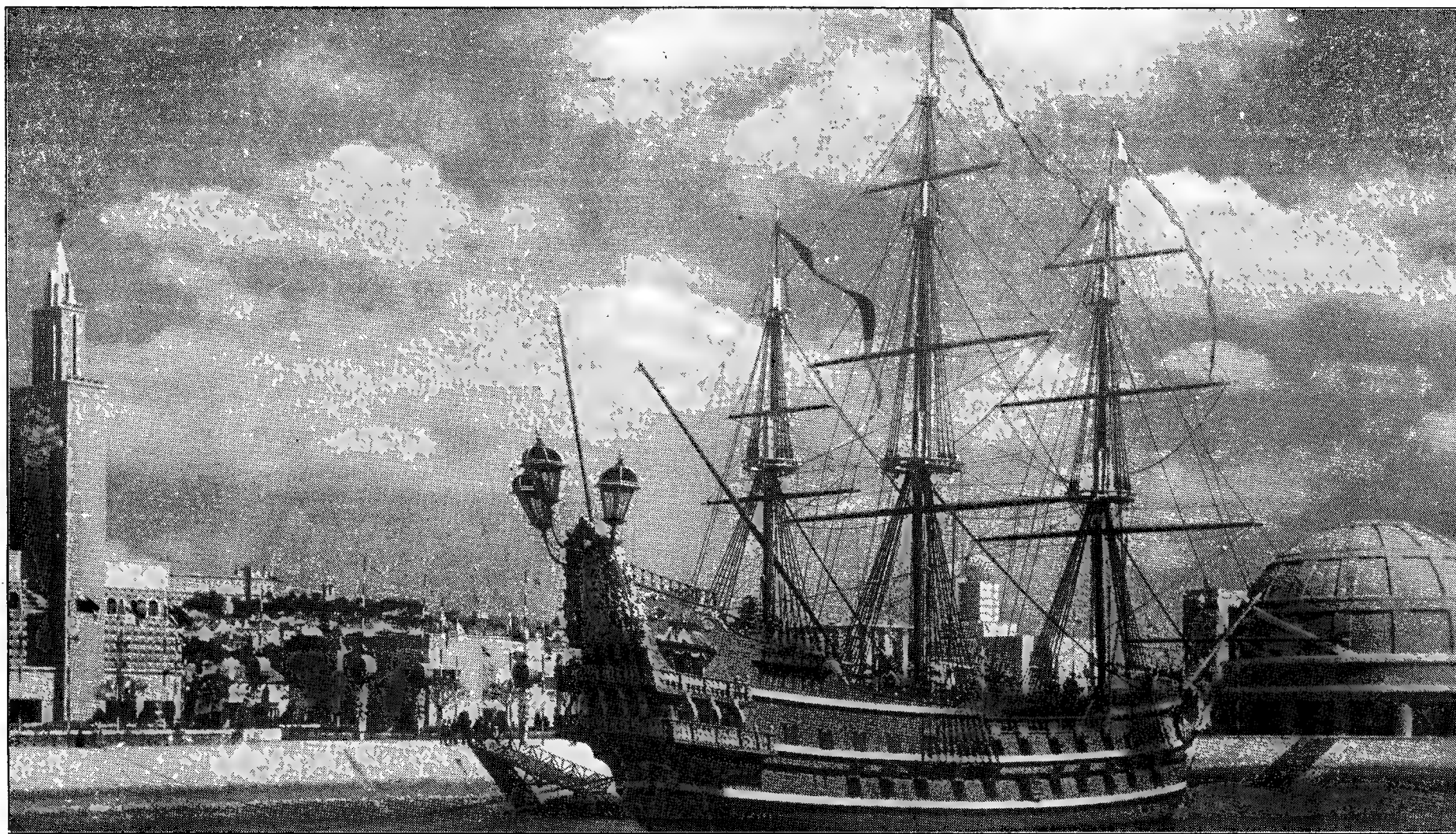
A menção ao Pavilhão Portugal 40 é discreta: «revista das realizações do Estado Novo». Mais prosa merece a Secção Colonial, com menção dos pavilhões das oito colónias então existentes, reconstruções feitas com «...um realismo que a presença dos seus naturais torna mais flagrante», merecendo a Índia e Macau ruas especiais, «quadros exuberantes da vida oriental, exuberantes de cor e estranheza».

No Pavilhão dos Caminhos de Ferro e Portos, o visitante, instalado numa carruagem, assistia ao desfile «como se viajasse de facto, das nossas mais belas paisagens e monumentos».

Ao Espelho de Água, logo em que se passeavam pequenas embarcações à vela, em torno do restaurante central e a «um vasto e complexo Parque de Atracções» juntavam-se as iluminações e os efeitos luminosos que, pelo menos na minha memória, dão razão ao folheto que tenho estado a citar, onde se diz que aos encantos da exposição não será alheia «...a amenidade de certas tardes e noites passadas à beira do Tejo, sob os efeitos de luz maravilhosos, que transformam pavilhões e jardins num grande incêndio policrómico, de conto de fadas».

Descendo do romantismo para a prática, havia no final do folheto uma lista de indicações úteis elaborada com pormenor e rigor - transportes, alojamentos, restaurantes, cafés e cervejarias, serviços de utilidade pública, entre os quais um de arrecadação de volumes de mão e, calcule-se, previsto e instalado... um parque de automóveis, em 1940.

P.D.



Ficou a Praça do Império, de toda a arquitectura efémera da exposição

Belém - 1940

A exposição que se inaugurou em Junho de 1940, em Belém, teve uma pré-história, com a ideia lançada, em 1929, pelo embaixador Alberto de Oliveira, pré-nacionalista dos tempos neogarretanos de fins de Oitocentos. Agostinho de Campos logo a tomou: havia que comemorar os centenários da Pátria e da Restauração daí a dez anos e Tomaz Ribeiro Colaço, em 1934, simulou, no semanário "Fradique" que dirigia, a notícia oficial duma grande Exposição Imperial para a data duplamente comemorativa.

Quatro anos depois, em Março, Nota Oficial houve, nesse sentido, emanada da Presidência do Conselho e minuciosamente composta por Salazar. Uma Comissão Nacional dos Centenários foi estabelecida em Outubro; seria presidida por quem apresentara a ideia (Oliveira faleceria, porém, antes das comemorações), e reuniria personalidades diversas, mais ou menos ligadas ao Estado Novo, presidentes das duas Academias, Dantas e Reynaldo dos Santos, directores dos dois museus nacionais, Couto e Sousa Lopes, o director do SPN, Ferro, o da Agência Geral das Colónias, Cayola, o homem da Exposição Colonial de 34, Galvão.

Dantas e Ferro, por outro lado se reconciliaram (bem passados os tempos do "Orpheu"...), na comissão executiva, presidente um, secretário-geral o outro; e o comissário-geral da exposição seria Augusto de Castro, com Cottinelli Telmo na direcção dos trabalhos de arquitectura, Matos Sequeira na coordenação histórica e Leitão de Barros na direcção dos "serviços externos". Excelentes equipas, ideologicamente fieis e tecnicamente capazes, como nunca acontecera e não voltaria a acontecer em Portugal. Uma "Revista dos Centenários" logo passaria a dar conta dos programas e realizações em marcha.

Por detrás de tudo, Salazar era, porém, "o grande criador histórico e político do facto nacional das comemorações", como escreve Cottinelli, sabendo bem quanto a exposição propriamente dita lhe devia, senão em ideia, em ideário. Exposição histórica, exposição do Estado Novo (ou seja "não apenas o Portugal de ontem mas o de hoje - de Carmona e de Salazar"; como logo apontou A. Ferro), exposição de arte (mas só "dos primitivos"),

exposição etnográfica das províncias d'aquém e d'além mar - ela seria, no seu conjunto, uma "exposição do espírito", como afirmava A. de Castro, em tempos que entretanto a guerra conturbava, dando assim maior razão ao "acto magnífico de fé", de "devoção" e de "exaltação" que o Chefe nacional apregoava, exorcismando todo "o espírito de tristeza e do mal", acaso persistentes no ânimo dos portugueses. Eram estes gente sem "idade", "agarrados desesperadamente à ilusão da sua felicidade", viriam Simone de Beauvoir e Saint-Exupéry, visitando-nos então...

A magna exposição coroava toda uma série de manifestações que a Nota Oficial previa também, e ordenava: numerosas obras públicas aceleradas ou concluídas, monumentos, festas e cortejos, publicações e álbuns, cerimónias solenes e satisfeitas em vários locais - glória dum regime que tinha catorze anos de vida e iria durar mais do que os seus homónimos, de Itália e da Alemanha, ou mesmo da Espanha franquista então recém-instalado. Glória em paz - que aliás parecia estar para se instaurar na Europa, sobre as ruínas das democracias então quase vencidas.

Como ia ser a exposição, não o saberia dizer Salazar, em termos estéticos, mas parecia assente que ele aceitaria um gosto actual que Ferro já pudera impor no pavilhão da exposição de 1937 em Paris e estava impondo no da de Nova Iorque, com os artistas treinados na vasta empresa do SPN. Dela, a Exposição do Mundo Português ia marcar o apogeu - assim como um primeiro grau de involução, exactamente no ponto em que a influência de Duarte Pacheco começara a contrariar a de Ferro, em nova época do Estado Novo e da sua capital do Areeiro...

Não, porém, da maneira como Arnaldo Resano, coronel e caricaturista, presidente duma Sociedade Nacional de Belas Artes então feudo naturalista e académico, entendeu em duas conferências verrinosas e sórdidas feitas ali, em Abril de 1939. Tratava-se de, acusando-os de extremistas russos, impedir que os "modernistas" recebessem encargo da exposição - isso com velados ataques a Ferro e grandes elogios a Hitler que varrera dos museus nazis toda a voz degenerada... Resano Garcia era porta-voz duma extrema-direita que não convinha

então ao regime, e Salazar foi aconselhado em sentido contrário de modo a que os pavilhões de Belém pudessem ser desenhados e decorados pelos novos artistas que Cottinelli Telmo naturalmente escolhia. Escândalo nas Belas Artes, uma conferência-resposta ali proibida a António Pedro, um notável número de "O Diabo" recolhendo opiniões dos intelectuais responsáveis contra os dizeres do coronel Resano, saldaram o incidente - e a Exposição do Mundo Português foi o que foi, entrando na história da arte nacional como elemento considerável, determinando o momento síntese dum modernismo que, amadurecido nos "independentes" de 1930, ali se apaziguava numa iconografia oficial em serviço monumentalista.

Assim fazendo, a exposição satisfazia e esgotava formulários, deixando para depois dela (e contra ela) uma nova revoadada de criação artística, de teor crítico, social ou romântico - e seriam, desde meados do decénio de 40, as reclamações dos jovens arquitectos reunidos em Congresso em 48, e as figurações contemporâneas dos jovens neorrealistas, e logo dos surrealistas, e em breve dos abstractos, numa "terceira geração" moderna que deixava em parte a "segunda" que colaborara em Belém, para tirar da "primeira", perdida então a memória de Amadeo, o que um novo Almada poderia dar-lhe nas pinturas da Gare Marítima da Rocha, ao termo da década. Porém, se "O Café", quadro famoso de Portinari, fora trazido pelos brasileiros ao seu pavilhão, com a notícia de uma pintura social logo significativamente evocada como modelo, ao mesmo tempo da exposição oficial outra se abria em Lisboa, de quem protestara contra o Resano e não participava nas paredes do Estado Novo: António Pedro, tendo ao lado A. Dacosta, numa escandalosa primeira exposição surrealista que em Lisboa se via. À "Pax Salazariana" respondia uma guerra de terrores e angústias, em imagens de aflição e violência que a guerra nazi inspirava - guerra dos outros, e de nós próprios, para além da hipocrisia do regime.

Em 1940, comemorando-se centenários da pátria antiga, e propagando-se benesses do governo recente, outra coisa se marcava também, de diferente e dura esperança, dos homens e do imaginário da sua cor possível...

Na praça de Belém, fechada pelos Jerónimos e aberta sobre o Tejo, encenou-se um espectáculo magnífico que Cottinelli ordenou. O pavilhão principal era dele, dedicado aos Portugueses no Mundo, sem grande imaginação arquitectónica, como se apenas quisesse deixar lugar para uma descomunal estátua da Soberania, academicamente devida a Leopoldo de Almeida. Defronte, e o melhor de tudo, o pavilhão de Honra e de Lisboa, foi dado a Cristino da Silva, que desenvolveu ali um desenho imponente com excelente inspiração manuelina sem "pastiche". Banais os pavilhões de Pardal Monteiro e de Carlos Ramos, entre os Descobrimentos e a Colonização, ou ainda mais, os de Rodrigues Lima, consagrados aos princípios da História. A vida popular e as aldeias portuguesas tiveram outras assinaturas, as de Veloso Reis e João Simões e de Jorge Segurado, e outras se espalharam pela secção colonial, pelo bairro comercial, pela cenografia da Lisboa Antiga, pelo parque das atracções de feira, pelos blocos plásticos da entrada da exposição, de Cottinelli - e pelo Padrão dos Descobrimentos, imaginado por Cottinelli e modelado por Leopoldo de Almeida que, em honra do Infante D. Henrique, se viu promovido a monumento nacional, por ignara decisão que o fez passar do estafe desculpável à pedra firme, e assim restar das ruínas da magna exposição. Melhor em estatutária, em todo o recinto, era com certeza, o grupo de D. Manuel, Gama e Cabral, de Canto da Maia que anda por aí aos baldões.

Ficou também a Praça, com o seu jardim decorado, de toda esta arquitectura efémera, coberta de pinturas alegóricas, de Almada e Barradas, de Botelho e Tom, de Lapa e Frederico George, de Kradolfer, de Lino António e Martins Barata ou Rebocho - tudo mais ou menos no "estilo português de 1940" em que Ferro tanto ingenuamente se empenhava.

Arquitectura de gesso e festa, numa "cidade histórica" que Augusto de Castro ali queria ver, cidade ilusória onde o Estado Novo se comemorava - a Exposição do Mundo Português faz agora mais anos que o próprio Mundo, entretanto devorado pela História. Esperando que dentro dela, outro possamos vir a fazer...

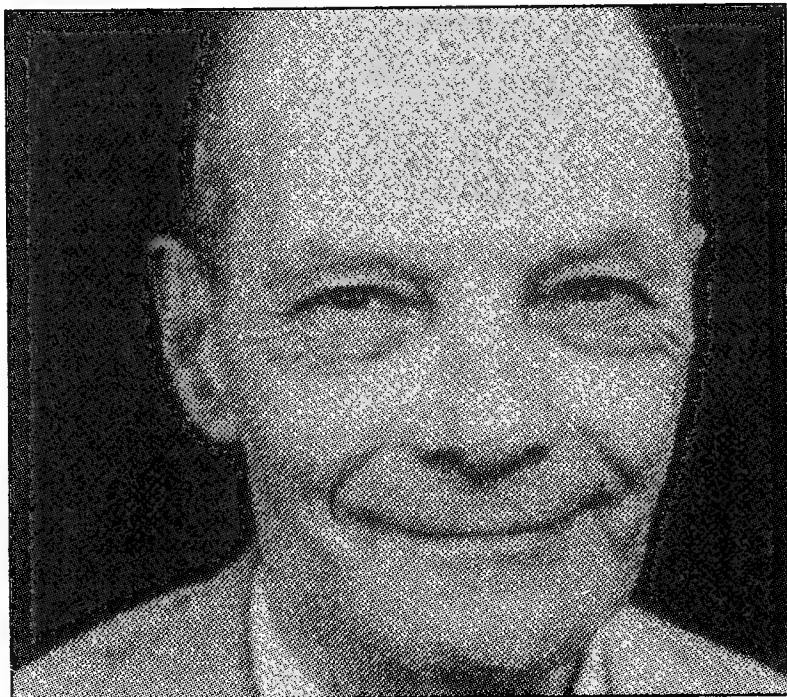
José-Augusto França

António Lopes Ribeiro

«A maior iniciativa cultural»

António Lopes Ribeiro, realizador e crítico de cinema, sempre se assumiu como elemento activo do antigo regime. Na altura, António Ferro, responsável pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI) pediu-lhe para realizar o filme «A Exposição do Mundo Português». Retirando-lhe a carga discursiva, de grande exaltação às virtudes do Governo salazarista em prol da «pujança da cultura portuguesa», o documentário, estreado em 1941, ainda deslumbra quem o vê. Insistiu em vir até ao DL trazer as suas memórias. Memórias de uma exposição que ele próprio imortalizou a preto e branco, durante 62 minutos, numa película de 33 milímetros. António Lopes Ribeiro é a lembrança viva daquela época. Um valioso testemunho, pois poucos dos que deram o seu contributo a esta iniciativa estão hoje vivos. Ficou irritado quando se referiu, durante a conversa, que a exposição tinha sido um panfleto político propagandista: «É mentira! Foi uma iniciativa puramente cultural, a maior de todas!»

O cineasta emociona-se: «A exposição era um retrato do mundo português e, recentemente, durante a exibição do meu filme na Cinemateca, políticos do actual regime elogiaram-na bastante». Para António Lopes Ribeiro a exposição foi um «espectáculo grandioso» do



presente e passado de Portugal. «O mais significativo do duplo centenário, da Fundação e Independência», acrescenta.

Lembra-se de correr o País, juntamente com Francisco Colares e Cardoso Pinto, a recolher elementos dignos de figurarem no Museu de Arte Popular, edificado por altura da exposição e que resistiu, de pé, todos estes anos em Belém. «Trouxe para o museu, entre várias coisas, os famosos figurinos com fatos regionais de Dalila Braga», diz António Lopes Ribeiro.

O regime orgulhava-se de ter conseguido levantar a exposição em 17 meses, sem falhas. Lopes Ribeiro conta, em jeito de anedota, uma versão menos perfeita dos acontecimentos: «No dia da inauguração, pouco tempo antes do presidente Carmona e o Chefe do Conselho, António Salazar, chegarem ao Pavilhão de Honra, as ruas estavam a ser calcetadas à pressa para os receber com toda a pompa e circunstância...»

O realizador e crítico de cinema vai repetindo, evocando um após outro, o nome de todos quantos trabalharam na Exposição do Mundo Português. Entre eles destaca Duarte Pacheco, Cottinelli Telmo, Gustavo Matos Sequeira, Júlio Dantas e Maria Keil. «Não se esqueça de acrescentar os outros, não gostaria de deixar alguém de fora», pede-nos, afirmando que «todos os grandes artistas portugueses, independentemente das suas ideias políticas, foram chamados a participar».

Não havia selecção política, a prova é que todos aceitaram!»

Da versão puramente cultural não abdica. Propaganda - diz - «interessava fazer em Paris, São Francisco e Nova Iorque. Em Lisboa, o povo já estava com o regime. Afinal, em tempo de guerra, Portugal era a única ilha de paz e segurança na Europa»

Paula Sá



50 AN

Elna Guimarães

«Um falso conto de fadas»

Elna Guimarães gastou parte dos seus 86 anos de idade a combater pelos direitos das mulheres. Por isso, ainda hoje se afirma feminista a «200 por cento». Foi uma das primeiras juristas portuguesas e lançou ideias incómodas para o conservadorismo do antigo regime. Viu na Exposição do Mundo Português «um conto de fadas destinado a evadir os portugueses da realidade da Europa e do próprio País».

A negra arca de cânfora, incrustada de marfim, adquirida no Pavilhão de Macau, há 50 anos, continua a decorar-lhe o corredor. É a primeira coisa que Elna Guimarães faz questão de nos mostrar quando a visitámos, assim como alguns objectos de filigrana também eles comprados durante a exposição.

A vivenda onde mora, perto do Museu da Marinha, veio a ocupar os terrenos onde se encontrava a reprodução das aldeias portuguesas. «Ainda me lembro de uma das casas minhotas, na qual um pobre casal de noivos tinha que aturar os indiscretos visitantes», diz a jurista com ar maroto. Não esconde o seu apreço pela exposição: «Foi a coisa mais linda que se fez. Nada semelhante à minúscula e mal organizada XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura.»

Elna Guimarães, o marido, Adelino da Palma Carlos, e os dois filhos costumavam ir jantar quase todas as noites ao Espelho de Água. Na altura, outro frequentador assíduo de Belém foi Saint-Exupéry, o célebre autor de «O Príncipezinho» e de «Vol de nuit». O romancista francês era um dos muitos refugiados em trânsito de Lisboa para os Estados Unidos.

A jurista lembra-se igualmente de ver Jaime Cortesão, acompanhado por um

agente da PIDE, numa visita aos pavilhões. Mas é da Nau Portugal que Elna Guimarães maiores saudades guarda: «Não calcula o efeito produzido pela ondulação artificial e a silhueta de Vasco da Gama projectada no posto de comando! Era uma coisa com uma grande poesia.»

Já a parte da exposição dedicada às então colónias portuguesas a chocou. Os indígenas eram exibidos, segundo as suas palavras, como animais numa jaula. «Até um homem com a têmpora de D. Aleixo, rei de Timor, que foi fuzilado pelos japoneses, ao recusar-se a arrear a bandeira portuguesa por altura da invasão do território, estava ali como um animal», recorda indignada e ironiza: «Estaria tudo muito bem se tivéssemos visto os governadores-gerais das colónias também em exposição!»

Elna Guimarães frisa, por outro lado, que o Governo salazarista não foi nada inocente ao manter a exposição durante vários meses. Para ela foi uma forma de «alhear o povo do que se passava na Europa e da terror possível invasão alemã». Só os refugiados faziam lembrar a dura realidade da guerra.

Evoca Júlio Dantas que, nas suas crónicas, dava conta das mudanças de hábitos introduzidas em Portugal, sobretudo, pelas refugiadas francesas. Em quinze dias, as burguesinhas lisboetas - antes recatas senhoras que iam tomar chá à pastelaria Bijou, trazendo a melhor fatiota - passaram a imitar as saias mais curtas e os cabelos arrepanhados num carrapito.

Quantas senhoras com «penteado à refugiada» não terão passeado pelo «Império» de Belém?

P.S.



RESTAURANTE

Michel



GARE MARITIMA

de ALCÂNTARA

Venha deliciar-se com a Ementa de Prova do Pescador, ou então provar uma larga variedade de Ementas Originais preparadas pelo MICHEL, para satisfazer os mais exigentes.

Aberto diariamente, das 12.30 às 15 h ou 19.30 às 23 h, excepto SÁBADOS ao almoço, domingos e feriados.

Faça a sua reserva através dos telef. 678576 • 676365 • Fax.: 678559



Fernanda de Castro «Era deslumbrante»

Participou na concepção e montagem da Exposição do Mundo Português. Ao lado do marido, António Ferro, Fernanda de Castro viveu intensamente os anos quarenta e aquele acontecimento em especial guardando na memória as imagens, os sons e os rostos da época em que o Estado Novo e Salazar conheciam momentos de glória. Apesar de se lembrar de pequenos pormenores, a escritora sublinha o facto de nos fazer este relato sem notas.

«Fui a diferentes exposições no estrangeiro. A de Paris em 1937, às de Nova Iorque e Califórnia, em 1939 e nenhuma delas foi tão bonita como a de Lisboa», diz recordando o grande evento. No entanto, e como lembra, o ambiente que se vivia na capital portuguesa era estranho porque ao mesmo tempo que havia a festa da Exposição «a alegria era ensombrada pelos horrores que se passavam lá fora e pelos refugiados que chegavam aos magotes a Lisboa sem um tostão para conseguirem passaporte para a América».

Mesmo assim veio muita gente para ver o recinto de Belém. «Lembro-me que naquela altura quase não havia uma cama livre em Lisboa, e por isso pernoitou em nossa casa o director do jornal «Temps» e o Vladimir Pozner que trouxe a mulher, a ex-mulher e as suas duas filhas. Um dia levei-as a passear pelo Chiado e quando parámos frente à Bénard elas ficaram maravilhadas com tantos bolos», conta Fernanda de Castro para ilustrar o ambiente que se vivia na altura.

Sobre a Exposição propriamente dita, a

escritora ainda guarda imagens muito vivas. «Recordo-me perfeitamente do cortejo do Mundo Português. A abrir vinha o régulo com uma pantera pela coleira, depois passavam Mandingas todos vestidos de branco com as cabaças e as armas gentílicas. Era deslumbrante», acrescenta.

Fernanda de Castro lembra ainda o episódio da visita extemporânea de Carmona ao recinto do Museu de Arte Popular: «Estava eu, Sarah Affonso e Maria Keil a arranjar as coisas quando nos anunciaram a chegada do Presidente da República. Só tive tempo de tirar o lenço da cabeça, pentear-me e ir recebê-lo».

Bernardo Marques, Ofélia Marques, Keil do Amaral, Thomaz de Mello (Tom), Paulo Ferreira, Maria Keil, Estrela Faria, Almada Negreiros são os nomes de alguns dos artistas (pintores) que a mulher do secretário da Comissão Nacional dos Centenários enumerava para ilustrar o leque variado de participações na exposição. «Havia uma plêiade de artistas que trabalhava em conjunto o que era muito importante. Eram coisas feitas com muita unidade. Hoje em dia fazem-se concursos e criam-se comissões, mas ali era uma equipa que trabalhava», afirma. Para Fernanda de Castro é impossível que se repita um acontecimento como o do início da década de 40. «O mundo mudou muito», diz. Negando a faceta propagandística ao regime que a Exposição assumiu, Fernanda de Castro prefere chamar-lhe acontecimento cultural.

Luísa Alexandra Botinas



Mário Neves «Artistas da Oposição»

Mário Neves, o primeiro jornalista a revelar ao mundo os massacres que se cometeram na Praça de Touros de Badajoz durante a Guerra Civil espanhola guarda algumas recordações da Exposição do Mundo Português.

Sem ter participado no acontecimento, recorda que muitos dos seus amigos, da Oposição, colaboraram na Exposição.

«Lembro-me que o Manuel Mendes, do grupo da Seara Nova que se considerava um 'opositor profissional' e que sempre lutou contra a ditadura participou na Exposição do Mundo Português, tal como o Bernardo Marques e Carlos Botelho», conta este jornalista.

De António Ferro, Mário Neves guarda a imagem de um homem estranho. «Um vanguardista que ficou deslumbrado com Salazar depois das entrevistas que lhe fez», acrescenta.

Jornalista na época da Exposição, Mário Neves explica como era difícil exercer de forma independente a sua profissão. Trabalhava na altura no «Diário de Lisboa» que tinha um público leitor republicano e anti-situacionista.

«Tínhamos grandes dificuldades. Havia censura prévia, e os censores, militares, eram tão estúpidos que na dúvida cortavam tudo. Eram contrapartida, o DL tinha uma característica que era a de se fazer compreender pelo seu público sem que os censores se apercebessem. Eles ficavam fúlos», conta ainda Mário Neves. E lembra Norberto Lopes que, com esse intuito,

criou uma secção, na qual comentava a actualidade. Na opinião do antigo director-adjunto do «Diário de Lisboa», o fim a que se destinava a Exposição do Mundo Português era «a propaganda do regime e mercê da participação dos artistas, que eram quase todos da Oposição, conseguiu-se atenuar e até contrariar essa tendência. Imprimiu-se uma nota artística e histórica à Exposição e algumas pessoas ficaram com a ideia que aquilo foi uma grande realização cultural».

A Exposição que segundo os seus autores, era o «testemunho e apoteose da Consciência Nacional», conforme se lê no discurso de Augusto de Castro, no dia da inauguração, «serviu mesmo para promover o regime» pois, no entender de Mário Neves, «Salazar era um pró-nazi que conseguiu evitar o confronto através de um jogo hábil».

Das imagens que permanecem nas memórias dos que assistiram à Exposição, a que mais vezes é citada é a dos negros «expostos» na «Secção Colonial». «Dominava naquela época (anos 40) uma mentalidade colonial. Não havia hostilidade para com os negros, as colónias eram valorizadas mas a igualdade racial era difícil de ser aceite. Mesmo pela Oposição. Há que não esquecer todavia, que foi para África muita gente de baixa condição moral que tratou muito mal os negros», conclui Mário Neves.

L.A.B.

NOS DEPOIS

Piteira Santos «Consolidação do regime»

Piteira Santos, um «velho» republicano, ex-membro do PCP, foi dos fortes opositores ao regime de Salazar. Fez parte da Frente Nacional de Libertação Patriótica (FNLP) ou chamado «grupo de Argel». Até há bem pouco tempo director-adjunto do DL, o professor de História, hoje reformado, fala de um tempo de guerra e de afirmação do poder de Salazar.

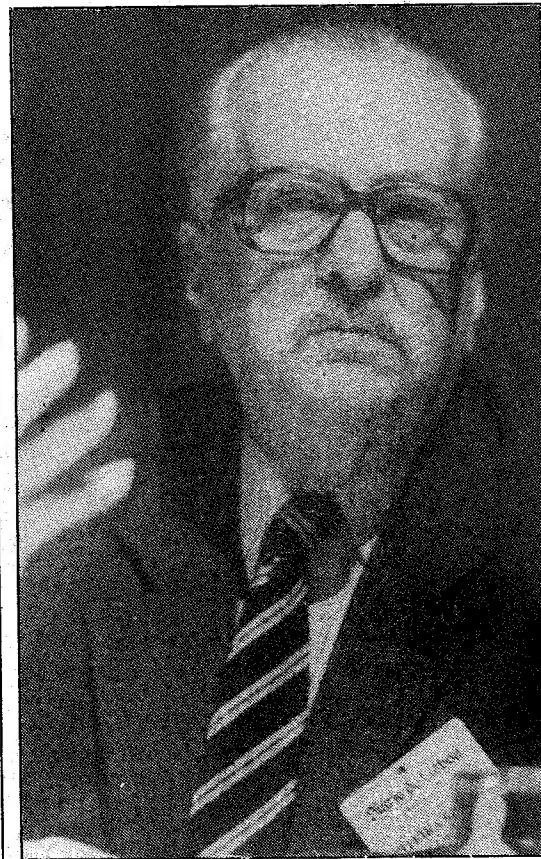
«Em Lisboa não acredito que houvesse alguém que não tivesse lá ido». Com esta frase Piteira Santos demonstra como a exposição foi um sucesso a toda a linha do regime vigente. Do acontecimento lembra, numa atitude crítica, a parte dedicada às então colónias portuguesas. «Pretendia-se recriar a vida das diferentes colónias e os indígenas foram expostos como se estivessem num jardim zoológico», refere.

Do ponto de vista artístico, o ex-director adjunto do DL afirma que os pavilhões tinham um certo valor, dado o importante leque de pintores, escultores, arquitectos e decoradores envolvidos na sua construção. Piteira Santos considera António Ferro, o «cérebro» da Exposição, um homem inteligente. Por isso, diz, «ele soube cativar muita gente com mentalidade oposicionista».

O acontecimento foi apresentado como um dever patriótico de afirmação da nacionalidade, numa Europa em guerra e invadida. Segundo Piteira Santos, 1940 era uma data-chave para o chefe do Governo. A Concordata, assinada com a Santa Sé, dois meses antes, confirma esta perspectiva. «Após 12 anos no Governo, Salazar chegava à fase da consolidação definitiva do poder. Serviu-se da exposição para demonstrar como conseguia manter em Portugal, o mais velho país da Europa, a paz e a pujança cultural num mundo destruído pela guerra. Ele arvorou-se intérprete dos grandes valores nacionais», afirma.

O Congresso Histórico, o acontecimento mais importante da exposição, na óptica de Piteira Santos, trouxe a Portugal significativas figuras internacionais e mostrou um regime desejoso de, temporariamente, conquistar a inteligência fosse qual fosse o seu «credo» político. A Jaime Cortesão, exilado no Brasil, foi permitido voltar a Portugal e intervir no congresso...

A atitude da Oposição parecia a de complot com Salazar. Alheada do facto dos naturais das co-



lónias serem considerados «cidadãos de terceira», enquanto na exposição eram apresentados como cidadãos de pleno direito do «império português». Para Piteira Santos esse era um paradigma vindo da I República. Norton de Matos e Vicente Ferreira foram, na sua opinião, figuras do colonialismo democrato-republicano.

Esta tradição manteve-se até aos anos 60, momento em que a esquerda portuguesa desperta para o problema da descolonização. Só nesta altura, Henrique Galvão - o mesmo que organizou, nos anos 40, a parte colonial da Exposição do Mundo Português - denuncia na Assembleia Nacional certos aspectos negativos da mesma política colonial.

P.S.



Maria Keil «Muita gente acreditava»

Tinha 26 anos quando participou como pintora-decoradora na Exposição do Mundo Português, mais precisamente no hall do Pavilhão dos Descobrimentos, onde fez «uns bonecos». Maria Keil como tantos outros artistas da Oposição encontrou na exposição uma oportunidade para se revelar. António Ferro ajudou, «era o único», diz. Do acontecimento em si recorda pouca coisa. «Era um horror, tudo fachada como tudo o que existia nos anos 40 em Portugal». Na sua opinião, estas coisas «serviam para deslumbrar o povo através de um patriotismo assanhado». Passados 50 anos sobre a Exposição e já com a distância a amenizar a emoção Maria Keil conclui que os tempos que se viviam na época eram «tempos difíceis». A percepção clara de que se vivia num mundo de ilusão e falsidade poucos a tinham. «Vivia-se mal, as pessoas não tinham trabalho, havia perseguições políticas», recorda a artista com certa amargura.

«Era tudo aparência e aqueles grandes pavilhões, aparatosos e pomposos

davam uma imagem grosseira. Era o regime, e não o povo português que queria fazer passar a ideia de que tudo estava bem no melhor dos mundos», explica Maria Keil.

«Muita gente acreditava nestas coisas, outras achavam que tendo trabalho estava tudo bem», acrescenta.

Sobre a vinda dos refugiados judeus para Lisboa, a pintora conta a propósito que se alteraram algumas mentalidades. «Lembro-me que que só depois da chegada dos refugiados as mulheres começaram a entrar nos cafés. Antes isso nunca tinha acontecido», sublinha.

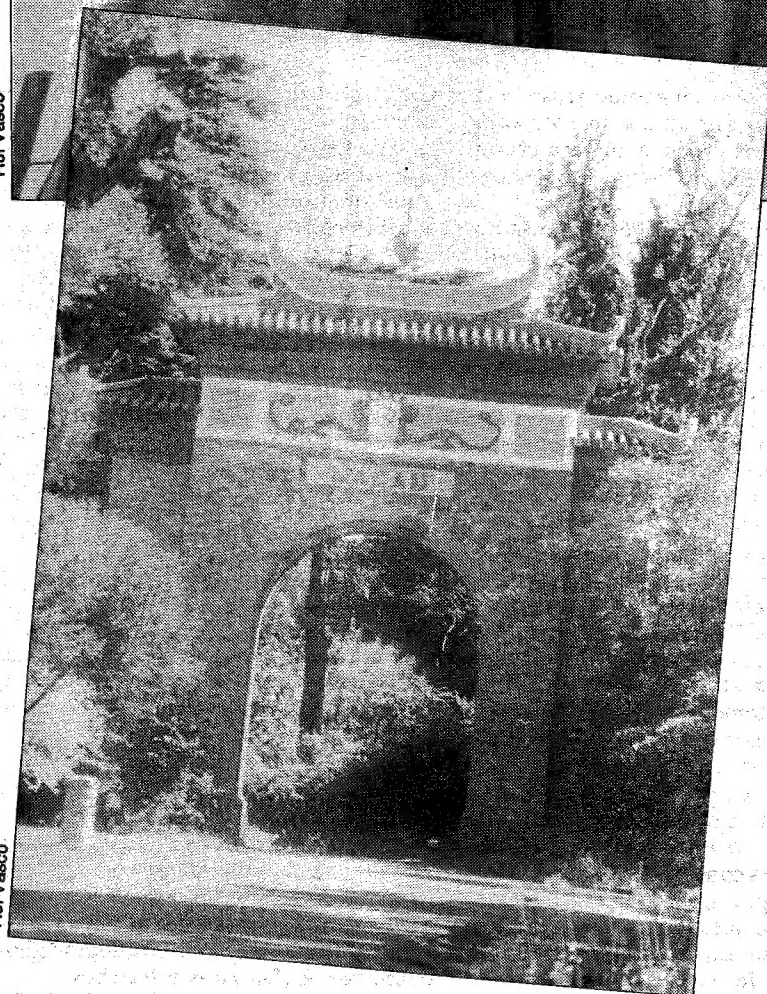
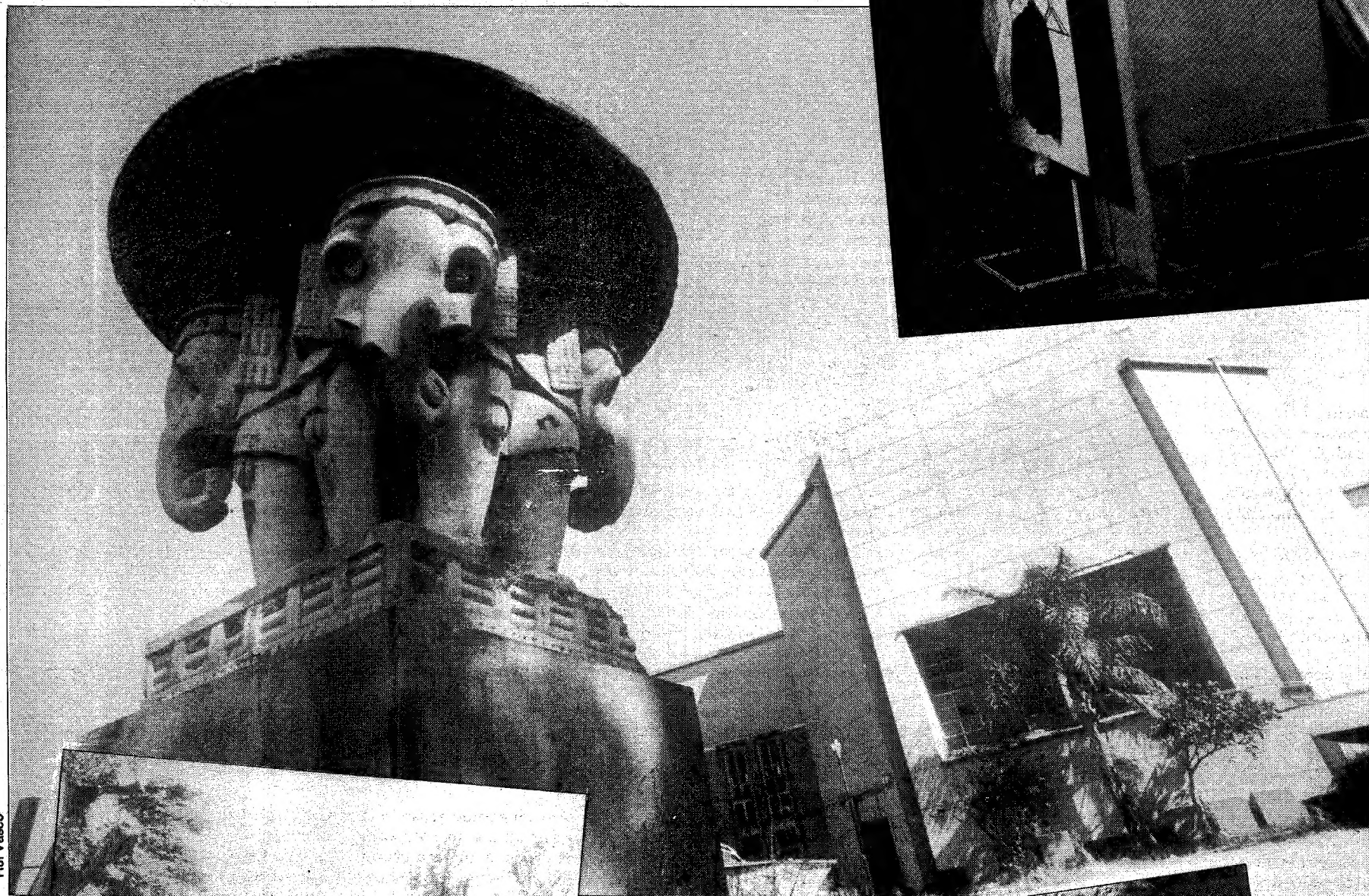
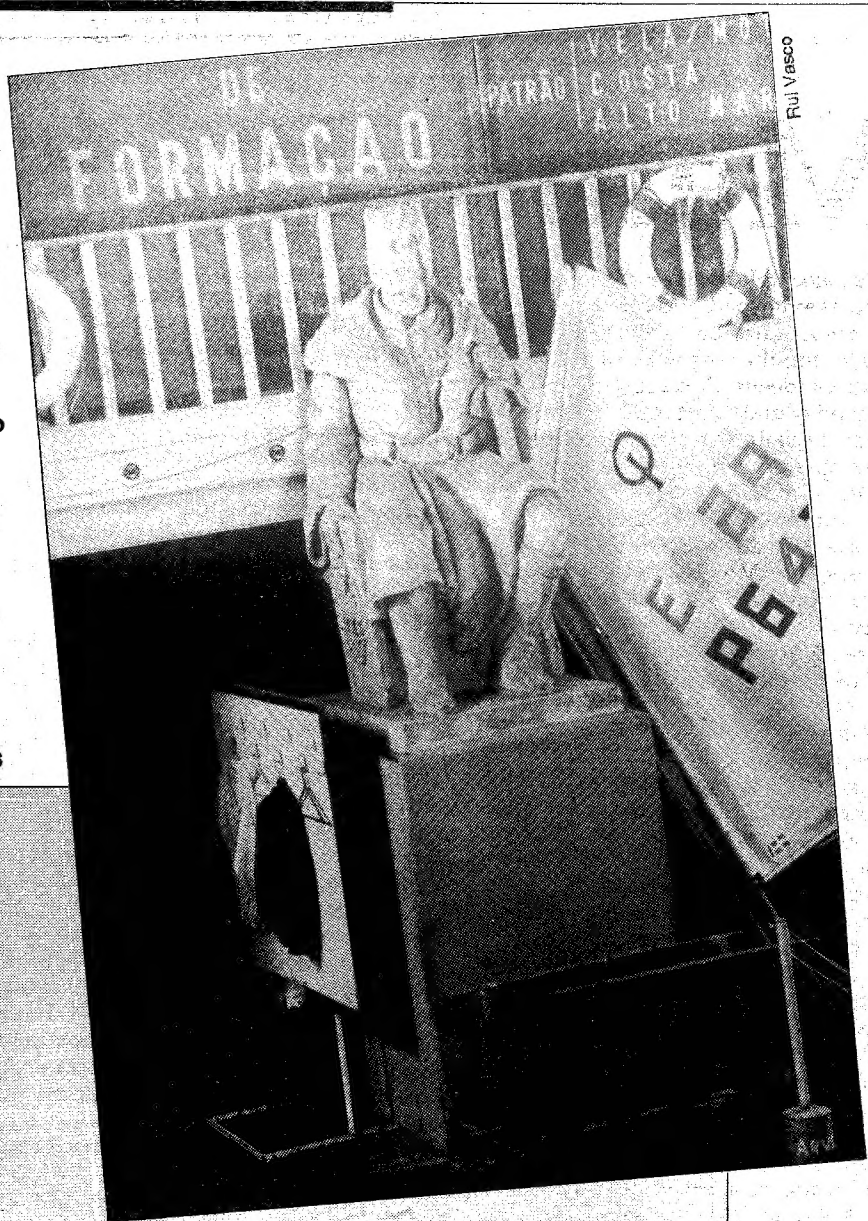
Analisando a vertente estética da Exposição Maria Keil considera que «o estilo não era nem sequer barroco, era deformado». Utilizando a grandiosidade e o pomposo, «o regime fazia sentir a sua presença a todos os níveis», conta a artista. «Havia a imposição de modelos estéticos. Na arquitectura dominava o modelo alemão», na versão portuguesa era quase «o releu enfeitado», conclui.

L.A.B.

«Já foste ver?»

Na zona de estacionamento anexa ao Clube Naval, os elefantezinhos do Império preparam-se para mais uma década de sobrevivência esquecida. Navegadores apeados da glória ornaram ainda os pavilhões que restam e, no Jardim Colonial, ficou a porta que outrora se abria sobre uma rua de Macau - hoje abre-se sobre um matagal. São as memórias da Exposição de 1940, ainda patentes para o visitante atento. Grande parte de todo esse esplendor provisório, perdeu-se, algures no tempo, algures num buraco de qualquer depósito do SNI. Ficou aquilo que se conhece e se sabe: a Praça do Império com a sua fonte e os seus cavalos de pedra; o padirão das Descobertas que deixou de ser de gesso em 1960. O resto, destinado ao efémero, foi envelhecendo sem glória. Lisboa esquece-se sempre de que não há futuro sem memória. A lembrança da exposição fragmentou-se, depois, no testemunho disperso daqueles que se lembram ainda ou que investigaram já. Outras histórias nos contam, agora, estas pequenas estátuas onde as aranhas - essas sim - teceram o fio da memória. Contam histórias de impérios perdidos, de caminhos de retorno e de um tempo em que Lisboa inteira se perguntava "já foste ver?".

Marina Tavares Dias



Memória de vidro

Os paleontologistas reconstituem remotas eras a partir da vértebra de um dinossauro. Eu habituei-me a reconstituir uma exposição a partir de um candeeiro. A exposição é (ou foi) a do Mundo Português, o candeeiro o seu único testemunho que me chegou às mãos. Antes de chegar, porém, deve ter havido lá em casa mil cuidados para que eu não lhe tocasse. A razão é simples: à data da Exposição do Mundo Português eu tinha meses e o candeeiro era de vidro.

Era e é, que ainda existe. "Souvenir" destinado a ser efêmero, comemora -também ele- agora o seu cinquentenário, na fragilidade da matéria -o vidro- encontrou a sua força. Não só nela, também na memória da própria exposição, de que, na infância, ouvi falar em múltiplas evocações domésticas, muito antes dela ter sabido por livros e autores.

Estes iriam dar-me da exposição um testemunho bem diferente do do candeeiro. Ele era o que era: um objecto que, funcional embora (ainda dá luz), apenas testemunhava, como a vértebra do dinossauro sobre a idade da Terra. Livros e autores diziam-me outra coisa, não tanto o que fora a exposição, mas o que ela significara, ou se pretendia significasse, tudo isso que se sabe, a glorificação de um regime político contra o qual eu iria estar com alguma precocidade.

Durante anos, assim, o candeeiro foi para mim algo como o reflexo de uma pessoal contradição. Possuí-lo era como um louvor póstumo à Exposição do Mundo Português, desfazer-me dele seria como deitar fora um pouco da família.

Para encurtar razões, digamos que das duas uma: ou a família pesou de mais, ou as minhas convicções políticas de menos nesta história do candeeiro. Porque a verdade é esta:

ele sobreviveu e, juntos, eu e ele, comemoramos agora 50 anos...boa parte dos quais olhando-nos de revés.

Mas sabe-se como o contrário da amizade é a indiferença, não outro sentimento qualquer, e eu a este candeeiro nunca fui indiferente. Mesmo na época em que éramos inimigos íntimos, eu "via" o meu pai, circunspecto, a comprá-lo com aquele desvelo de quem sabe, talvez inconscientemente, de que está a adquirir um testemunho da História com que vai decorar uma casa modesta.

É que a Exposição do Mundo Português, à parte o que significou, foi um acontecimento daqueles a que só se assiste a uma vez na vida. Dela se deve ter falado mil vezes nessa Lisboa de 40, dela se deve ter perguntado "já lá foi?", imagino o meu pai a responder que sim, com o orgulho de quem se sabe em dia com o que na vida acontece.

Eu nunca lá fui, à exposição, tão pouco minha mãe que ficava em casa a cuidar do menino (eu...), jamais (perturbador mistério) me entregou a alguém para poder ela própria ir ver do que toda a gente falava. Ela não foi, mas um tio meu da província veio duas vezes a Lisboa para ir ver a exposição, imagino a viagem de comboio para cá e para lá, imagino o que terá dito da capital chegado à terra como uma espécie de herói viajero.

Depois as coisas esquecem, e o candeeiro, esse, sempre sob o meu olhar inquisidor, foi arrumado para um canto. Até um dia em que o herdei. Por isso lhe ganhei estima. Com ele andei de casa para casa, de lugar para lugar, de poiso para poiso.

E ele agora aqui à minha frente, limpo do pó, liberto da patine do tempo, aparentemente tão novo como o quando o meu pai o comprou. Sempre pensei que, em miniatura kitsch, reproduzia o Padrão

dos Descobrimentos, mas hoje (só hoje!!!) reparo que não, ou não exactamente.

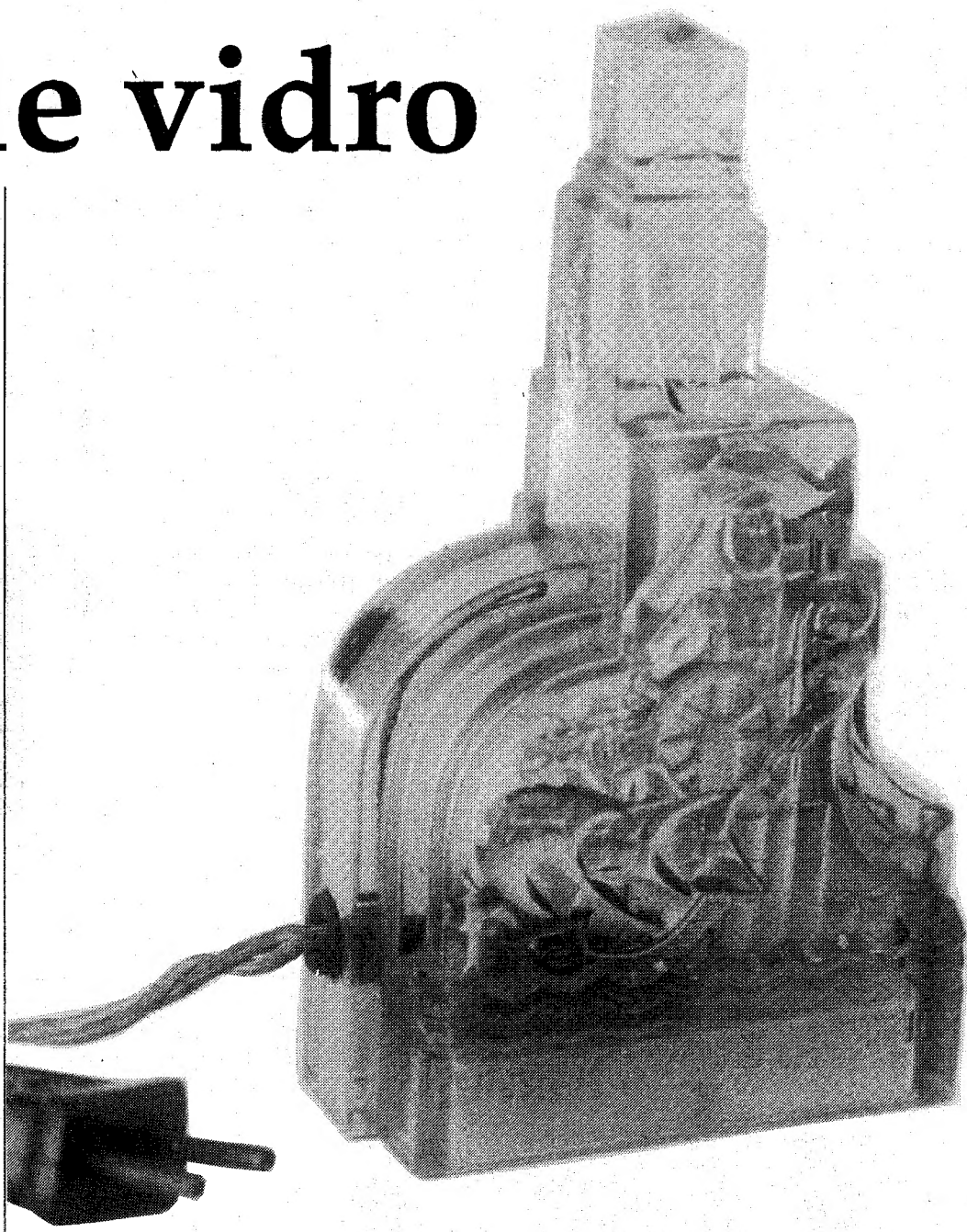
Do Padrão reproduz o lançamento modernista do conjunto concebido por Cottinelli Telmo, esquecendo, todavia, o academismo das horribes estátuas de Leopoldo de Almeida,

substituídas por um baixo relevo do Infante D. Henrique ao leme.

Os operários do Centro Vidreiro de Oliveira de Azeméis que, assim, anonimamente, assinam este objecto, sabe-se lá porquê, vingaram-se. Intimidados a reproduzir a História, subverteram a Estética. E eis como,

suportado, primeiro, como testemunho incómodo, estimado, depois, como objecto familiar, íntimo, com o meu candeeiro só hoje me reconcilio de todo. A minha memória de vidro de uma feira de vaidades é melhor do que o real.

Rodrigues da Silva



Francisco Paraisc

Importantes foram os autocarros

A encomendada tarefa de escrever esta crônica custou-me a morte de uma ilusão. Durante 50 anos acreditei firmemente que tinha ido à inauguração da Exposição do Mundo Português, em 1940. Era meu orgulho e, com o passar dos anos, tornara-se uma das poucas graciosidades de ser velho. Mas memórias com cinquenta anos podem ter falhas, por isso, antes de escrever fiz duas ou três breves investigações junto de quem sabia a história real. Aí foi o balde de água fria: as minhas memórias não batiam certo com a realidade histórica. E os culpados de tudo isto foram os autocarros.

Mas vamos à parte da memória que não consta dos arquivos e depende unicamente da minha autoridade. Houve um dia. Levantei-me cedo, mais cedo do que quando ia para a escola. Em Agosto de 1940 tinha sete anos e acabara de passar para a terceira classe. Dos sapatos não me lembro. As meias eram brancas, cinzento o calção até ao joelho, camisinha de Verão com manga curta e, sobretudo, de notável, o boné de palhinhas amarelo claro. Íamos visitar a Exposição do Mundo Português, inaugurada no anterior Junho. Levávamos merenda. Era aventura para o dia inteiro.

Reserva de pirolitos

Uma grande viagem estava à nossa frente ao sairmos de casa, eu e minha Mãe. Morávamos na Rua Carlos Mardel, próximo da actual Praça do Areeiro, que então não era mais do que um descampado habitado por ciganos.

Viajar até Belém pressupunha coragem e grande motivo.

Da viagem, vejo na memória a corrida pela Junqueira fora, num dos grandes eléctricos abertos de então, com todos os estores do lado esquerdo descidos, para nos defender do sol, e tremendo ao vento da «velocidade». Antes havíamos parado numa tasca de entre Alcântara Terra e Mar (que hoje ainda lá está, à beira da linha de caminho de ferro), para nos refrescarmos com pirolitos e deles fazer reserva para a merenda, mais tarde.

Aproveitemos a parte «pirolito» desta memória. Merendámos à sombra de uma das árvores da Praça do Império, sobre um dos bancos de pedra que ainda lá estão. Para bebermos os pirolitos, em acompanhamento das sanduíches e das peças de fruta que levávamos, eu tinha um copo de vidro e a Mãe um copinho de cristal.

Malefícios da guerra

A primeira grande impressão da Exposição do Mundo Português nada teve, no entanto, a ver, para mim, com as grandezas e glórias dos nossos antepassados. A maravilha foram os autocarros.

Lindos, verde-escuro, sóbrios, inspirando a ideia de potência e eficácia, assentes sobre as quatro patas das rodas com a firmeza do elefante, brilhando ao sol na tinta fresca, com janelas esquisitas (que mais tarde detestei), correctamente alinhados à entrada da Exposição, pareciam esquadra naval pronta para a guerra (já então os barcos me interessavam).

Explicaram-me que eram «autocarros» (não eram camionetas), que andavam para cá e para lá como os eléctricos e que era esta a primeira vez que eles apareciam em Lisboa. Interessante.

Interessante sim mas também a causa da morte da minha ilusão de ter ido à inauguração da Exposição do Mundo Português. Procurei confirmar, junto da Carris, se, de facto, esses primeiras autocarros de Lisboa tinham estado à porta da Exposição no dia da inauguração ou da abertura ao público. A resposta foi de uma gelada correcção histórica: «Não, os seis autocarros ingleses AEC só apareceram em Agosto porque, embora encomendados para Junho, os problemas da guerra atrasaram o seu transporte. Posso dizer-lhe que de Agosto até Dezembro, mês do encerramento da Exposição, eles transportaram dos Restauradores para Belém, e no sentido inverso, 219.168 passageiros.»

O meu baptismo de autocarro

Ora a minha memória era firme: eu tinha visto os autocarros na minha primeira visita à Exposição. Portanto foi a ilusão que teve de ceder. Não fora à abertura da Exposição. Mas como recordo ter regressado, um dia, num deles, no que foi o meu baptismo de autocarro, resta-me a consolação de ter sido um dos tais 219.168 passageiros.

A partir daqui, desta magna questão dos autocarros, misturam-se as memórias da primeira visita e das visitas posteriores.

Os comboios eléctricos, conjuntos de peque-

nos atrelados, sobre pneus, que partiam do grande empedrado que ainda hoje existe ao lado da Estação Fluvial de Belém (outra construção da Exposição). Neles se podia dar uma volta completa à Exposição ou ir só até às estações previstas: Pavilhão dos Descobertos, Os Portugueses no Mundo, Nau Portugal, etc. O funicular, espécie de teleférico, que circulava, talvez a dez metros de altura, no Jardim Colonial e que me permitiu ver, de cima, as cubatas e os respectivos pretos que, de lanças na mão, representavam o nosso Império de então. Vi tantos que duvidei se eles eram realmente pretos. Não seriam pintados? O meu pai respondeu-me, com uma ponta de solenidade, que não eram pintados, não senhor, que eram pretos autênticos, do nosso Império.

A Nau Portugal pareceu-me desproporcionada. Já tinha então algumas ideias firmes sobre o que eram barcos e a nau não me convenceu. Embora o meu Pai me dissesse que dantes os barcos eram assim e navegavam, fiquei-me na minha de que a nossa velha «Sagres» de então ou os vapores que visitava nas docas eram muitos mais barcos do que «aquilo». Aliás, a pobre nau sofrera a desdita de se virar mal fora lançada à água.

A verdadeira maravilha, essa sim, eram os efeitos de cor na Fonte Luminosa. Brancos e rosa, misturando-se nos jorros central e laterais. Com os Jerónimos por fundo, em amarelado, encantavam os olhos. Creio que ainda hoje os posso ver. A eles e aos autocarros.

Paulo David

O futuro da Praça do Império

A aprazível zona de Belém tem sido, ao longo dos tempos, palco de importantes manifestações culturais. A Exposição do Mundo Português e o futuro Centro Cultural, actualmente em construção, são dois dos mais importantes exemplos. A devastação provocada pela Exposição nas edificações existentes na zona foi, porém, menos gravosa que aquela que o projecto do Conselho da Europa está a levar a cabo.

O terreno onde hoje se está a construir o Centro Cultural de Belém albergou, em 1940, o pavilhão nº 11, dedicado ao «Portugueses pelo Mundo», que era o maior e mais imponente de toda a exposição. O seu tamanho parecia ainda mais descomunal quando comparado com o do seu vizinho, o Palácio Real da Praia, cujo Pátio Nobre foi aterrado para a construção do pavilhão.

Os alicerces da edificação assentavam sobre as estruturas do pátio sem, todavia, as destruir. «Nesta zona específica, a Exposição do Mundo Português serviu-se de um espaço mas não o esvaziou, enquanto que o Centro Cultural de Belém está a destruir todos os vestígios de construções anteriores», explica Clementino Amaro, arqueólogo do Instituto Português do Património Cultural.

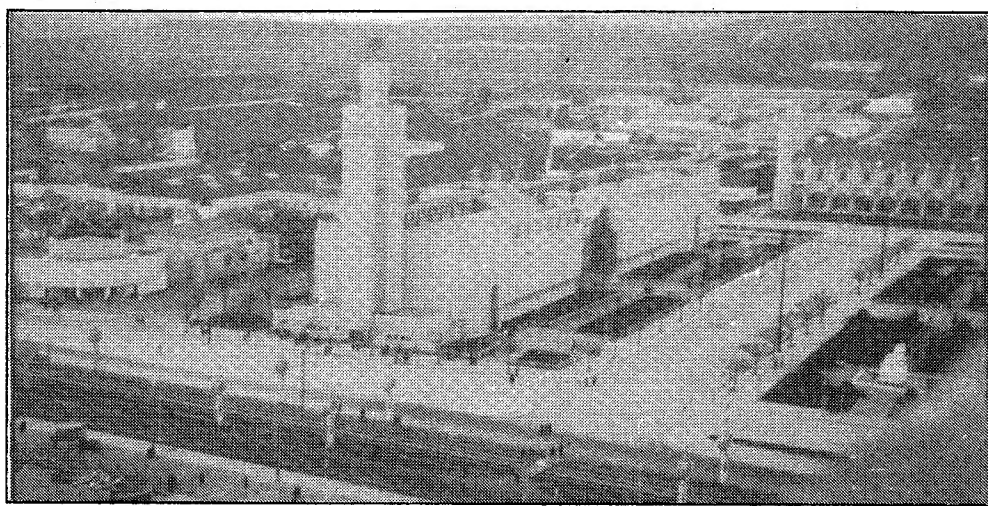
Esta regra não se pode, todavia, aplicar a toda a zona abrangida por aquela iniciativa megalomana do Estado Novo. Na verdade, Duarte Pacheco mandou arrasar um quarteirão inteiro, situado frente à capela-mor do Mosteiro dos Jerónimos, só para que a Praça do Império pudesse ficar mais desafogada.

As exigências de alargamento e transformação arquitectónica da Praça do Império estiveram, mais tarde, na origem da demolição do próprio pavilhão nº 11.

Ao avanço dos tempos resistiu apenas a Estátua da Soberania que, em 1960, por altura da inauguração da versão definitiva do Padrão dos Descobrimentos, ainda permanecia de pé, embora já muito danificada.

Centro Cultural mais arrasador

Quem não está a ter piedade dos seus antecessores é o Centro Cultural de Belém. Inicialmente, tudo parecia correr da melhor forma. Ao ser decidida a localização do centro, o IPPC apresentou um projecto de intervenção arqueológica, consciente que estava



Local da Praça do Império onde está a ser construído o Centro Cultural de Belém. Em 1940, esteve aqui o pavilhão dos Portugueses no Mundo. Note-se, atrás, a encosta por urbanizar

da riqueza escondida por baixo daquelas terras. O facto de ali existir o Mosteiro de Santa Maria de Belém fez com que a zona tivesse sido frequentemente fotografada e pintada ao longo dos tempos, o que permite ter um conhecimento exacto do que ali existia.

Duas edificações eram especialmente visadas: o Palácio Real da Praia, mandado construir no segundo quartel do século XVI por D. Manuel de Portugal, o mesmo que mandou erigir, em 1576, a actual residência oficial do Presidente da República; e a muralha que delimitava as margens do rio Tejo, mandada construir em 1685 juntamente com os cais de atracagem.

Durante oito meses, uma equipa chefiada por Clementino Amaro trabalhou no desaterro das duas edificações, na esperança de que os seus achados fossem, posteriormente, integrados na nova construção. Do palácio, destruído em 1962 para dar lugar a um viveiro de plantas da Câmara Municipal de Lisboa, já pouco restava, não se prevendo, portanto, que pudesse escapar ao arrasamento total.

O mesmo não acontecia, contudo, com a muralha, que se encontrava num estado de conservação notável e cuja importância histórica é incontestável, não só pela função que de-

sempenhou na defesa do Mosteiro dos Jerónimos, numa altura em que a subida das águas do rio o punham em perigo, como também pelo seu valor simbólico de ligação da cidade ao Tejo, um tema tão caro aos dirigentes actuais.

Parque de estacionamento substitui muralha

«Quando terminámos os trabalhos, em Maio de 1989, foram-nos solicitadas informações sobre o posicionamento da muralha para aferir da viabilidade da sua integração no novo edifício», recorda Clementino Amaro. «Infelizmente, concluiu-se que tal não era possível pois, naquele local, estava projectada a construção de um parque de estacionamento subterrâneo, que abrangia não apenas a muralha como ainda o que restava do Pátio Nobre do palácio».

A notícia apanhou de surpresa a equipa de intervenção arqueológica, convicta de que o projecto só seria totalmente concluído após a apresentação dos resultados das suas escavações.

O arquitecto responsável pelo projecto propôs, então, que o troço final da muralha fosse removido e, posteriormente, instalado no parque interior do módulo de exposições,

ao mesmo tempo que o traçado original ficaria assinalado no chão do parque de estacionamento.

«Sempre que o património muda de sítio perde um pouco do seu valor e da sua carga simbólica», considera o arqueólogo, convicto de que a proposta do arquitecto, embora minimize o impacto, não soluciona da melhor forma a integração dos achados arqueológicos. A parte da muralha a ser remontada foi, entretanto, submetida a um levantamento estereofotogramático, que permitirá a sua remontagem exacta. Os restantes 80 a 100 metros de muralha desaterrada foram, pura e simplesmente, destruídos por um *bulldozer*.

História de Belém em exposição

No que se refere aos objectos encontrados na lixeira do palácio, existe a hipótese de virem a ser expostos no Centro, num espaço museológico destinado a recordar a história daquele local, e no qual se prevê que figurem, ainda, gravuras, quadros e documentos relativos ao mesmo espaço.

As peças mais significativas - especialmente louça francesa, inglesa e portuguesa dos séculos XVII, XVIII e XIX - estão agora a ser tratadas e restauradas, de forma a que, em 1992, quando o Centro for inaugurado, exista um lote significativo de peças prontas a serem expostas. Esta proposta, apresentada pelo IPPC, não foi, até ao momento, passada a escrito, não havendo, portanto, garantias de que será executada.

A equipa arqueológica tinha ainda intenções de proceder ao levantamento da planta do palácio, bem como das diversas adaptações que foi sofrendo ao longo dos séculos, o que permitiria enriquecer o estudo da arquitectura palaciana portuguesa. O atraso das obras não permitiu que isso fosse concluído, havendo apenas plantas da ala Norte e Nascente do palácio.

Apesar da intervenção atempada que o IPPC fez neste local não conseguiu, o património histórico daquela zona acabou por não ser totalmente salvaguardado. Belém parece ser, assim, uma zona «condenada» a albergar iniciativas culturais que, pela sua monumentalidade, arrasam ou submergem o que existia antes.

Dina Soares

Plano de salvaguarda

Onde há 50 anos se instalou parte da Exposição do Mundo Português ficará dentro em breve o Centro Cultural de Belém. Será em 1992 a sede do Conselho da Europa e ali decorrerão exposições, concertos e colóquios. Este é o projecto de, que se planeia para a zona de Belém. Além do Centro, espera-se (ainda nada de concreto está decidido) que a linha férrea e a própria Avenida da Índia sejam enterradas, precisamente naquela zona (entre as praças Afonso de Albuquerque e do Império).

Enquanto que o projecto do Centro está directamente relacionado com a iniciativa governamental, decorre simultaneamente a apreciação do Plano de Salvaguarda para a zona de Ajuda-Belém encomendado pelo Instituto Português do Património Cultural, IPPC, ao professor Costa Lobo e no qual está previsto precisamente o enterramento daquelas duas vias.

Por seu turno, a Câmara de Lisboa tem estado a acompanhar o andamento do plano que se encontra numa comissão de apreciação. Esta emitirá em breve a aprovação definitiva.

O Plano incide sobre áreas claramente delimitadas no terreno. Denominada zona monumental de

salvaguarda, a área é circunscrita a sul pelo Tejo, a norte pelo Bom Sucesso, Mosteiro dos Jerónimos e Calçada da Ajuda (Palácio), a nascente pelos edifícios que compõem a Rua da Junqueira, até ao Palácio Burnay, incluindo o edifício da Cordoaria Nacional. No plano está ainda prevista uma área de protecção que terá um alcance variável até cerca de 100 metros para além desta linha. Iminentemente de salvaguarda, o plano estão definidas algumas regras sobre os materiais a utilizar na recuperação de edifícios, os cuidados relativos às cercas e volumetrias, o aproveitamento dos logradouros ou o tipo de ocupação que deverá ser predominantemente residencial.

Assim, por exemplo, as caixilharias das janelas deverão ser sempre em madeira evitando-se o alumínio anodizado. As cores a aplicar nas pinturas exteriores dos prédios obedecerão a parâmetros tradicionais (o rosa e o amarelo) e os néons dos anúncios publicitários a pouco e pouco vão desaparecer.

Com as medidas estipuladas procura-se evitar que se repitam episódios como que se registou há 50 anos quando Duarte Pacheco destruiu um quarteirão inteiro em Belém propositadamente para a Exposição do Mundo Português.

Por pouco esteve para ir na vagem a celebérrima Casa dos Pastéis de Belém. Valeram as influências do proprietário junto da hierarquia religiosa que conseguiram evitar o pior.

Em traços gerais esta é a visão antecipada do que deverá ser a zona de Ajuda-Belém daqui para o futuro. Além do Centro Cultural não estão previstos novos projectos para aquela área da cidade. Não se exclui, todavia, a hipótese de elaboração de um plano de pormenor. Prevê-se a classificação como edifícios de interesse concelhio ou público de alguns imóveis.

A casa do Governador da Torre de Belém, o Convento do Bom Sucesso, a Cordoaria Nacional, os bastiões que restam do Palácio do Marquês da Angeja, algumas casas nobres da Rua da Junqueira e a Igreja dos Salesianos são alguns dos que fazem parte da lista.

Apesar do Centro Cultural alterar substancialmente o ordenamento da zona de Belém procura-se acautelar a parte que não é abrangida pela construção daquela estrutura. «Pretende-se que, acima de tudo, a Praça do Império mantenha a sua actual configuração», disse ao DL um técnico da edilidade lisboeta.

L.A.B.



O Padrão das Descobertas resistiu. Em 1960, o original foi substituído por um definitivo, de pedra